



JESUS CRISTO

Filho do Homem

Filho de DEUS



THIAGO BRAZIL, VERÔNICA ARAUJO,
TELMA BUENO, THIAGO SANTOS
E MARCELO OLIVEIRA

JESUS CRISTO

Filho do Homem

Filho de DEUS

THIAGO BRAZIL, VERÔNICA ARAUJO,
TELMA BUENO, THIAGO SANTOS
E MARCELO OLIVEIRA

1ª Edição



Rio de Janeiro
2019

Todos os direitos reservados. Copyright © 2019 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Verônica Araujo

Adaptação de capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 230 - Cristianismo

ISBN: 978-85-263-1975-2

ISBN digital: 978-85-263-1990-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2019

SUMÁRIO

1. A Necessidade de um Salvador
2. A Humanidade de Jesus Cristo e a sua Deidade
3. O Ministério de Jesus
4. O que Cristo Fez por nós
5. Os Títulos de Jesus Cristo
6. Eu Sou Jesus
7. O Senhorio de Jesus Cristo sobre os Demônios
8. A Obra Salvífica do Senhor Jesus Cristo
9. A Salvação Ofertada por Jesus Cristo
10. Aspectos da Obra Redentora de Jesus Cristo
11. A Cura Divina no Ministério de Jesus Cristo
12. O Código de Ética de Jesus
13. A Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo

CAPÍTULO 1

A NECESSIDADE DE UM **SALVADOR**

Por Marcelo Oliveira de Oliveira

INTRODUÇÃO

O ser humano caiu e precisa desesperadamente do Salvador. Deus não ficou impotente diante da queda do homem, mas de imediato apresentou-lhe o Plano da Salvação eterna. Esse plano foi anunciado pelo próprio Deus e pelos santos profetas no Antigo Testamento. No Novo Testamento, cumpriu-se a promessa. E, assim, o mundo conheceu a maravilhosa luz que alumia a todos os homens. Jesus Cristo foi revelado como o Filho Unigênito de Deus.

Neste capítulo, nosso objetivo é introduzi-lo à cristologia bíblica, mostrando-lhe por que foi necessária a vinda do Salvador ao mundo. Compreender o Salvador é alcançar o sentido da vida. Encontrá-lo, é identificar o supremo bem da vida. Porfiemos, então, por amar mais ao Senhor Jesus Cristo e imitar o seu exemplo: nisso consiste a verdadeira felicidade.

I – A QUEDA E A PROMESSA DE UM SALVADOR

A Bíblia traz uma mensagem de esperança. Tudo começou no Éden, onde a tragédia humana se instalou e o cuidado de Deus se

revelou. Desde o início, o Deus Criador foi em busca do ser humano, a obra-prima da criação.

Éden: onde tudo começou

O livro de Gênesis revela a origem do ser humano, no qual Deus, o Criador de todas as coisas, delineou um lugar especial para que o homem o administrasse: o Jardim do Éden. Nesse lugar, a árvore da vida estava disponível a nossos primeiros pais e tudo quanto Deus havia criado (Gn 2.8). A exceção era apenas uma: a árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao ser humano não era autorizado o comer da árvore: “E o SENHOR Deus ordenou ao homem: — De toda árvore do jardim você pode comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não deve comer; porque, no dia em que dela comer, você certamente morrerá” (Gn 2.16). Nesse sentido, o livro mostra a soberania de Deus sobre a sua criação, bem como sua maravilhosa bondade e favor ao arquitetar um plano, a fim de que o ser humano executasse o propósito divino. Entretanto, no jardim, algo de muito errado ocorreu.

Um dos temas centrais do livro de Gênesis diz respeito à entrada do pecado no mundo e o seu impacto sobre a história humana. Assim relata o texto bíblico de Gênesis: “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e comeu; e deu também ao marido, e ele comeu. Então os olhos de ambos se abriram; e, percebendo que estavam nus, costuraram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (Gn 3.6-7). A tragédia foi consumada, pois o desejo de serem iguais a Deus dominou-lhes o coração, a pulsão pela independência atraiu-os à ilusão de tomar as próprias decisões à revelia das ordenanças e do propósito do Criador. O ser humano desobedeceu-o, rebelando-se contra o propósito divino. Dessa forma, o ser humano caiu da graça divina.

É importante ressaltar que Deus não é o autor do pecado ou do mal. O texto bíblico de Gênesis mostra exatamente isso. A causa do pecado foi o uso egoístico do livre-arbítrio de rejeitar a vontade divina. A decisão humana em pecar contra o Criador teve consequências individuais e coletivas, desde a pessoa à sociedade. Stanley Ellisen, estudioso do Antigo Testamento, escreve exatamente nesse sentido:

Sem esse registro [relato da queda em Gênesis], seria difícil determinar a origem do pecado ou do mal. *Gênesis demonstra claramente que o Criador não criou o pecado ou o mal.* Ele surgiu dentro do coração de Adão e Eva. A sua causa estava no uso egoísta da vontade humana de rejeitar a vontade soberana de Deus, desobedecendo-a.

Ao entrar no mundo, o pecado começou a multiplicar-se imediatamente. Isso é descrito em Gênesis 4-6. *Do coração do primeiro casal passou ao lar, aos filhos e depois a toda a sociedade.* O resultado é descrito em 6.12-12: “A terra estava... cheia de violência” e “todo ser vivente havia corrompido o seu caminho”. (Grifos meus)¹

O teólogo Bruce R. Marino também pontua a livre escolha moral como o fator que engatilhou a prática do pecado:

Finalmente, é crucial observar que *o pecado deles começou na sua livre escolha moral*, e não na tentação (a que poderiam ter resistido: 1 Co 10.13; Tg 4.7). Isto é, embora a tentação os incentivasse a pecar, a serpente não colheu o fruto tampouco os forçou a comê-lo. O casal optou por assim fazer. (Grifo meu)²

Se o livro de Gênesis destaca a tragédia do pecado do ser humano, ele também enfatiza a ação de Deus em livrar o ser humano dessa tragédia. O Deus Criador não ficaria passivo diante de tal estado. O

Antigo Testamento revela a graça de Deus de maneira progressiva (Noé, Abraão, Moisés, os profetas etc.), no sentido de prover livramento para a humanidade. O terceiro capítulo de Gênesis revela que o Deus Criador teve a iniciativa graciosa de elaborar um plano de salvação para a humanidade (Gn 3.15).

O incansável cuidado de Deus conosco

No livro de Gênesis está escrito assim: “E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás?” (3.8,9). Esse texto relata o confronto direto de Deus com Adão. Esse confronto, se por um lado revela a responsabilização divina do pecado adâmico; por outro, mostra o Criador tomando a iniciativa em ir ao encontro do homem pecador. Essa foi a forma de Deus inquirir ao homem a respeito de suas escolhas e decisões. Ao mesmo tempo em que está claro que o Criador agiria no sentido de auxiliá-lo nas consequências de sua escolha.

Outro texto de Gênesis diz: “E chamou Adão o nome de sua mulher Eva, porquanto ela era a mãe de todos os viventes. E fez o SENHOR Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu” (3.20,21). Dois pontos chama-nos a atenção no texto: (1) Adão nomeia a mulher – “Eva” significa “doadora de vida”; (2) o Criador veste Adão e Eva. Esses dois pontos destacam a mulher como mãe de toda a humanidade, isto é, a história do ser humano não acabaria ali, pois ainda havia esperança. Se por um lado, Eva seria o ponto de partida do cumprimento do advento daquele que, mais tarde, diria: “Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (Jo 7.38); por outro, o trecho bíblico revela a preocupação e o cuidado de Deus para com o casal naquele

momento. Esses dois episódios revelariam que havia esperança para a humanidade. A tragédia não ficaria daquele jeito. Deus não ficaria impotente diante de tal desastre. Ainda havia esperança para o ser humano.

A esperança pelo Salvador

Há um texto bíblico, mencionado anteriormente, que é considerado o protoevangelho, isto é, a primeira boa notícia revelada de maneira implícita no Antigo Testamento: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Aqui, está a promessa de que Cristo Jesus nasceria de uma mulher. Se a tragédia do pecado teve o protagonismo da mulher, a redenção viria também por um instrumento feminino, Maria, a mãe de Jesus: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. [...] Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus” (Lc 1.28,30,31). A esperança de um salvador brota das Escrituras do Antigo Testamento.

O desdobramento da promessa do protoevangelho torna-se realidade em Jesus Cristo, que herdaria o “trono de Davi” e reinaria “na casa de Jacó” para sempre (Lc 1.32,33). Essa promessa seria corroborada por uma quantidade imensa de profecias do Antigo Testamento pronunciadas pelos profetas ao longo do período monárquico de Israel. Essas profecias confirmariam a chegada do “Ungido” de Deus, aquele que dividiria a história em duas etapas. O mundo não mais seria o mesmo. A Casa de Israel seria transtornada e a luz que alumia todos homens resplandeceria no mundo.

As profecias que confirmam todos esses acontecimentos são denominadas de profecias messiânicas. Assunto que passamos agora a abordar.

II – AS PROFECIAS MESSIÂNICAS NO ANTIGO TESTAMENTO

As profecias messiânicas revelam a natureza da promessa feita pelo Criador no Jardim do Éden. Os profetas as anunciaram e o Novo Testamento as confirmaram. Elas revelam a fidelidade incondicional de Deus com sua Palavra. Quando Deus fala, Ele realiza.

O que são profecias messiânicas

Um dos postulados mais caros dos autores do Novo Testamento é o de que Jesus Cristo é o Messias e que, conseqüentemente, é o cumprimento inequívoco do Antigo Testamento. Assim, muitos textos do Novo Testamento mostram claramente a intenção dos autores neotestamentários em demonstrar isso ao público leitor.

Os Evangelhos atestam essa perspectiva em que Cristo é apresentado como o cumprimento do Antigo Testamento, como no texto de Mateus 8.15-17 em que o evangelista remete às expulsões dos demônios e às curas que Jesus fazia ao cumprimento literal de Isaías 53.4,5.³ No livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas registra o episódio em que Filipe, o diácono-evangelista, explica o cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento em Jesus Cristo ao eunuco (Atos 8.30-35). E, finalmente, a Epístola aos Hebreus é o tratado mais profundo a respeito de Jesus Cristo ser o herdeiro de tudo o que Deus falou por meio dos profetas (1.1).

Nesse sentido, podemos afirmar que as profecias messiânicas são o conjunto daquelas profecias, reveladas no Antigo Testamento, que se cumpriram fielmente no ministério de Jesus, bem como outras que se cumprirão com a mesma fidelidade nEle por ocasião de sua gloriosa vinda.

Análise de algumas profecias messiânicas

Tomaremos como exemplo de profecias messiânicas para uma análise bem célere os textos de Isaías 9.1-7 e Miqueias 5.2.

O texto de Isaías 9.1-7 fala a respeito do advento e do poder de um Libertador que guiaria o povo de Deus. Esse libertador seria o Messias. Nessa profecia podemos destacar seis características que atestam que Jesus Cristo é esse Messias, o libertador profetizado pelo profeta Isaías: (1) o versículo um é uma referência ao seu ministério na Galileia (veja Mt 4.13-15); (2) o versículo dois é uma referência a Jesus como luz de salvação e esperança ao povo (veja Mt 4.16); (3) o versículo três é uma referência à entrada dos gentios à família da fé (veja Atos 15.13-18); (4) os versículos quatro e cinco seria uma referência de que Ele traria a paz e quebraria todo jugo e opressão (veja Mt 11.28-30); (5) o versículo seis atestaria o nascimento de nosso Senhor de modo que seria chamado de Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz (veja Is 7.14; cf. Mt 1.23; Rm 5.1; 8.2); (6) o versículo sete é uma referência ao reinado que não tem fim (veja Lc 1.32,33).

O texto de Miqueias 5.2 é uma profecia que faz referência ao local geográfico de onde viria o Messias, o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. O Evangelho de Mateus (2.1-6) narra com riquezas de detalhes o nascimento de Jesus em Belém da Judeia e cita claramente a profecia de Miqueias (vv.5,6). Ora, por que as profecias messiânicas são importantes?⁴

III – O CUMPRIMENTO DA PROMESSA

As profecias messiânicas mostram que as Sagradas Escrituras são divinamente inspiradas, inerrantes, suficientes e que convergem para o maior evento do mundo: Jesus de Cristo. Ele é o Deus que veio ao mundo em forma de uma criança, e que cresceu na graça e no conhecimento, diante de Deus Pai e dos homens. Ele é o maior “evento” que já aconteceu na Terra. Chamamos evento porque nosso

Senhor não era apenas homem, Ele também era e é Deus; não era apenas Deus, Ele era e é homem. Uma novidade inaudita: Deus se fez homem e habitou entre nós!

A encarnação do Filho de Deus trouxe uma nova esperança que há muito havia desaparecido entre os hebreus. Entretanto, essa esperança alcançou a humanidade inteira, pois foi por ela que nosso Senhor Jesus Cristo morreu. A Bíblia também diz que “ninguém nunca viu Deus. Somente *o Filho único*, que é Deus e está ao lado do Pai, foi quem nos mostrou quem é Deus” (Jo 1.18). Ele é o Filho Único enviado pelo Pai que nos deu o privilégio de sermos também chamados filhos de Deus. É isso que representa o milagre da encarnação do Filho de Deus. Foi a concretude do maravilhoso plano divino de nos tornarmos filhos de Deus por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor.

A pessoa de Jesus Cristo — seu nascimento, ministério, crucificação, morte, ressurreição e ascensão — é o coração da fé cristã. Tudo se inicia e encerra-se com Jesus Cristo. Por isso, neste livro falaremos sobre Jesus como o homem divino e humano, o Cristo que é Deus e é homem. O Cristo que se revelou ao mundo por meio da experiência humana. Mas também o Cristo que é o “Deus conosco”. Segundo as Escrituras Sagradas, os Evangelhos revelam um Cristo que conhece as nossas dores e, por isso, intercede por nós. Assim, a partir da pessoa de Jesus descobrimos o sentido verdadeiro da vida, pois nEle fomos justificados, redimidos dos nossos pecados e selados pelo Espírito Santo da Promessa como propriedade exclusiva de Deus (Ef 1.13,14; 1 Pe 2.9,10). Tudo isso foi profetizado no Antigo Testamento e confirmado no Novo. Além disso, Jesus Cristo batiza com o Espírito Santo, cura os enfermos, opera sinais e maravilhas e, muito em breve, há de vir buscar-nos.

CONCLUSÃO

Este capítulo tratou de introduzi-lo, querido leitor, na doutrina de Jesus Cristo — Filho do Homem, Filho de Deus. Vimos que tudo começou no Éden. Passamos pela busca de Deus pelo ser humano pecador. Chegamos às profecias que anunciaram o advento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. E também passamos pelo cumprimento dessa maravilhosa promessa.

Jesus Cristo é o maior “evento” que já aconteceu no mundo. Estudá-lo é uma grande oportunidade de conhecê-lo e amá-lo ainda mais. Manter a comunhão com Jesus, o Cristo, passa pelo firme compromisso de sermos iguais a Ele. O desafio é grande, o compromisso é imenso. Mas quando olhamos para Jesus, aquele que em tudo é perfeito, podemos olhar para nós mesmos. Então, pela perfeição dEle podemos corrigir as nossas imperfeições. Esse é o convite para hoje!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLISEN, Stanley. Conheça Melhor o Antigo Testamento. São Paulo: Editora Vida, 2004.

HORTON, Stanley M. Teologia Sistemática: *Uma Perspectiva Pentecostal*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

¹ ELLISEN, Stanley. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2004, p.21.

² HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: *Uma Perspectiva Pentecostal***. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.268.

³ Ressaltamos também que a doutrina pentecostal a respeito da Cura Divina nesses textos que explicam enfaticamente que há cura na expiação de Cristo, não só espiritual, mas física mesmo. Além disso, a história do Movimento Pentecostal no mundo confirma que Jesus curou e tem curado milhares de pessoas. Para aprofundamento dessa importante doutrina pentecostal leia *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*, CPAD, 2006, pp.501-34.

⁴ Os textos bíblicos usados aqui foram uma adaptação da *Bíblia de Estudo Pentecostal*, pp.581,1006. Evidentemente que há muitos outros textos que confirmam as profecias messiânicas como Gênesis 49.10; Deuteronômio 18.15-18; Isaías 7.14; 42.1-7; Daniel 7.13,14; Zacarias 9.9; bem como uma variedade de salmos messiânicos: 2; 18; 21; 72; 84; e outros.

CAPÍTULO 2

A HUMANIDADE DE JESUS CRISTO E A SUA DEIDADE

Por Thiago Brazil

INTRODUÇÃO

A fim de não incorrermos em erro doutrinário quanto à natureza divina e humana de nosso Senhor Jesus Cristo, não abordaremos de forma seccionada a essência do Filho de Deus, mas a trataremos de maneira única e inseparável. De fato, Ele é Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, e não podemos separar nem dividir sua essência. Ele é perfeito em seu maravilhoso e excelso Ser.

Objetivando deixar bem claro este ponto áureo da legítima cristologia bíblica, buscaremos fundamentos nas Sagradas Escrituras, em nosso Credo e na Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Antes, porém, vejamos a natureza de Jesus no Credo dos Apóstolos.

A natureza de Jesus Cristo no Credo dos Apóstolos

O segundo artigo do Credo dos Apóstolos dedica-se inteiramente a Jesus, e obviamente, trata da questão de sua natureza:

E em Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, nosso Senhor; que foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria; sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto, e sepultado, e desceu

ao *Hades*; e ressuscitou da morte ao terceiro dia; que subiu ao Céu, e está sentado à mão direita de Deus, o Pai Todo-poderoso; de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos. (SILVA, 2017, p. 217)

A verdade sobre a natureza do Senhor Jesus Cristo, neste documento do cristianismo primitivo, concentra-se em três sentenças: *“E em Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, nosso Senhor...”*, *“... concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria...”* e *“... foi crucificado, morto, e sepultado, e desceu ao Hades; e ressuscitou da morte ao terceiro dia...”*. Nesses textos, é perceptível a unidade e a harmonia entre a divindade e a humanidade no Salvador. Ele não é apresentado, aqui, como o Cristo que se revelou em Jesus, mas como “Jesus Cristo”, o Unigênito de Deus e Senhor. Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, Ele é perfeito em seu Ser. Ambas as naturezas de Jesus, a divina e a humana, são perfeitíssimas e harmônicas; indivisíveis. Ele é o Deus que se fez homem.

Ele é o único e soberano “Senhor Nosso”. Jesus Cristo é apresentado, nesse credo, como aquele que conviveu entre nós, experimentando o fardo que é a nossa condição humana; seu conhecimento sobre o que somos é exaustivo e completo, pois, fazendo-se homem, tomou sobre si todas as nossas dores e agonias. A concepção virginal e sobrenatural de Jesus, pelo Espírito, demonstra claramente a operação da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade na encarnação do Filho do Altíssimo. Jesus Cristo, o Deus que se fez homem.

Sua morte e ressurreição associam-no a nós de modo indiscutível, revelando-o assim como o Homem-Deus. O escândalo do Cristianismo é a radicalidade da doação da vida eterna na cruz; já a loucura é a sua ressurreição primogênita, a qual abriu um caminho de salvação para toda a humanidade. E somente porque Ele é Deus-

Homem, tudo o que fez tem repercussões válidas e eternas em todos os âmbitos e sentidos.

Jesus Cristo nos credos Niceno / Niceno-constantinopolitano

Nestes credos, aparecem pela primeira vez as expressões “homooúsios” (grego) e “consubstantiale” (latim). Em língua portuguesa, “consustancialidade” aponta para duas doutrinas de muita relevância para a fé cristã: a natureza de Jesus Cristo e a Santíssima Trindade.

Afirmar que o Filho tem a mesma natureza do Pai implica reconhecer a sua divindade, havendo o testemunho bíblico e histórico de sua encarnação — e por isso, o atestado óbvio de sua humanidade —, a unidade de essência com o Pai comprova sua divindade.

Permanece sempre no horizonte a necessidade de não duplicar a essência de Jesus Cristo, para que assim não se faça uma multiplicação ou divisão daquilo que é uno eternamente.

Cristo Jesus no Credo Assembleiano

Com relação à doutrina da natureza do Filho, o credo assembleiano — em sua versão sintética mais tradicional — afirma:

No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16-18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9); (SILVA, 2017)

Já num texto atualizado e um pouco mais ampliado — e selecionado especificamente no que se refere à natureza do redentor —, diz-nos assim: “verdadeiro homem e verdadeiro Deus: *‘e dos quais*

é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém' (Rm 9.5)." (SILVA, 2017, p.48)

Não fica qualquer tipo de dúvida quanto à natureza de Jesus Cristo. Sua condição divino-humana/humano-divina demonstram-se de modo muito evidente. Especialmente no comentário sobre o Credo — um texto mais pormenorizado e comprometido em deixar clara a posição oficial da Igreja — a natureza do Redentor é apresentada em sua unidade. Não há qualquer dúvida quanto à divindade e à humanidade do Mestre. Jesus é Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus.

CONCLUSÃO

Aceitar o mistério do ser de Jesus Cristo Nosso Senhor é algo maravilhoso. A revelação sobre a natureza do Filho através das narrativas e proposições bíblicas é suficiente para todos aqueles que creem em Jesus. De fato, esta não é sequer uma questão que se polemiza nas páginas da Bíblia Sagrada, uma vez que ela é simplesmente apresentada como algo verdadeiro e certo procedente do Deus que não pode mentir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Esequias Soares da (Org). **Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. Apêndice. Os credos ecumênicos**, p. [217]. 3.impr – Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CAPÍTULO 3

O Ministério de Jesus

Por Verônica Araujo

INTRODUÇÃO

Muito já foi escrito a respeito do ministério terreno de Jesus cujo propósito foi a redenção de todos os pecadores (1 Tm 1.15). Desta forma, traremos, neste capítulo, algumas considerações sobre este aspecto da vida do Messias que se aplica neste contexto, sem termos a pretensão de, sequer, esgotar o estudo deste assunto tão relevante para os cristãos nesses dias atuais.

Ao estudar o ministério terreno de Cristo, devemos levar em conta que tal ministério consistia em: ensinar, pregar e curar. Seus ensinamentos eram expostos de forma simples, clara, original e com autoridade; e seus milagres abrangiam a integralidade do homem, não apenas curando-lhe o corpo, como também, salvando-lhe a alma; como tão bem apresenta-nos a nossa *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*:

Sua mensagem era exposta com simplicidade, clareza, originalidade e autoridade: “*porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas*” (Mt 7.29); seu método ainda hoje impressiona, pois Ele ensinava de modo que nunca houve nem antes e nem depois dEle alguém que fizesse igual: “*Nunca homem algum falou assim como este homem*” (Jo 7.46). Quanto aos milagres, Jesus preocupava-se com a integralidade das pessoas,

não só salvando-lhes a alma, mas também curando suas enfermidades: “*Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz*” (Lc 8.48). Os milagres operados por Cristo registrados no Novo Testamento revelam que Ele é o Messias de Israel, como também a extensão do domínio do seu poder, mostrando sua autoridade sobre a natureza, sobre o pecado, autoridade para perdoar pecados, sobre a morte, sobre o Diabo com seus agentes e o Inferno, sobre as enfermidades, e nada é impossível para Ele, o qual, a respeito de si mesmo, declarou: “*É-me dado todo o poder no céu e na terra*” (Mt 28.18). ⁵

Além do ministério terreno, o Senhor Jesus Cristo exerceu o chamado *munus triplex*, ou seja, “o tríplice ofício”, de profeta, sacerdote e rei. Esses três ofícios eram os mais importantes em Israel nos tempos do Antigo Testamento e constituem o ministério messiânico de Cristo que será o foco deste capítulo.

O *Dicionário Bíblico Wycliffe* salienta que “essas eram as três funções entre os israelitas do Antigo Testamento cujos ocupantes recebiam investidura pela unção com óleo (profeta, 1 Rs 19.16; sacerdote, Êx 29.7; 30.25,30; rei, 1 Sm 9.16; 16.1,13).”⁶ Quando o Espírito Santo veio sobre Jesus, na ocasião do seu batismo no Rio Jordão, em forma corpórea de uma pomba, pela unção divina Ele foi investido no seu tríplice ministério (Lc 4.18).

Entretanto, o fato de exercer tais ofícios não diminuiu em nada a humildade de Jesus, pelo contrário, fez do nosso Senhor o nosso modelo para a humildade que se torna essencial para servir aos outros.

I – O OFÍCIO DE PROFETA

A Bíblia nos ensina que Jesus exerceu, entre outras funções, a de profeta. Para entendermos como Jesus desempenhou este ofício,

precisamos primeiramente compreender como os profetas são identificados na Bíblia. Eles têm a função de apresentar Deus, revelar a sua vontade e instruir o povo ou uma pessoa individualmente; e podemos afirmar, com toda a certeza, que isso Jesus fez como nenhum outro poderia fazer.

Antes de prosseguirmos, vejamos o conceito apresentado pelo *Dicionário Vine* para *profeta* (*prophetes*):

“aquele que fala antecipadamente ou abertamente, proclamador da mensagem divina”, denotava entre os gregos um intérprete dos oráculos dos deuses.

Na Septuaginta, é a tradução da palavra *rôeh*, “vidente” (1 Sm 9.9), indicando que o “profeta” era aquele que tinha intercurso imediato com Deus. Também traduz a palavra *nābhî*, que significa “qualquer um em quem a mensagem de Deus emana” ou “aquele a quem qualquer coisa é comunicada secretamente”. Por conseguinte, em geral, o “profeta” era a pessoa em quem o Espírito de Deus descansava (Nm 11.17-29), alguém, a quem e por quem Deus fala (Nm 12.2; Am 3.7, 8). No caso dos profetas do Antigo Testamento, suas mensagens eram em grande parte a proclamação dos propósitos divinos de salvação e glória a serem realizados no futuro; o “profetizar” dos “profetas” do Novo Testamento era uma pregação das deliberações divinas da graça já realizadas e a predição dos propósitos de Deus no futuro.⁷

Desde o princípio existem profetas (Lc 1.70), pois o homem sempre teve anseio pelas coisas de Deus e, assim, sente o desejo de buscá-lo. De acordo com o pastor Esequias Soares, “o sistema profético de Israel é singular porque teve a sua origem em Deus e a sua mensagem atravessou os séculos e continua instruindo as nações.”

[...] E “as Escrituras Sagradas consideram os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó como profetas (Gn 20.7; Sl 105.9-15).”⁸ Todavia, o ministério profético em Israel começou com Moisés e Arão, que tinham a função de falar em nome de Deus (Êx 7.1). Durante o período que estiveram no deserto do Sinai, Deus ordenou que Moisés constituísse uma congregação de 70 anciãos para que o ajudasse a liderar o povo. Aqueles homens receberam o Espírito Santo e Moisés explicou que qualquer pessoa poderia profetizar (Nm 11.29).

Ainda no período do Antigo Testamento,

Deus levantou e inspirou profetas para ensinar e admoestar os hebreus sobre o perigo da idolatria. Eram instrutores ungidos e divinamente escolhidos para ensinar a nação a viver na presença de Javé (Os 12.10). Eles tinham também a responsabilidade de tornar conhecida sua revelação e anunciar as coisas futuras (Dt 18.21, 22).⁹

Os profetas se utilizavam de métodos variados para ensinar o povo a viver em santidade; não hesitavam em enfrentar reis desobedientes, governadores, sacerdotes ou qualquer outro tipo de liderança que não seguisse a Palavra de Deus. Eles tinham ainda a missão de condenar a idolatria, a injustiça social e anunciar a vinda do Messias, o maior de todos os profetas.

Em Jesus cumpriu-se o anúncio profético de Moisés

Que Moisés fora um profeta para o seu povo, boca de Deus e o instrumento dEle para libertar os israelitas da servidão de Faraó e conduzi-los a uma Terra Prometida, onde manava leite e mel, não nos resta nenhuma dúvida. Durante os anos de caminhada no deserto, Deus falava com Moisés face a face, isso fazia desse legislador dos hebreus um modelo para os demais profetas. Um dos

anúncios de Moisés diz respeito à vinda de um profeta semelhante a ele conforme registrado em Deuteronômio 18.15-22.

A promessa de que Deus levantaria um Profeta “semelhante a Moisés” (v. 18) teve cumprimento em Cristo. Foi o apóstolo Pedro que, em seu discurso, apresenta a descrição de Cristo no Antigo Testamento, comprovando que aqueles acontecimentos que eles estavam vivendo eram cumprimento das Escrituras: “Porque Moisés disse: O Senhor, vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser” (At 3.22).

Várias são as passagens bíblicas no Novo Testamento que corroboram esta afirmação, em que o próprio Jesus considerava-se profeta: “Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no *dia* seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém” (Lc 13.33); e era aclamado em diversas ocasiões pelo povo: “E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galileia” (Mt 21.11); “Outros diziam: É Elias. E diziam outros: É um profeta ou como um dos profetas” (Mc 6.15); “E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo” (Lc 7.16).

Mesmo com todo o respeito e apreço que os profetas do Antigo Testamento tinham por Moisés, Jesus é superior a Moisés “Porque ele é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a edificou” (Hb 3.3); e superior a todos os profetas pois Ele é Deus em forma humana (Jo 1.14; Cl 2.9). Eis a diferença significativa entre o Senhor Jesus e Moisés: Ele não falava em nome de Deus (como faziam os profetas do Antigo Testamento dizendo “Assim diz o Senhor”), não era o seu porta-voz, mas o Filho Unigênito.

O profetismo de Jesus

As atividades que Jesus realizava, e que constam nos Evangelhos, revelam que Ele era verdadeiramente o Profeta. Este ofício está relacionado às predições que fez e aos milagres que realizou. Verdadeiramente o povo cria que o Senhor visitara o seu povo através de Cristo (Lc 7.16). Ele ilumina as nações através da sua doutrina e palavra de autoridade; e também profetizou sobre eventos que ainda hão de acontecer.

Ele sabia que no mar havia um peixe com uma moeda onde Pedro conseguiria o dinheiro para pagar tanto o seu imposto quanto o do Mestre (Mt 17.27). Não havia necessidade de ninguém dizer o que há no interior do homem porque Jesus já sabia de tudo (Jo 2.24, 25) e a Bíblia afirma que só Deus conhece o coração do homem (1 Rs 8.39). Jesus é onisciente porque Ele é Deus! Não há nada no universo que Ele não saiba, seja passado ou futuro. Diferentemente do que ensinam os mulçumanos, Jesus não é apenas um profeta. Ele é Deus em forma humana, Deus conosco e Unigênito de Deus (Mt 1.23).

Sendo conhecedor do interior do homem, Jesus denuncia a hipocrisia dos fariseus e faz predições sobre eles (Mt 23). Esses religiosos, no começo, inspiravam-se em puro zelo pela glória de Deus, mas foram se deteriorando até receberem fortes denúncias. O Jesus-Profeta profere oito “ais” (23.13-36) contra aqueles líderes religiosos, lançando-os não com amargura, mas com profunda tristeza. Esses “ais” são advertências proféticas, avisos claros das consequências dos atos e caráter daqueles que deviam ser o espelho para os demais. Devemos nos proteger do espírito dos fariseus e dos escribas, tão combatido por Jesus, pois estes amavam mais as aparências e desprezavam a humildade.

A urgente necessidade de resgate do discurso profético de Jesus

O partido dos fariseus não existe mais, porém o espírito do farisaísmo ainda está presente em nosso meio, assim como o joio no

meio do trigo. Por este motivo, faz-se necessário o resgate do discurso profético de Jesus cujo ministério profético continua através do seu Corpo: a Igreja. De acordo com o pastor Severino Pedro, “a tarefa profética de Jesus não estava limitada ao tempo de duração de sua vida terrena, como os demais antes dEle, mas por meio do Espírito Santo e de sua vitoriosa e profética Igreja, o seu ministério profético continuou depois da crucificação.”¹⁰

A morte não foi capaz de cessar ou interromper o ministério profético de Cristo. Jesus morreu por estar na condição humana (1 Pe 3.18-22). Quanto à natureza divina, Ele não permaneceu na morte, antes foi imediatamente vivificado e continua a sua atuação profética através da sua Igreja. Os profetas agora possuem o dom da profecia (1 Co 14.3), ou seja, recebem de Cristo e por intermédio dEle as manifestações sobrenaturais deste dom, com a finalidade de edificar, exortar e consolar (1 Co 14.3) a sua Igreja até o dia do arrebatamento.

Como poderemos resgatar esse discurso profético? Talvez esta seja a pergunta que mais permeia nossos pensamentos. Antes de qualquer coisa, buscando o batismo no Espírito Santo, que é a promessa deixada por Jesus, o Profeta, de que receberíamos revestimento de poder a fim de sermos testemunhas (At 1.8) para perpetuar a sua obra. Devemos também resistir ao Diabo (Tg 4.7, 8) e à tentação (1 Co 10.13; Ef 6.10, 11; Hb 4.15, 16).

II – O OFÍCIO DE SACERDOTE

Desde a Queda, o pecado entrou no mundo e corrompeu o gênero humano, fazendo separação entre Deus e o homem (Is 59.2); porém, o Senhor sempre provê um meio de se comunicar com a sua criatura, feita a sua imagem e semelhança. Assim Ele instituiu sacerdotes no Antigo Testamento e, na Nova Aliança, enviou-nos seu Filho Unigênito Jesus, para exercer também a função de Sacerdote entre os

homens, sendo já predito pelos profetas que Cristo viria como um sacerdote eterno (Sl 110.4).

Desde o período patriarcal, as funções sacerdotais eram desempenhadas pelos chefes de família. Noé, Abraão e Jó são alguns desses exemplos de que já existia a prática de oferecer sacrifícios em altares pelos pecados dos membros de sua família. E antes de o sacerdócio hebraico (arônico) ser estabelecido por Moisés, a Bíblia já mencionava o sacerdócio de Melquisedeque (Gn 14.18; 22.18; 26.25; 47.22,26).

No Antigo Testamento, a liderança religiosa tinha de estar nas mãos dos sacerdotes, já que o sacerdote era o “ministro das coisas sagradas”, principalmente aquele que oferecia sacrifícios no altar e agindo como mediador entre o homem e Deus.

O *Dicionário Bíblico Wycliffe* explica bem a importância do sacerdócio na religião e na vida do Antigo Testamento,

O sacerdócio hebraico constitui uma das características dominantes da religião e da vida do AT. Isso pode ser constatado não só através das múltiplas referências feitas nas Escrituras, mas na própria construção da religião do AT com sua classe especial de sacerdotes representativos, e pela importância das relações e das funções religiosas durante a vida toda.

A visão hebraica do mundo, e da vida no mundo, era completamente controlada pelo sobrenatural e impregnada dele. A necessidade de manter relações aceitáveis com Deus, que não eram naturais ao homem, concedia ao sacerdote e aos seus ensinamentos a mais elevada prioridade.¹¹

E justifica a necessidade dos sacerdotes na Antiga Aliança:

[...] Eles eram necessários para a preservação de um permanente contato de Israel com Deus. O israelita relacionava-se com Deus através de um pacto nacional especial que envolvia o sacerdócio por causa de seus serviços essenciais como mediador e representante. Portanto, os sacerdotes operavam entre Deus e o povo a fim de preservar esse relacionamento estabelecido através da aliança.¹²

O perfeito sacerdote

Seguindo instruções divinas, Moisés consagra Arão e seus filhos para este nobre ofício (Êx 28.1,41; 29.9-30). O sacerdócio da ordem de Arão foi estabelecido por Deus para oferecer sacrifícios pelos pecados do povo e representar o Senhor entre os hebreus, seu povo escolhido. Todavia, este sacerdócio exercido por Arão e seus filhos (de forma geral pela tribo de Levi) não era perfeito por se tratar de pessoas que tinham falhas e eram mortais. Por este motivo, Cristo, o sacerdote perfeito, tornou-se o responsável pela tarefa de representar o povo e interceder por ele (1 Tm 2.5; Hb 7.25-28). Todos os sacerdotes, anteriores a Jesus, morreram e foram substituídos, como diz as Escrituras: “E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque, pela morte, foram impedidos de permanecer” (Hb 7.23). No entanto, o sacerdócio de Cristo, estabelecido pelo Pai, é singular, imutável e eterno “Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 7.17,21,24).

Jesus não era da linhagem de Arão, pois não descendia da tribo de Levi (Nm18.27; 1 Cr 23.13), mas de Judá (Hb 7.13,14). Por este motivo Jesus é chamado sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, evidenciando que o seu sacerdócio não era da Lei, mas sim de uma nova dispensação.

Ele foi ofertante e oferta

Quando um israelita descumpria a lei, sua comunhão com Deus era interrompida e, de acordo com Levítico 4, tal pessoa deveria oferecer um sacrifício a fim de expiar sua culpa e reconciliar-se com o Criador. Todavia, este ritual realizado por um sacerdote não era suficientemente capaz de restabelecer a comunhão perdida e aperfeiçoar o adorador, muito menos os touros e bodes sacrificados eram capazes de tal tarefa. Por isso esses sacrifícios eram transitórios.

No entanto, como afirma a nossa *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* “o próprio Senhor Jesus Cristo apresentou-se como sacrifício pelos pecados de toda a humanidade, e, além disso, seu sacrifício foi único, perfeito e com validade eterna, resolvendo , assim, para sempre, o problema do pecador: *‘mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus’* (Hb 10.12).”¹³ Ele foi o Mediador, constituído por Deus, de toda a humanidade, e não apenas de um povo. O seu sacrifício vicário na cruz do Calvário anula os efeitos do pecado na vida daquele que crê em seu sacrifício e o recebe como único e suficiente Salvador. Agora não há mais a necessidade de um sacerdote terreno, graças à superioridade do sacerdócio de Cristo. Seu sacrifício foi feito uma vez por todas. Jamais se repetirá!

A Igreja de Cristo, uma comunidade sacerdotal

Quando Jesus, o nosso Sumo Sacerdote, ascendeu aos céus após ter consumado a redenção na cruz, Ele continua seu sacerdócio intercedendo por nós (Hb 7.25). E Cristo não deixou-nos sozinhos, Deus enviou a promessa do Espírito Santo (Gl 3.13,14). Com este revestimento de poder, a Igreja de Cristo realiza a tarefa da evangelização e da intercessão.

Nas palavras do pastor e consultor teológico, Claudionor de Andrade,

O sacerdócio levítico era glorioso; seus membros eram considerados príncipes de Deus (Zc 3.8). Todavia, o Senhor Jesus Cristo é superior ao sacerdócio levítico, pois é eterno (Sl 110.4). Quanto a nós, somos uma nação santa, profética e sacerdotal — recebemos a incumbência de proclamar o Evangelho e interceder pelos que perecem (1 Pe 2.9). Portanto, sirvamos ao Senhor com todo o nosso ser, para que, por meio de nossa vida, venha o Reino dos Céus à Terra.¹⁴

A responsabilidade dada por Deus à sua igreja — fazer discípulos em todas as nações — inclui muitas tarefas como pregar, ensinar, cuidar, doar, administrar, edificar, entre tantas outras. Obedecer a este mandamento de forma individual seria humanamente impossível. Todavia, enquanto Corpo de Cristo, uma comunidade sacerdotal, podemos fazer muito mais se trabalharmos juntos. Dessa forma, poderemos expressar a plenitude de Cristo, nosso perfeito Sacerdote.

III – O OFÍCIO DE REI

No Antigo Testamento, os reis tinham de ser israelitas escolhidos pelo Senhor (Dt 17.14-20), com a obrigação de observar a Torá e implementar a política divina (2 Rs 11.12), não contando com recursos humanos, mas sempre dependentes do Senhor, o Rei dos reis.

Davi foi ungido rei com este propósito e como recompensa pela sua fidelidade, Deus prometeu-lhe uma dinastia eterna (2 Sm 7.16). Anos mais tarde, o profeta Isaías prediz que o trono de Davi permaneceria em segurança, quando o Senhor promete um menino, nascido de uma virgem (Is 7.14). O nome dEle seria “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9.6,7). Séculos depois, quando a casa de Davi já não estava no trono,

quando o povo era sujeitado pelos gentios, o Salvador chegou, nascido sem pompas e circunstâncias, em uma humilde estrebaria, filho de um carpinteiro. Seu nome era Jesus “a salvação do Senhor” ou “o Senhor salva” (Mt 1.21).

Jesus não nasceu príncipe. Ele nasceu Rei: “Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?” (Mt 2.2); e como tal foi adorado pelos sábios do Oriente, que guiados pela estrela, o adoraram e ofertaram-lhe dádivas dignas de um verdadeiro rei: ouro, incenso e mirra (Mt 2.11). Certamente eles acreditavam que Jesus era digno de adoração.

Ah! Jesus é rei

E por fim, Jesus também exerceu o ofício de Rei, o Messias (Ungido), que, traduzido, é o Cristo.¹⁵ Não há dúvida alguma de que Jesus era o Rei predito pelos profetas no Antigo Testamento, o Messias prometido pelo Deus de Israel, que viria a fim de libertar seu povo da opressão dos gentios, o Salvador e Redentor deles. Jesus foi aclamado pelo povo e Ele se autoproclamou “Rei”, não deixando dúvidas quanto a este ofício que Ele também desempenhou.

Jesus chamou-se a si mesmo “Rei” (cf. Jo 18.37), e disse que o Pai havia-lhe destinado o reino (cf. Lc 22.29). Os profetas haviam profetizado que Jesus viria como Rei (cf. Sl 2.6-8; 8.6; 110.6; Is 9.7; Jr 23.5). Quando Ele nasceu, foi adorado como Rei (cf. Mt 2.2,11). Antes de subir ao Gólgota, Ele entrou triunfante em Jerusalém, conforme as profecias (cf. Zc 9.9,10; Mt 21.1-11), e foi então aclamado como Rei (cf. Lc 19.38). Voltando ao céu, após a sua ressurreição, foi aclamado como o Rei da Glória (cf. Sl 24.8-10). Graças a Deus!

Após a ressurreição de Jesus, Deus exaltou-o soberanamente (cf. Fp 2.9), e coroou-o de honra e de glória (cf. Hb 2.7), glorificando-o com “aquela glória que tinha” antes que o mundo existisse (cf. Jo 17.5) e que Ele havia deixado para ser homem (cf. Fp 2.6-8). Ele foi agora feito Senhor e Cristo (cf. At 2.36), Príncipe e Salvador (cf. At 5.31), Juiz dos vivos e dos mortos (cf. At 10.42), e assentou-se à direita de Deus nos

céus (cf. Ef 1.20). Deus entregou tudo nas suas mãos (cf. Jo 3.35), e Ele tem agora todo o poder no céu e na terra (cf. Mt 28.18).

Porém, a plenitude desse ministério Jesus mostrará quando voltar ao mundo como Rei, para restaurar tudo que os profetas têm predito (cf. At 3.21). Então Ele, como descendente de Davi, se assentará no trono real e estabelecerá o milênio (cf. Lc 1.32,33; Mt 19.28; 25.31). Então a sua querida Igreja reinará com Ele (cf. 2 Tm 2.12; Ap 20.4), e o seu reino não terá fim (cf. Is 9.7). Vamos, portanto, orar como Jesus nos ensinou: “Venha o teu Reino” (Mt 6.10).¹⁶

A compreensão equivocada quanto à missão de Cristo, pois achavam que Ele seria o Messias político que venceria os romanos e estabeleceria um governo nacional, não diminuiu o seu messiado, pelo contrário, Jesus ensinou que como o Messias Ele sofreria humilhação e morte, ressuscitando dos mortos para vencer o maior inimigo, não só de Israel, mas de toda a humanidade: o pecado e a morte (Mc 8.31).

A acusação mentirosa

Jesus evitava o título de “messias”, em grego Christos (“Ungido”). Ele não reivindicava nenhum trono terreno para Si, nem tampouco aspirava às regalias que a realeza messiânica lhe permitiria. Cristo não desejava evitar a cruz pois estava Ele consciente de que a sua missão era expiar os pecados da humanidade. De acordo com David R. Nichols, em seu capítulo sobre Jesus na *Teologia Sistemática* editada por Stanley M. Horton, “Jesus queria mesmo evitar o termo, por incluir conotação de liderança política e militar, que não fazia parte das atividades do seu Reino na sua primeira vinda.”¹⁷

Durante seu ministério, Jesus foi chamado de Cristo em diversas ocasiões:

- Pelo seu discípulo, Pedro, que ao afirmar que Jesus era “o Cristo” (Mt 16.16, 17) recebe a confirmação de Jesus que, ao mesmo tempo, pede aos seus discípulos que não digam a ninguém que Ele o era (Mt 16.20);
- Pelos endemoninhados, que sabiam ser Ele o Cristo, ao afirmarem que Jesus era o Filho de Deus; os quais Jesus também repreendeu, não os deixando falar (Lc 4.41);
- e por fim, diante do tribunal:

Jesus mostrou-se relutante em aceitar o título de “Messias”. Em Marcos 14.60-62 lemos: “E, levantando-se o sumo sacerdote no Sinédrio, perguntou a Jesus, dizendo: Nada respondes? Que testificam estes contra ti? Mas ele calou-se e nada respondeu. O sumo sacerdote lhe tornou a perguntar e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito? E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.” O sumo sacerdote compreendeu, e, de tão raivoso, rasgou as próprias vestes.

A relutância de Jesus pode ser notada mais especialmente quando olhamos o contexto da pergunta e o tempo que o sumo sacerdote levou para conseguir que Jesus confessasse ser o Messias. Mateus 26.63 indica ainda mais relutância, pois o sumo sacerdote acabou submetendo Jesus a juramento sagrado. Em consequência, Jesus já não podia manter silêncio: “Disse-lhes Jesus: Tu o disseste” (26.64) — era a confirmação. Não se jactava de ser o Messias, nem se esforçava para estabelecer-se tal. Ele simplesmente é o Messias.¹⁸

Raras foram as vezes que Jesus designou a si mesmo como Messias. Um dos episódios aconteceu em Samaria, quando revelou-se à mulher na beira do poço quando ela disse: “Eu sei que o Messias

(que se chama o Cristo) vem”, Jesus respondeu: “Eu o sou, eu que falo contigo” (Jo 4.25, 26).

Sabendo que a maior expectativa dos judeus, nos dias de Jesus, era que o Messias fosse um governante político, descendente do rei Davi que fora um protótipo do Messias: um libertador e um conquistador, os inimigos de Jesus, que não tinham como acusá-lo em nada, fizeram uma acusação mentirosa, alegando que o Mestre tinha cometido o pecado de blasfêmia e traição, com a tentativa de usurpar o trono do governo do Império Romano. Pelos motivos já expostos acima, confirmamos que essas acusações eram mentirosas, pois Jesus, nosso Messias divino, não buscava glória e honra neste mundo.

O *Kyrios* que foi trocado pelo César

O senhorio de Cristo não tinha uma conotação material, mas sim espiritual. O Messias divino que morreu na cruz, garantindo a nossa salvação, ressuscitou dentre os mortos e subiu até a presença do Pai, onde está vivo e permanece como nosso Senhor, para sempre e eternamente.

O termo grego *kyrios* foi usado pelos autores do Novo Testamento com a ideia de um título divino e não humano para Jesus:

Kyrios, mais propriamente um adjetivo grego que significa “ter poder e autoridade”. Usada como um substantivo, essa palavra significa “senhor, mestre, dono”. Essa é a palavra padrão para “senhor” na Septuaginta (LXX) e no NT. Era uma palavra exatamente equivalente a *Adonai*, e também foi usada na LXX para traduzir *Yahweh*, porque os rabinos liam *Adonai* no lugar do nome divino. Foi um termo aplicado ao Senhor Jesus pelos autores do NT, como um título divino.¹⁹

CONCLUSÃO

Sejamos imitadores de Cristo, principalmente, imitemos a sua humildade. A humildade é essencial para servir. Em vez de procurar prestígio, o cristão deve procurar um lugar onde possa servir. Se Deus quiser que o irmão ou a irmã sirvam em uma escala maior, Ele os convidará a assumir uma posição mais alta (Lc 14.11), não busque você mesmo tal lugar. Jesus possuía o tríplice ofício de maior honra entre os hebreus: Profeta, Sacerdote e Rei. Todavia, Ele nasceu em uma estrebaria, e foi colocado em uma manjedoura. Dono do ouro e da prata, deu-nos o maior exemplo de humildade e serviço.

Quer saber como ser humilde? Compare-se somente com Cristo, perceba a sua iniquidade e entenda as suas limitações. Reconheça seus dons e suas qualidades, e esteja disposto a usá-los como Cristo o orientar. Tenha compromisso em servir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. Adoração, Santidade e Serviço: os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

BERGSTÉN, Eurico. Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

Dicionário Vine. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Guia cristão de leitura da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

HORTON, Stanley M. (ed.) Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 19ª Impressão, 2018.

PEARLMAN, Myer. Lucas: O Evangelho do Homem Perfeito. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

_____. Mateus: O Evangelho do Grande Rei. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

SILVA, Esequias Soares da (Org). Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SILVA, Esequias Soares da. O Ministério Profético na Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

⁵ SILVA, Esequias Soares da (Org). **Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 52.

⁶ **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 1048.

⁷ **Dicionário Vine.** Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 903.

⁸ SILVA, Esequias Soares da. **O Ministério Profético na Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010, pp. 17, 19.

⁹ *Ibid.*, p. 22.

¹⁰ SILVA, Severino Pedro da. **A Vida de Cristo.** Rio de Janeiro: CPAD, 1990, p.78.

¹¹ **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1714.

¹² *Ibid.*, p. 1714.

¹³ SILVA, Esequias Soares da (Org). **Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 54.

¹⁴ ANDRADE, Claudionor de. **Adoração, Santidade e Serviço: os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 45

¹⁵ A forma grega para Messias — o mesmo sentido que nossa palavra “Cristo — tornou-se mais comum entre os primeiros cristãos para se referir a Jesus. Mas lembre-se, “Cristo” é um título, não um sobrenome. Os seguidores de Cristo logo passaram a ser chamados de cristãos (At 11.26). (**Guia cristão de leitura da Bíblia**, p. 27)

¹⁶ BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática.** Rio de Janeiro: CPAD, 2013, pp. 63, 64.

¹⁷ HORTON, Stanley M. (ed.) **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 19ª Impressão, 2018, p. 314.

¹⁸ HORTON, Stanley M. (ed.) **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 19ª Impressão, 2018, pp. 314-15.

¹⁹ **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1796.

CAPÍTULO 4

O QUE **CRISTO** FEZ POR NÓS

Por Telma Bueno

INTRODUÇÃO

Todos os fatos a respeito da pessoa e da obra de Jesus Cristo são importantes, pois contribuem para que vivamos um Cristianismo autêntico e saudável. Embora o número de igrejas evangélicas venha crescendo no Brasil, estamos vivendo tempos difíceis, em que muitos se dizem cristãos, entretanto não conhecem o que Cristo fez por nós. Por isso, a relevância do tema desse capítulo.

Juntos, refletiremos a respeito das características e dos princípios espirituais que fazem parte da obra vicária de Jesus Cristo. Veremos que homem algum poderia ter feito o que Cristo fez por nós. Sua morte vicária não foi um acidente ou apenas uma escolha errada dos líderes judeus, ou um erro das autoridades romanas. A morte expiatória do Filho de Deus é na verdade a maior prova de amor que a humanidade experimentou. O sacrifício de Cristo nos prova o quanto Ele nos amou; um amor incondicional. É fácil amar alguém que nos ama e que de alguma forma corresponde ao nosso afeto, mas Ele nos amou quando ainda não o conhecíamos: “Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). O nascimento de Jesus fez com que a humanidade decadente e que andava em trevas visse a luz.

Jesus poderia ter se salvado da vergonhosa morte da cruz? Sim! No Getsêmani Ele orou pedindo ao Pai Celeste que, se possível, Ele não tomasse o cálice de sofrimento que Lhe estava reservado, contudo, por amor, preferiu fazer a vontade do Pai e suportou tamanha aflição e dor. Não se esqueça de que Ele poderia ter evitado a dor e a vergonha da cruz, e num piscar de olhos, ter dado fim aos seus algozes. Entretanto, por amor e compaixão por nós, submeteu-se até mesmo aos seus inimigos.

Você já parou para pensar que nós tivemos uma participação naquela cena no Monte do Calvário? Tivemos participação pois nossos pecados estavam sobre aquela cruz. O Filho de Deus tomou sobre si as nossas dores, as nossas enfermidades e os nossos pecados (Is 53.4). Hoje, só cabe a nós crer, reconhecer e aceitar o seu sacrifício como a única maneira de reconciliação com Deus. Jesus enfrentou toda a sorte de dores, angústias, traição e violação de direitos por amor — para a nossa salvação e vitória. Que esse capítulo nos ajude a refletir e aceitar, com gratidão, tudo o que Ele fez e continua a fazer por nós.

I – A MORTE VICÁRIA

A salvação do homem mediante o sacrifício vicário de Jesus é o tema central das Escrituras Sagradas. Já no Livro de Gênesis encontramos a questão da redenção (Gn 3.15). O sistema sacrificial do Antigo Testamento, instituído pelo Senhor, e entregue aos hebreus por Moisés, apontava para um sacrifício maior e perfeito: o de Jesus Cristo. Os sacrifícios foram a forma que o Deus que é Santo utilizou para que seu povo não fosse consumido pelos seus atos pecaminosos. Mediante o sacrifício de animais — bodes, carneiros, bois, pombinhos — o homem tinha seu pecado encoberto e assim podia se aproximar do Senhor, desfrutar de sua comunhão e bênçãos (Lv 1; 6.8-13; 8.18-21; 16.24). Segundo Daniel B. Pecota²⁰ “os atos

salvíficos do Antigo Testamento vão preparando o palco para o derradeiro ato salvífico que seria realizado pelo Filho Unigênito de Deus.” Entretanto, é importante ressaltar que o sistema de sacrifícios da antiga aliança não incluía toda a humanidade. Todavia, a morte vicária de Cristo foi em favor de toda a humanidade. Todos foram alcançados por um único ato de amor.

Antes de morrer Ele sofreu por mim

O propósito de Deus em relação ao sacrifício de Jesus é único. A finalidade nunca foi nos trazer benefícios ou vantagens, como libertação, cura e vida eterna. Cristo não morreu para nos trazer favores e privilégios. Precisamos compreender que Ele morreu em nosso lugar, ou seja, “ao invés de”. Ao morrer na cruz, Jesus assumiu as nossas culpas e tomou para si a penalidade dos nossos pecados. A morte vicária de Cristo foi um ato voluntário de expiação pelos nossos pecados. Jesus, nosso sacrifício perfeito, se entregou voluntariamente para morrer em nosso lugar (Mt 27.35,36; Ef 5.2; Hb 7.26). No madeiro Ele carregou o peso dos nossos pecados, e seu corpo foi moído por nossas iniquidades; seu sofrimento foi físico, emocional e espiritual. Jesus foi torturado, foi traído por seu discípulo e vendido por trinta moedas de prata; Pedro negou conhecê-lo.

Todavia, Jesus não usou do seu poder para livrar-se da dor e do sofrimento. No Getsêmani, ao ser preso, um de seus discípulos, utilizando uma espada, cortou a orelha de um empregado do Sumo Sacerdote (Mt 26.51). Porém Jesus, além de curar o homem, repreendeu duramente o discípulo. Ele afirmou que se quisesse, poderia pedir proteção ao Pai e Ele enviaria “doze legiões de anjos” (Mt 26.53) para livrá-lo.

Ele entregou-se completamente

Não sabemos lidar com a morte e nem mesmo gostamos de ouvir a respeito desse tema. Talvez, por que não fomos criados por Deus para morrer. A morte física e espiritual é uma das consequências da Queda. Todavia, como cristãos, ela não nos amedronta, pois temos uma esperança viva — Jesus. Ele venceu a morte.

No mundo antigo, a morte era algo que causava pavor. Quem sabe tenha sido uma das razões de os discípulos de Jesus terem ficado tão abatidos e decepcionados ao verem que Ele que eles acreditavam que iria redimir Israel, ser crucificado e morto. Observe o que nos diz Jeremiah Johnston²¹ a respeito da morte no mundo grego-romano:

No mundo greco-romano, a morte significava o fim. Não havia esperança, somente pesar. Por isso que o ministério de Jesus foi absolutamente notável. Ele não somente predisse a sua própria morte e ressurreição corpórea (Mc 9.31), como também encarregou seus discípulos de pregar o Reino de Deus e “ressuscitar os mortos” (Mt 10.8).

Muitos, até os dias atuais, discutem e desejam saber quem foram os culpados e responsáveis pela morte de Jesus. Os culpados não foram os judeus e nem mesmo os romanos. Toda a humanidade foi responsável pela morte do Filho de Deus, pois todos pecaram (Rm 3.23). Tudo começou com a desobediência de Adão e Eva. O pecado entrou no mundo por intermédio de um homem e contaminou toda a humanidade (Rm 5.12). Contudo, Deus não foi apanhado de surpresa; o Senhor em sua presciência, desde a fundação do mundo, já havia preparado o Cordeiro para morrer pelos pecados da humanidade (Ap 13.8). A morte de Cristo foi determinada por Deus antes mesmo da Queda, para resgatar toda a humanidade (Jo 1.29). Se você ler a genealogia do Salvador, registrada por Lucas, verá que Adão é chamado de filho de Deus (Lc 3.38). Apesar da aparente

vitória do pecado e do Diabo sobre a humanidade, Jesus, o segundo Adão, veio para resgatar-nos: “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1 Co 15.22).

Jesus entregou-se por nós voluntária e inteiramente. Como homem, experimentou a dor física e emocional; sua agonia foi devastadora. Mas Ele sempre deixou claro para os seus discípulos que viera ao mundo não somente para ensinar, curar e anunciar o Reino de Deus, mas para morrer por toda a humanidade. Você já parou para pensar que tudo que Ele sofreu foi por amor a nós? Ele não veio a este mundo tenebroso por causa dEle mesmo, todavia Jesus veio para nos salvar. Embora o Salvador tenha sido acusado de blasfêmia e de traição em uma corte civil, Ele não foi vítima de uma injustiça cometida pelo Sinédrio ou por Pilatos: Jesus foi punido diante de Deus, em nosso lugar, por amor a nós.

Assim como Ele fez, façamos nós também

No capítulo 12 da Carta aos Romanos, Paulo faz um apelo: “Rogovos pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus [...]”. Como cristãos, devemos apresentar nossos corpos em sacrifício vivo a Deus, assim como Jesus o fez. A palavra grega utilizada em Romanos 12.1 é *thysia*, que significa sacrifício ou oferta. Aqui Paulo faz um paralelo com o sistema de sacrifício levítico do Antigo Testamento. No entanto, é importante compreender que o nosso sacrifício, ao contrário daquele da Antiga Aliança, deve ser apresentado vivo. Também é necessário que seja santo, quer dizer, separado exclusivamente para o serviço de Deus. Só assim teremos a garantia de que estaremos vivendo um evangelho vivo, autêntico e que agrada a Deus, pois nos identifica com Jesus.

Assim como Cristo, ofereceu voluntariamente sua vida, seu corpo, para morrer em nosso lugar, também precisamos ofertar nossos corpos e mentes em sacrifício vivo a Deus. Cristianismo sem sacrifício, sem renúncia, sem entrega não é cristianismo.

A entrega da nossa vida a Deus exige amor e sacrifícios. Na atualidade, a palavra “amor”, embora muito utilizada, quase sempre aparece associada a “sentimentos”. Entretanto, não é esse o significado de *ágape* no Novo Testamento. O amor cristão é resultado do amor de Deus em nós mediante Jesus. O amor é um fruto do Espírito e uma das evidências da nossa regeneração. “O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12.9,10). Dessa forma, o amor que nos leva a nos doarmos em favor do nosso próximo, assim como Cristo fez por nós, não pode ser algo fingido, isto é, praticado com hipocrisia. Ele é legítimo e nos leva a ver o outro antes de nós mesmos.

Cristo deu voluntariamente a sua vida por nós para que vivamos como “sal” e “luz” da Terra. O cristão não pode viver de qualquer maneira e muito menos na apatia: “Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor” (Rm 12.11). No grego “vagarosos” é *okneros*, que tem o sentido de *preguiçoso, descuidado e indolente*. Ser fervoroso não significa ser religioso, mas significa ser alcançado pela graça e andar de acordo com ela.

II – A EXPIAÇÃO

Expição é a “purificação de crimes ou faltas cometidas”. Mas precisamos conhecer melhor o real significado desse termo, pois é a palavra-chave do tópico. Então, vejamos uma das definições de Charles Finney.²²

A palavra “expição” vem do termo hebraico cofer. Trata-se de um substantivo do verbo caufar, cobrir. O cofer ou a cobertura era o nome da tampa ou cobertura da arca da aliança e constituía o que era chamado propiciatório. A palavra grega traduzida por expiação é katallage. Isso significa reconciliação com o favor ou, mais estritamente, os meios ou condições para que haja reconciliação com o favor; de katallasso, “mudar ou trocar”. O significado estrito do termo é substituição. Um exame dessas palavras originais, no contexto em que se apresentam, mostrará que a expiação é a substituição governamental da punição dos pecadores pelos sofrimentos de Cristo. São os sofrimentos de Cristo cobrindo os pecados dos homens.

O sacrifício de Cristo foi expiatório, pois Ele tomou nossos pecados sobre si e foi punido em nosso lugar. No momento da sua morte na cruz, o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo (Mt 27.51), abrindo o caminho para que o homem redimido possa desfrutar novamente da comunhão e de uma nova vida com Deus. Durante centenas de anos esse caminho esteve bloqueado pela Queda, pelo pecado, mas agora foi aberto para todo o sempre pelo Filho de Deus, mediante a expiação (Ef 2.18; Hb 10.19,20).

No Antigo Testamento, sob a lei mosaica, a expiação pelo pecado se dava mediante o sacrifício de um animal inocente e sem defeito algum. Segundo o *Dicionário Bíblico Wycliffe*²³ “o derramamento do sangue era a evidência da morte”. “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida” (Lv 17.11).

“E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a

reconciliação” (Rm 5.11). O termo grego utilizado aqui para reconciliação é *katallage* cujo significado é “expição”.

A expiação e a salvação

“Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Esse texto bíblico aponta para a obra expiatória, salvífica de Jesus. Éramos inimigos de Deus e escravos do pecado, porém Jesus, mediante sua morte na cruz, trouxe-nos para uma vida de harmonia e reconciliação com Deus. A nossa salvação e reconciliação com o Todo-Poderoso é resultado da graça, do favor divino e hoje todos os que creem em Jesus podem alcançá-la.

O pecado, na sua universalidade, alcançou e contaminou toda a raça humana, por isso foi preciso que Deus enviasse à Terra um Salvador (Rm 3.23). Segundo as Escrituras Sagradas, todos estão debaixo do jugo do pecado. Logo, a necessidade de uma salvação e de um Salvador é universal. O apóstolo Paulo afirma que todos, ou seja, tanto os gentios como os judeus — o povo escolhido de Deus — mas que não andavam de acordo com as suas ordenanças, estavam sob o domínio do pecado. Somente a justiça de Deus, revelada em Jesus, é suficiente para nos salvar e libertar do pecado que afastou o homem de Deus, contudo sua misericórdia nos permite a reconciliação mediante Jesus Cristo.

Tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, a necessidade de reconciliação é colocada pela decisão misericordiosa, sábia e onipotente de Deus, de satisfazer sua santidade e sua justiça, além de cumprir seu propósito a favor do homem pecador, culpado, alienado e impotente. O homem, em seu pecado, está obviamente em uma condição

inapropriada para a comunhão com Deus, e um destino junto dele.²⁴

Um amor que não tem limites ou sobre a expiação ilimitada

Vivemos em um mundo que está mergulhado em trevas e que carece do amor, do perdão e da graça divina. O pecado tem cegado o entendimento de muitos e as pessoas já não conseguem mais compreender o real significado da palavra *amor* e muito menos amar o próximo como Jesus nos ensinou (Mt 22.39). À medida que o amor vai esfriando, a maldade, a frieza e a ganância dos homens têm aumentado e levado milhares à morte ou a viverem de forma desumana.

Mediante a miséria do mundo, muitos perguntam: Quem é o culpado pela violência e a infelicidade do mundo atual? Deus seria o culpado? O que deu errado? Nós cristãos, embora tenhamos a Palavra de Deus, não temos uma resposta pronta para todas as mazelas da humanidade, mas temos uma certeza: Deus não pode e nem deve ser responsabilizado por toda maldade que existe. Sabemos que o caos em que vive a humanidade é resultado da Queda, do pecado. Deus é bom e ao longo da história tem procurado cuidar das suas criaturas e se relacionar com elas.

O Senhor tem se revelado para a humanidade de diferentes maneiras e uma delas é por intermédio da criação (Rm 1.20). No entanto, hoje Ele também se faz conhecido mediante a sua maior e melhor revelação: Jesus Cristo. O Salvador veio ao mundo por amor, seu propósito era, e é, salvar, curar e libertar a humanidade decaída. Quando Jesus esteve em carne aqui na Terra, Ele demonstrou seu amor e sua autoridade sobre o mundo criado, realizando vários milagres a fim de ajudar os aflitos e necessitados. Jesus acalmou o mar bravio, salvando seus discípulos de uma grande tormenta (Lc 8.22-25). Ele curou os doentes, deu pão para os famintos, libertou os

oprimidos pelo Diabo, tratou as mulheres com amor e respeito; só fez o bem, pois seu coração transbordava o amor que vem do Pai. Ele é o Senhor, a quem o Pai Celeste deu toda a autoridade sobre tudo, inclusive para perdoar pecados e nos levar para o céu. Nietzsche, Freud, Karl Marx e tantos outros tentaram promover a ideia de que Deus não se importa conosco e que Ele é um ser distante, impessoal e inexistente, o que não é verdade. Também fizeram de tudo para proclamar o ateísmo, pois só a fé nos aproxima de Deus e da Verdade.

III- O VALOR DO SACRIFÍCIO DE CRISTO

Uma dívida que ninguém mais poderia pagar

Como poderíamos pagar o preço pela nossa redenção? Nossa dívida para com Deus era impagável. Segundo o salmista, “pois a redenção da sua alma é caríssima, e seus recursos se esgotariam” (Sl 49.8). Não foi com ouro ou prata que Cristo pagou as nossas dívidas; elas foram pagas com a sua própria vida, com o seu precioso sangue. Toda a humanidade estava perdida em seus próprios pecados. No texto de Romanos 3.9-20, Paulo nos mostra que todos, tanto os judeus como os não judeus, estão debaixo do poder da iniquidade. A Queda levou a humanidade para longe do Deus Pai. Deus é Santo e os nossos pecados nos separam dEle. Então, quem poderia nos resgatar? Somente o Filho Unigênito de Deus. Ele foi enviado para nos trazer salvação e a vida eterna. O Filho foi gerado por Deus: “Tu és meu Filho, hoje te gerei [...] eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho” (Hb 1.5). A expressão “Filho de Deus” indica a natureza divina de Jesus. Ele compartilha da mesma essência e da mesma natureza do Pai.

Uma vez sob o domínio do pecado, o homem não poderia e jamais poderá libertar a si mesmo. O povo hebreu, sozinho também não

poderia ser liberto da escravidão do Egito, do jugo de Faraó. Foi preciso um libertador, Moisés. Da mesma forma a humanidade também precisa de um libertador. O pecado além de nos afastar de Deus, interrompendo nossa comunhão com o Pai, tem também o poder de distorcer os valores divinos, alterando o caráter e o comportamento do homem em sociedade. Saiba que a falta de valores ou valores invertidos são uma das características da humanidade caída. Somente em Cristo o homem pode ser liberto do pecado, pode encontrar a salvação e receber uma nova maneira de viver (2 Co 5.17).

Sobre uma visão do Apocalipse

O texto de Apocalipse 5.1-5 nos mostra uma das revelações que João, autor do livro de Apocalipse, tem a respeito de um livro selado com sete selos. O fato do conteúdo do livro estar selado indica que sua mensagem estava oculta aos homens. João prossegue com sua narrativa enfatizando que “ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele” (v. 3). Tal revelação, de que homem algum era digno de abrir o livro, comoveu o coração de João fazendo com que ele lamentasse e chorasse. Qual o significado de tamanha comoção e de tal revelação? O significado é profundo para todo cristão, pois se trata de uma verdade que jamais podemos nos esquecer: “Sem a pessoa de Jesus Cristo e sua obra de redenção, a história é um enigma”.²⁵

A história humana só tem significado em Jesus Cristo. Ele é a razão de tudo e de toda a história. Quer a humanidade aceite ou não, tudo, no céu e na Terra está debaixo do senhorio de Cristo, e sem Ele não há redenção. O Messias conquistou, na cruz, uma grande vitória para toda a humanidade. Sua morte expiatória foi uma vitória sobre o pecado, sobre o Inimigo e sobre a morte. O julgamento e a derrota final de Satanás ainda estão por vir e se dará quando da segunda

vinda de Jesus. Cristo voltará não mais como um frágil bebê em uma manjedoura; Ele virá como o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, o vencedor (v. 5). Porém, podemos nos alegrar pelo fato de que Jesus Cristo já derrotou os poderes do Inimigo em sua encarnação, morte e ressurreição.

Aquela cruz era minha

Na cruz, Jesus nos substituiu. Ele tomou o nosso lugar assumindo sobre si toda a condenação que era nossa. Mediante um único, porém perfeito sacrifício, Ele pagou todas as nossas dívidas. A expiação de Jesus faz da salvação a maior dádiva de Deus para toda a humanidade. Expiação significa “remir a culpa”. Com a remissão vem também a “reconciliação” com Deus. Fomos reconciliados com o Altíssimo mediante a cruz (2 Co 5.19; Ef 2.11-19). Você é grato por sua salvação? Pelo sacrifício que Jesus fez em substituição por sua vida? Seja grato! Louve por tão grande e maravilhosa redenção. Jamais se esqueça do alto preço que foi pago a fim de que o Deus que é absolutamente santo o aceitasse (reconciliação) e declarasse a sua justificação.

Como poderia haver uma ação em que a justiça fosse feita de forma a satisfazer, simultaneamente, a justiça de Deus por um lado, e seu amor por outro, quando a questão era salvar os homens culpados e impotentes? Em sua sabedoria e poder eternos, em sua consistência interna de seu próprio ser, Deus tinha em si mesmo, desde o princípio, a resposta para esta pergunta. Resolvida historicamente na ação registrada nas Escrituras, esta resposta residia na pessoa e na obra de Jesus Cristo, o Filho de Deus, encarnado, em quem todas as exigências de justiça foram atendidas, tanto ativamente, em sua vida, ao cumprir a lei perfeitamente em nosso lugar, como

passivamente, em sua morte, ao morrer sob a penalidade da lei infringida (mesmo sem jamais ter pecado). Portanto, o propósito de justiça e amor absolutos foi cumprido, e o homem foi liberto da culpa e do poder do pecado, e restaurado à eterna comunhão com Deus.”²⁶

A morte e a ressurreição de Jesus foram reais, não se trata de um filme de Hollywood. Antes de ser crucificado, os soldados bateram em Jesus e puseram em sua cabeça uma coroa de espinhos. O que é o nosso sofrimento diante de tamanha dor? Os guardas romanos zombavam de Jesus e diziam: “Salve o rei dos judeus!” Depois de muita tortura Ele foi levado até o lugar da sua crucificação. A multidão que havia se beneficiado com seu pão, seu amor e seus milagres, agora assistia a tudo e gritava: “Crucifica-o!” Algumas pessoas que amavam a Jesus choravam ao ver o seu sofrimento, outras riam e zombavam dEle. Todavia, o Salvador poderia ter enviado muitos anjos e castigado aquelas pessoas. Mas, Ele sofreu por amor a nós.

Jesus levou a sua cruz até um monte chamado Gólgota. Ali foi crucificado. Em nenhum momento vemos Jesus reclamando ou brigando com os soldados romanos. Enquanto estava na cruz Ele disse: “Pai, perdoa estas pessoas. Elas não sabem o que estão fazendo!” Jesus foi colocado na cruz às nove horas da manhã e ao meio-dia, uma escuridão tomou conta da Terra. O dia virou noite. E ali na cruz, às três horas da tarde, Ele morreu! Infelizmente, algumas pessoas continuam negando a morte de Jesus e a sua ressurreição. Tal ideia só reafirma a verdade bíblica de que a cruz de Cristo é escândalo e loucura para os que perecem (1 Co 1.23).

CONCLUSÃO

Homem algum pode chegar ao céu por seus próprios méritos, sua força ou bondade. A salvação é uma provisão de Deus, uma dádiva que é alcançada somente pela fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus que morreu a fim de expiar os pecados de toda a humanidade. O nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus são, e continuarão sendo, o maior e mais importante acontecimento da história. É impossível chegar até Deus sem Jesus. Todos os que querem perdão dos pecados precisam se encurvar diante da cruz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

FINNEY, Charles. Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HORTON, Stanley M. TEOLOGIA SISTEMÁTICA: *Uma perspectiva Pentecostal*. 19ª impressão, Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

JOHNSTON, Jeremiah J. Inimaginável: *O que nosso mundo seria sem o cristianismo*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

LADD, George. Apocalipse: *Introdução e Comentário*. 9.ed. São Paulo: Edições Vida Nova e Associação Religiosa Mundo Cristão, 1992.

²⁰ HORTON, Stanley M. (ed.) *Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal*. 19ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 337.

²¹ JOHNSTON, Jeremiah J. *Inimaginável: O que nosso mundo seria sem o cristianismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 42.

²² FINNEY, Charles. *Teologia Sistemática*. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 280.

²³ Dicionário Bíblico Wycliffe. 7.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 749.

²⁴ Dicionário Bíblico Wycliffe. 7.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 749.

²⁵ LADD, George. *Apocalipse: Introdução e Comentário*. 9.ed. São Paulo: Edições Vida Nova e Associação Religiosa Mundo Cristão, 1992, p. 63.

²⁶ Dicionário Bíblico Wycliffe. 7.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 750.

CAPÍTULO 5

OS TÍTULOS DE JESUS CRISTO

Por Marcelo Oliveira de Oliveira

INTRODUÇÃO

Quem é Jesus? Uma pergunta parecida foi feita pelo próprio Senhor aos seus discípulos no primeiro século de nossa era (Mt 16.13). No século XXI essa mesma indagação continua a fazer sentido.

Muitos podem acreditar que Jesus de Nazaré é um sábio. Outros apostam nEle como um simples profeta religioso. Há os que dizem que Jesus é um guru espiritualista que nos ajuda a aplainar a vida. Seria Ele um mestre da moral? Ou o maior psicólogo que já existiu? Ou o maior filósofo que peregrinou por este mundo? Ou ainda o maior líder que empreendeu o projeto mais arrojado da era humana?

Embora Jesus fosse admirado por sua sabedoria, Ele não era um simples sábio. Embora fosse o profeta que denunciou a podridão do sistema religioso e político de sua época, e abraçou os pobres e vulneráveis esmagados por esse sistema, Ele não era somente um profeta. Embora trouxesse um equilíbrio que faltava às vidas dos que lhe ouviam, Ele não era um guru ou mero mestre da moral. Embora fosse o médico da alma humana, e curasse as feridas que dilaceravam o interior da pessoa, Ele não era um mero psicólogo. Embora trouxesse um novo modo de pensar e agir, Ele não era um

mero filósofo. Embora tivesse treinado e enviado pessoas simples que impactaram o mundo para sempre, Ele não era um líder de projetos meramente terrenos. Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, era muito mais que tudo isso.

O escritor britânico C. S. Lewis, referiu-se assim a respeito do nosso Senhor, acerca da sua identidade:

Estou tentando impedir que alguém repita a rematada tolice dita por muitos a seu respeito: “Estou disposto a aceitar Jesus como um grande mestre da moral, mas não aceito a sua afirmação de ser Deus”. Essa é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse somente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre da moral. Seria um lunático — no mesmo grau de alguém que pretendesse ser um ovo cozido — ou então o diabo em pessoa.²⁷

Em seguida, o escritor britânico arremata categoricamente:

Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la.²⁸

Não há opção acerca da identidade de Jesus senão pelos testemunhos dos que estiveram com Ele, e por inspiração do Santo Espírito, foram registrados nas Sagradas Escrituras. Não importa o que o pensamento humano vislumbra sobre Jesus. Num tempo marcado por várias desfigurações acerca da identidade de nosso Salvador é uma tarefa importante debruçarmo-nos sobre o que as

Sagradas Escrituras revelam acerca da identidade do Divino Mestre. Para isso, vamos analisar neste capítulo três títulos cruciais para o estudo da Cristologia: “Filho do Homem”, “Filho de Davi” e “Messias”. Nosso objetivo com este capítulo é, que ao final, você possa responder convictamente: “Quem é Jesus?”

I - FILHO DO HOMEM

Iniciaremos o nosso caminho pela análise da expressão “Filho do Homem”. Ela aparece no Antigo Testamento, de maneira mais abundante, no livro do profeta Ezequiel e também no livro do profeta Daniel. Nosso Senhor faz uma autorreferenciação dela no Novo Testamento, nos Evangelhos Sinóticos. Uma vez compreendida sua força semântica no Antigo Testamento, bem como confirmada e ampliada no Novo pelo próprio Jesus, podemos, então, estabelecer o paradigma de “Filho do Homem” em contraste com as falsas impressões contemporâneas a respeito da pessoa do nosso Salvador.

O uso e a origem do “Filho do Homem” no Antigo Testamento

Em nossos cultos pentecostais, a expressão “Filho do Homem” é familiar. Quem não se lembra de pregações ungidas a partir do texto bíblico de Ezequiel 2.1: “E disse-me: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo”? De fato, para nós, é um texto familiar. Entretanto, por acaso você já se perguntou a respeito do significado da expressão? O que ela quer revelar? Que conotação quer apresentar?

A expressão é usada mais de 80 vezes no livro do profeta Ezequiel.²⁹ Do hebraico *ben’adam* — filho de Adão. O teólogo David R. Nichols atribui seu significado a “um primeiro membro da humanidade”.³⁰ Tom Craven, especialista em Antigo Testamento, diz que a expressão é regularmente traduzida como *ser humano* ou *homem*.³¹ Ou seja, em Ezequiel, “Filho do Homem” refere-se ao que é

humano, que pertence à descendência de Adão, membro da humanidade.

A expressão também aparece no livro de Daniel. O texto bíblico clássico em que a expressão é revelada no livro de Daniel é:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o *filho do homem*; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído (7.13,14) (*Grifo meu*).

No livro de Daniel, a expressão tem uma ligeira mudança em relação ao de Ezequiel. Nele, “Filho do Homem” refere-se “a uma figura humana especial que recebe o dom celeste de soberania”.³² Traz a ideia de um homem especial que recebe mandatos divinos para desempenhar uma função na economia espiritual.

É o que vemos no capítulo 7 de Daniel, em que “Filho do Homem” encontra-se. O capítulo trata do “sonho e visões” que o profeta Daniel teve em sua cama (v.1). A partir do versículo nove, a imagem de um tribunal aparece, de onde Deus, representado por um ancião de cabelos brancos e roupa branca (v. 9), julga “os quatro animais”. No versículo 13, aparece um “como o filho do homem” que recebe “soberania eterna, glória e realeza sobre todas as nações”.³³ Aqui, a expressão “Filho do Homem” agora recebe uma referência semântica associada aos atributos divinos para cumprir o seu papel no juízo de Deus e no estabelecimento de seu Reino. “Filho do Homem” agora sai de uma dimensão terrena para adentrar em uma espiritual. É o que nos diz o teólogo David R. Nichols:

Note a mudança sutil que ocorre aqui. Em Daniel, o Senhor Deus, o Ancião de Dias, é quem julga; o Filho do Homem simplesmente aparece diante dEle. Aqui, o Filho do Homem fica sendo o agente: quebra os dentes dos pecadores e arranca reis dos seus tronos. Em outras palavras, nos séculos entre o Antigo e o Novo Testamento, os judeus atribuíam ao Filho do Homem apocalíptico um papel muito mais ativo quanto ao levar a efeito o juízo divino e o Reino de Deus.³⁴

Compreender essa sutil transição entre “Filho do Homem”, em Ezequiel, para “Filho do Homem”, em Daniel, é importante para compreendermos o uso da expressão feita por Jesus nos Evangelhos. Nesse sentido, podemos nos perguntar: Jesus usou a expressão “Filho do Homem” para apresentar a si mesmo como um membro da humanidade (conforme o livro de Ezequiel) ou como o “Filho do Homem” divino, que introduzirá o Reino de Deus e dará conta do tempo do fim (conforme o livro de Daniel)?

A autorreferenciação de Jesus como “Filho do Homem”

O Filho do Homem estava presente na Terra, mas ainda está por vir com poder e glória. O ministério de Jesus no mundo tem esses dois aspectos. Ele viveu plenamente sua humanidade no mundo, mas, a partir de seu corpo glorioso, virá com poder e grande glória. Não por acaso a expressão “Filho do Homem”, empregada por Jesus nos Evangelhos, dá conta desse duplo aspecto.

De pronto podemos dizer que a expressão *hyios tou antrôpou* — Filho do Homem, empregada pelos evangelistas, pode significar o homem como descendente de Adão e Eva. Note a resposta de Jesus no seguinte versículo: “E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o *Filho do Homem* não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20 — grifo meu). Aqui, a expressão Filho do Homem

refere-se a característica provisória e humilde de seu ministério, a sua dimensão de homem comum, tal como no livro do profeta Ezequiel. Nesse sentido, Jesus era um homem comum que tinha um estilo de vida simples. Não há nele lugar para a arrogância e soberba. O Novo Testamento registra que o Salvador sempre se portou como um de nós. Por isso, a humanidade de Jesus nas Sagradas Escrituras é de relevância ímpar. Num contexto em que muitos tendem a divinizar o que é humano, o aspecto da humanidade de Cristo é um antídoto contra essa tendência. Nosso Senhor viveu a sua divindade no “barro”.

Entretanto, a expressão “Filho do Homem” usada por Jesus também tem uma conotação divina e espiritual conforme vimos no livro do profeta Daniel. Atente para Lucas 12.40: “E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o *Filho do Homem* assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (grifo meu). E compare-o com este versículo: “E olhei, e eis uma nuvem branca e, assentado sobre a nuvem, um semelhante ao *Filho do Homem*, que tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro e, na mão, uma foice aguda” (Ap 14.14 — grifo meu). Comparando também este versículo com Daniel 7.13,14, o teólogo Timothy P. Jenney diz: “A pessoa que estava sentada ‘sobre a nuvem’ é Jesus Cristo (14.14) e a frase ‘semelhante ao Filho do Homem’ tem a finalidade de lembrar aos leitores o que Daniel disse em 7.13,14”. Lembra do um “como o Filho do Homem” em Daniel? É uma relação clara do “homem especial” que recebeu soberania eterna, glória e realeza no Reino de Deus.

Portanto, podemos dizer que a proposição “Filho do Homem”, tanto em Ezequiel quanto em Daniel, está expressa com toda força em Filipenses. Assim, concluímos que a expressão empregada pelo próprio Senhor traz a carga semântica de sua plena humanidade,

bem como seu mandato messiânico para estabelecer o Reino de Deus no mundo.

O paradigma de Jesus para nossas autoavaliações

A flexibilidade da expressão “Filho do Homem” nas Escrituras é notável. O Filho do Homem veio à Terra, viveu literalmente como homem (Ezequiel) e ainda virá com poder e glória (Daniel).

O fato de nosso Senhor ser um homem literal é extraordinário. As Escrituras expõem sua humanidade de maneira retumbante. A Bíblia diz que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). O mesmo evangelista João disse que suas mãos tocaram a “Palavra da Vida” (1 Jo 1.1), “e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo” (1 Jo 4.3). Logo, qualquer movimento que negue a humanidade do nosso Senhor está enredado no “espírito do Anticristo”.

Em Jesus, não há lugar para mentiras espirituais ou falsa realidade. As Escrituras revelam a realidade humana, mostrando que o ser humano nasce, mas morre; planta, mas colhe; fere, mas cura; chora, mas ri; espalha pedras, mas as junta também; abraça, mas afasta-se; busca, mas perde; guarda, e joga fora; rasga, mas costura; cala, mas fala; ama, mas também se aborrece; faz guerra, mas apazigua (Ec 1.1-8). Assim, o maior antídoto contra a falsa espiritualidade, ou o misticismo barato, é a humanidade de Jesus. Ela esfacela a idolatria dos homens. Aniquila a soberba humana. E revela qualquer insensatez.

II - FILHO DE DAVI

Se Jesus é o “Filho do Homem”, Ele também é “Filho de Davi”. Este título tem uma equivalência com o caráter messiânico de Jesus

Cristo. Em primeiro lugar, o título refere-se à realeza do Senhor Jesus. Essa percepção é clara no primeiro capítulo de Mateus.

A Realeza de Jesus

Lembre-se da genealogia de Jesus Cristo no livro de Mateus. Ali, o evangelista sagrado tem o objetivo de unir Jesus a Abraão e a Davi, o rei da promessa messiânica, e mostrá-lo como Aquele que cumpriu tudo o que era necessário na história da salvação. É o que menciona o teólogo James B. Shelton aos leitores modernos do Evangelho de Mateus:

Os leitores da atualidade não devem esperar que este documento antigo se conforme com o conceito moderno de árvores genealógicas, sirva para os mesmos propósitos ou tenha a precisão que os registros hodiernos proporcionam. O *ponto principal que Mateus ressalta é que Jesus estava numa família judaica e tinha sólidos laços com a sucessão real de Davi e, em última instância, com Abraão, o antepassado.* (Grifo meu)³⁵

Nesse sentido, a expressão “Filho de Davi” mostrará Jesus Cristo como o legítimo herdeiro da aliança davídica. O Rei-Messias que saiu como o renovo das raízes do tronco davídico. Os textos que mencionam “Filho de Davi” são exatamente a Cura da filha da mulher Cananeia (Mt 15.22), a cura do cego de Jericó (Mc 10.47) e a entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21.9-15). Aqui, nos deteremos escassa e modestamente, a respeito do episódio da mulher cananeia e da entrada triunfal de Jesus.

O poder de cura do Filho de Davi

A mulher cananeia retratada no capítulo 15 de Mateus surge da região de Tiro e de Sidom. Lugar que marca a herança nacional de Jezabel, a rainha que foi casada com o rei Acabe de Israel,

caracterizado pela adoração ao deus Baal e, tradicionalmente, hostil à adoração ao Deus de Israel. Por isso, Mateus ressalta a sua característica gentílica.

Diferente do Evangelho de Marcos (Mc 7.24-30), que registra apenas um clamor, em Mateus a mulher cananeia aparece rogando a Jesus três vezes (15.22,25,27), chamando-o de Senhor (*kyrie*).³⁶ O termo “Senhor” originalmente é uma palavra que diz respeito aos superiores — mestre, soberano, amo, proprietário. Naturalmente que, como o público leitor de Mateus era uma igreja estabelecida no primeiro século, os leitores dessa igreja considerariam uma titularidade divina a partir da oração suplicante da mulher.³⁷ O motivo de sua oração suplicante: sua filhinha estava miseravelmente endemoninhada. A mulher faz essa súplica, dirigindo-se a Jesus como o “Filho de Davi”. De acordo com o teólogo James B. Shelton, “o uso que a mulher faz do título ‘Filho de Davi’ não serve apenas para Mateus enfatizar Jesus como Rei, mas também reconhece que a nação judaica é a primeira na agenda de salvação, visto que a salvação passa por um Messias judeu”.³⁸ É uma expressão que vem carregada de uma semântica que destaca a realeza de Jesus como o Rei-Messias. Ou seja, aquele que salvaria a nação de seu destino caótico.

Essa é a imagem que salta do texto: um Rei elevado diante de uma mulher gentílica, oriunda de uma terra idólatra. É o Rei dos reis relacionando-se com uma mãe sofredora, dilacerada pelo sofrimento de sua filha. Esse Rei surpreende-se com a fé dessa mulher e cura a sua filha. O Filho de Davi tem um poder sanador, pois também é o Filho de Deus.

O anúncio do rei em sua entrada triunfal

O trecho bíblico traz uma imagem de grande vivacidade: “E as multidões, tanto as que iam adiante como as que o seguiam,

clamavam, dizendo: Hosana ao *Filho de Davi*! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (Mt 21.9 — grifo meu). A multidão reconheceu o reinado de Jesus. O uso oficial de um jumentinho manifesta a realeza dEle. O cumprimento da profecia de Zacarias atesta tal realidade (9.9). As vestes que Jesus usava revela tal realeza. Enfim, o “Hosana ao Filho de Davi” confirma que o povo recebeu e amou o seu Rei. Assim, Jesus, o Filho de Davi, é o rei davídico por excelência. Ele é aliança de Deus com Davi encarnada nEle.

O Rei de Israel entrou glorioso pelas ruas de Jerusalém. Ele é rei! Ele é o Senhor!

III - MESSIAS

Se Jesus é apresentado como o Filho do Homem, e o Filho de Davi, Ele também é apresentado como o Messias de Deus.

Messias-Cristo-Ungido

Messias é um termo que aparece primeiramente em hebraico. A palavra é *māshîah*, que significa “ungido”. No Antigo Testamento, o termo aparece como aquele que é ungido com óleo e capacitado pelo Espírito de Deus para fazer uma tarefa. A primeira ocorrência do termo *māshîah* está em Levítico 4.3 e relaciona-se ao sacerdote: “se o sacerdote *ungido* pecar”. Também o termo aparece em 1 Samuel 24.6, referindo-se ao rei: “o *ungido* do SENHOR). Há a ocorrência também em 1 Rs 19.16 em relação aos profetas: “*Unja* também Jeú [...] como profeta em seu lugar”. Entretanto, a ocorrência mais significativa para a Cristologia é a que aparece em relação ao episódio da unção de Davi como rei pelo profeta Samuel: “Samuel pegou o chifre do azeite e *ungiu* Davi no meio de seus irmãos. E, daquele dia em diante, o *Espírito do SENHOR* se apossou de Davi” (16.13).³⁹ Veja como em Samuel está bem clara a relação da unção para o reinado e

a capacitação do Espírito do Senhor. Essa perspectiva aparece exatamente com nosso Senhor Jesus. Este é o justo herdeiro da descendência de Davi, isto é, o Messias profetizado pelos profetas (Mq 5.2; Os 11.1; Is 61.1,2 cf. Lc 2.1-6; Mt 2.13-15,19,20; Lc 4.17-21; Jo 1.40,49), esperado pelos judeus e ungido pelo Espírito Santo para uma missão especial. É o que passamos a analisar agora no termo no Novo Testamento.

No Novo Testamento o termo é *christos* para Ungido, Messias. Ele relaciona Jesus Cristo como o Senhor com a mesma força do termo proveniente do hebraico. Os textos de Lucas 4.18,19 e João 4.1-42 são os em que Jesus aparece mais claramente como o Messias. Entretanto, em toda a sua trajetória, nosso Senhor nunca falou abertamente sobre sua verdadeira identidade, talvez pela consciência a respeito do que os judeus esperavam de um Messias: um poderoso político que os libertasse da mão do império. Por isso, de maneira geral, em Jesus, o termo “significa o Único que pelo Seu Espírito Santo e poder habita nos crentes e molda o caráter deles de conformidade com a Sua semelhança (Rm 8.10; Gl 2.20; 4.19; Ef 3.17)”.⁴⁰ O Cristo de Deus é o Messias que havia de vir. Não o Messias político, mas o ungido do Espírito para estabelecer um reino que não é deste mundo.

Tu és o Cristo!

“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16): assim respondeu Pedro à pergunta de Jesus. Ele afirmou categoricamente que Jesus é o Cristo, isto é, o Messias. Essa confissão representava toda a esperança que os discípulos tinham em relação à libertação de Israel e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Foi também uma resposta sucedida por uma bênção de Cristo: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque *não foi carne e sangue quem to revelou*, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16.17 — grifo meu). Ou seja, o que

Pedro afirmou não foi por consequência meramente intelectual, raciocínio humano ou algo semelhante. Foi uma revelação diretamente vinda do Pai.

É importante ressaltar que o texto de Mateus revela as elucubrações que as pessoas haviam feito acerca da identidade de Jesus. Para uns Jesus era João Batista; para outros, Elias; para terceiros, Jeremias; ainda, um dos profetas. Era uma imagem distorcida a respeito do Salvador. Diante das confusões de interpretação quanto à identidade de Jesus, a resposta de Pedro foi reveladora.

Jesus é o Cristo de Deus! Que resposta extraordinária! Imagine alguém em pleno século XXI afirmar: “Eu sou deus”. Seria um escândalo, não é mesmo? Essa era a mesma dificuldade para os contemporâneos de Jesus acreditar que diante dos olhos deles estava o Messias profetizado pelos profetas. Só o próprio Deus poderia revelar e confirmar no coração de Pedro a verdadeira identidade de Jesus: “Tu és o Cristo”!

Quem é Jesus para nós hoje?

Ravi Zacharias, importante apologista cristão, descreve assim a respeito do prognóstico da suposta crise de identidade a respeito de Jesus Cristo no Ocidente:

Na década de 1980, assisti a uma palestra proferida em conjunto por Francis Schaeffer e C. Everett Koop, ex-cirurgião geral dos Estados Unidos. Naquela conversa, Schaeffer fez um comentário que me pegou de surpresa. Ele disse que nós, do Ocidente, estávamos nos aproximando do dia em que o nome de Jesus não seria reconhecido pelo jovem comum; e se fosse reconhecido, nenhum fato histórico sobre Ele seria conhecido. Na época, achei sua declaração um pouco difícil de engolir e

me perguntei se ele havia dito isso apenas para ser provocativo. Porém, uma geração mais tarde, isso está parecendo ser bem verdade. Acho um tanto surpreendente o fato de o nome de Jesus ser profanado com muita regularidade – e isso não acontece apenas no Ocidente. Ninguém se atreveria a usar o nome de Maomé da mesma forma. E com certeza nenhum hindu que conheço usaria o nome de qualquer uma de suas divindades com tal desrespeito.⁴¹

A descrição de Ravi Zacarias traz muita exatidão para o problema. O Jesus apresentado em muitos lugares simplesmente não é o Jesus das Escrituras Sagradas. Há uma tendência de apresentar Jesus no debate público ou em outros lugares de maneira completamente distorcida. O “crucificado” não é apresentado. O Rei nem um pouco é mencionado. O Salvador, o Messias, desprezado. Sim, para muitos, infelizmente, o Cristo bíblico é rechaçado. Isso acontece porque o Jesus da Bíblia não se encaixa em qualquer ideologia humana ou modismos doutrinários. Pode-se até fazer um recorte do que Ele diz e fez para encaixar no próprio pensamento, mas ignorando as implicações incômodas do Cristo, o Filho do Deus vivo.

É preciso não envergonhar-se de proclamar o Cristo da Bíblia: O Crucificado e o Ressuscitado.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, vimos que Jesus é o “Filho do Homem”. Essa expressão tem uma conotação da humanidade plena de nosso Senhor, bem como sua messianidade para estabelecer o Reino de Deus no mundo. Vimos também que Jesus é o “Filho de Davi”, o legítimo herdeiro da aliança davídica. Ele é o Rei dos reis. Finalmente, Ele é o Messias, o Filho do Deus vivo. Aquele que há de estabelecer o Reino de Deus para sempre.

Esses três títulos identificam Jesus e pontua uma face humana e divina do nosso Salvador. Qualquer proclamação que ignore a perspectiva humana e divina de Jesus é incompleta. Se o nosso Senhor esvaziou-se da glória e fez-se semelhante aos homens, Deus também o exaltou soberanamente; se Deus o exaltou soberanamente, Ele também se esvaziou de sua glória e fez-se semelhante aos homens (Fp 2.5-11).

Lembra-se da pergunta, “Quem é Jesus?”, que fizemos na introdução? Definitivamente Jesus não pode ser visto como um mestre de moral, ou um revolucionário. Muito menos como alguém distante de nós, que está longe de nossas necessidades. Jesus é aquele apresentado nas Escrituras: o Filho do Homem, o Filho de Davi e o Messias. Qualquer imagem de nosso Senhor que não leve em conta essa tríade bíblica está incompleta. Jesus é Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. Comentário Bíblico. Vol. 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001.

Dicionário Vine. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HORTON, Stanley (Ed.). Teologia Sistemática: *Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LEWIS, C. S. Cristianismo Puro e Simples. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

STRONSTAD, Roger. A Teologia Carismática de Lucas: *Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

ZACHARIAS, Ravi. Quem é Jesus: Contrapondo sua Verdade à Falsa Espiritualidade dos Dias Atuais. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

²⁷ LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.69.

²⁸ LEWIS, C. S., 2009, pp.69-70.

²⁹ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. **Comentário Bíblico**. Vol. 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001, p.69.

³⁰ HORTON, Stanley (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p.310.

³¹ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J., 2001, p.69.

³² Ibidem, p.298.

³³ Ibidem, p.298

³⁴ HORTON, Stanley (Ed.), 1996, pp.311-12.

³⁵ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.14.

³⁶ A palavra é proveniente de *kyrios*.

³⁷ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger, 2003, p.98.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Aqui, não posso deixar de fazer uma referência em relação à ação do Espírito Santo no Antigo Testamento, especificamente a ação do Espírito na unção de Saul e de Davi quando da instalação da Monarquia de Israel. Veja o que o teólogo Roger Stronstad diz: “A fundação da monarquia para suceder aos juízes é caracterizada pela manifestação repentina e intensa de atividade carismática concentrada nos dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi. Completando a unção que Saul recebera por Samuel, o Espírito do Senhor veio sobre ele, e ele profetizou (1 Sm 10.1-10). O Espírito do Senhor viria sobre Saul mais duas vezes (1 Sm 11.6; 19.23) e uma vez em seus mensageiros (1 Sm 19.20) antes de Saul perder o reinado para Davi. Assim como o Espírito do Senhor veio sobre Saul quando ele também foi ungido por Samuel (1 Sm 16.13; 2 Sm 23.2). Com os descendentes de Davi, a monarquia em Israel tornar-se hereditária e perde o caráter carismático que era evidente na unção de Saul e Davi” (STRONSTAD, Roger. **A Teologia Carismática de Lucas: Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p.35). Assim, o símbolo da unção sobre alguma pessoa estava relacionado diretamente com o agir do Espírito do Senhor. Isso tem uma simbologia graciosa quando o Evangelista Lucas descreve o momento em que Jesus lê as Escrituras na Sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me *ungiu* [...]” (Lc 4.18).

⁴⁰ **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p.522.

⁴¹ ZACHARIAS, Ravi. **Quem é Jesus: Contrapondo sua Verdade à Falsa Espiritualidade dos Dias Atuais**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p.166.

CAPÍTULO 6

EU SOU JESUS

Por Thiago Santos

INTRODUÇÃO

Há, nos Evangelhos, expressões que anunciam aspectos interessantes da pessoa de Jesus Cristo. Em alguns momentos dos Evangelhos é possível encontrar o Senhor utilizando a expressão “Eu Sou” ao se reportar às multidões ou mesmo a seus discípulos. Esta declaração revela uma forte identificação de nosso Senhor com o próprio Deus *Yaweh*, o Deus que se manifestou aos seus servos no Antigo Testamento.

Nos Evangelhos, Jesus Cristo se revela como “Eu Sou a Luz”. A Luz que ilumina as nações, que salva o pecador das trevas, transportando-o para o Reino da Luz. Ele prometeu que quem segui-lo, jamais andarão em trevas (Jo 8.12).

Da mesma maneira, o Senhor se revela como o “Bom Pastor”, aquele que faz as ovelhas deitarem em pastos verdejantes e as guia por águas tranquilas (Sl 23).

E, semelhantemente, Jesus declara-se como a “Porta”, e quem entrar por Ele, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagem (Jo 10.9). Jesus é o único meio pelo qual a humanidade pode ser salva. Seu cuidado pelas ovelhas contrasta o mau-caráter dos ladrões e salteadores que não se importam com as ovelhas. Tais declarações

causaram polêmica entre os religiosos da época, porém, para os discípulos de nosso Senhor, trouxeram lições significativas.

I - EU SOU A LUZ DO MUNDO

No Antigo Testamento é comum encontrarmos um expressivo número de referências que associam o SENHOR com a Luz. Desde Gênesis, quando todas as coisas eram criadas, o SENHOR disse: “Haja Luz”, e assim aconteceu (cf. Gn 1.3). Mas note que, em muitas ocasiões, a luz aparece na história bíblica em contraste com as trevas, uma espécie de metáfora em relação à oposição entre o bem e o mal. De um lado, as trevas do pecado tentam arrastar a humanidade para o inferno e distanciá-la de Deus. Do outro, Jesus Cristo, a Luz que veio ao mundo para iluminar os pecadores e mostra-lhes o caminho que leva à salvação.

Outro aspecto importante na declaração de Cristo como a Luz do mundo está associado à Festa dos Tabernáculos, uma importante festa judaica. Note que, nesta festa, os grandes candelabros do Templo eram acesos como forma de lembrar ao povo acerca da coluna de fogo que guiou os filhos de Israel durante a peregrinação no deserto (cf. Êx 13.21). Da mesma maneira que o Senhor Jeová era o seu Guia Iluminador naquela ocasião, assim também, Jesus é o Eu Sou, sempre presente, sempre iluminando, dispersando a escuridão (BEACON, 2006).

Semelhantemente, a Bíblia nos mostra o quanto precisamos da Luz. O Novo Testamento é rico na exortação de que devemos andar na luz (cf. 1 Jo 1.7). “Andar na luz” significa afastar-se das trevas, isto é, de todas as obras infrutuosas do pecado que não se coadunam com as obras do Reino Celestial. O apóstolo João afirma, em sua primeira Carta, que se “dissermos que temos comunhão com Ele e andamos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (cf. 1 Jo

1.6). Aqueles que têm comunhão com Deus compartilham da sua santidade e presença.

Portanto, é inconcebível que um servo de Deus, que anda na luz e prova, verdadeiramente, do amor divino, viva na prática do pecado e compartilhe dos prazeres mundanos.

O SENHOR é a luz das nações

Em vários registros sobre a manifestação do Senhor no Antigo Testamento, luz, brilho, fulgor, sempre estão presentes. Na maioria dos casos, a luz está associada a relatos sobre a Salvação. Em Salmos 27.1, por exemplo, a bênção da Salvação está associada à luz como sendo a orientação divina para uma vida boa. O salmista confia em Deus e mal nenhum o fará temer, pois o Senhor é a sua força.

Em outros registros das Escrituras, a luz está contrastada com as trevas, a extensão do pecado que subjuga a humanidade e a afasta da presença gloriosa de Deus. “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23). O pecado, representado pela ausência da luz, domina a humanidade e somente a luz do evangelho pode trazer libertação das trevas da ignorância e conduzi-la para o caminho do Bom Pastor que deseja salvá-la.

A afirmação de Jesus e sua relação com a Festa dos Tabernáculos

A declaração de Jesus a respeito de ser Ele próprio a Luz que veio a este mundo foi declarada em uma festa muito especial para o povo judeu, a Festa dos Tabernáculos. Jesus vai fazer a mesma declaração em outros momentos registrados nos Evangelhos. Entretanto, há um significado especial nesta ocasião.

Segundo o Dicionário Bíblico Wicliffe (2003, p. 792):

Esta era a terceira das festas de peregrinação, celebrada durante sete dias, seguida por um oitavo dia de santa convocação com os sacrifícios apropriados (Lv 23.33; Nm 29.12-

38; Dt 16.13-15). Era a notável festa de regozijo no ano, na qual os israelitas, durante o período de sete dias, viviam em tendas ou cabanas feitas de ramos em comemoração às suas peregrinações no deserto, quando seus pais habitavam em abrigos temporários. De acordo com Neemias 8.14-18, as tendas eram feitas de oliveira, murta, palmeira e outros ramos, e eram construídas sobre os telhados das casas, em pátios, no pátio do Templo e nos lugares amplos das ruas da cidade. [...] à noite, as ruas e o pátio do Templo eram iluminados por inúmeras tochas carregadas pelos peregrinos, cantando e dançando. As tendas eram desmanchadas no último dia, e o oitavo dia que se seguia era observado como um sábado de santa convocação.

Nesta festa, comemorava-se a liberdade de um povo que havia sido submetido à escravidão pelas mãos dos egípcios, mas agora estava livre para adorar ao SENHOR Deus Todo-Poderoso. Há, no entanto, um aspecto desta celebração que está diretamente associado à declaração de Jesus sobre ser a Luz: o texto sagrado lido nesta cerimônia era Zacarias 14. Ora, para além da relação com a questão da “água viva” (14.8), da qual Jesus faz referência em João 7.38, Zacarias também menciona profeticamente a respeito de uma alegre celebração que ocorrerá durante o milênio. Esta celebração terá como curador o próprio Senhor Jesus Cristo, o Príncipe da Paz. A alegria que Jerusalém esperou por séculos era chegada, personificada em um homem simples, mas poderoso em obras e palavras (Lc 24.19).

Precisamos da Luz!

Andar na luz, mais do que um dever de todo servo de Deus, é uma questão de sobrevivência. Viver distante da luz é estar vulnerável às armadilhas projetadas por Satanás. Em contrapartida, a Bíblia ensina

que é preciso rejeitar às obras das trevas e revestir-se com as armas da luz (Rm 13.12). Estar revestido significa estar espiritualmente pronto para lidar com o pecado e com as adversidades.

Muitas pessoas têm sido enganadas pelo Inimigo que lhes rouba a luz do entendimento, tornando-as ignorantes e incapazes de compreender as verdades do evangelho. Essas investidas fazem com que essas pessoas permaneçam presas debaixo do jugo do pecado e afastadas de Deus.

As Escrituras afirmam que em Deus não há trevas e, portanto, todo aquele que O segue não deve permanecer nas trevas. Quem anda nas trevas não está em Deus, pois deseja esconder os erros que não são compatíveis com a luz. A vergonha do pecado impede que as pessoas se aproximem de Deus. Mas, aqueles que desejam abandonar as obras infrutuosas das trevas, arrependem-se de seus pecados, e voltam-se para a luz a fim de serem salvos.

O apóstolo João ressalta em sua primeira epístola que se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 Jo 1.7). O nosso dever, como filhos de Deus, é não se associar com as trevas, e sim denunciá-las.

II. O BOM PASTOR

Após libertar o seu povo do cativeiro egípcio, o SENHOR o conduziu pelo deserto assim como um pastor guia as suas ovelhas. O Salmo 23 ilustra também essa situação ao relatar o compromisso do Bom Pastor com as suas ovelhas. À medida que o salmista relata o cuidado do pastor, é possível notar certa semelhança com o zelo que o Senhor Jesus tem com as suas ovelhas na Nova Aliança.

O Evangelho de João narra o episódio em que Jesus Cristo se declara como o Bom Pastor, que dá a sua vida pelas ovelhas (Jo 10.11), em contraste com os mercenários que, em vez de se

dedicarem às ovelhas, preocupam-se apenas com as futilidades da própria vida (cf. Ez 34.2-10). Tal postura revela a reprovação de Deus em relação ao perfil de liderança demonstrado pelos líderes religiosos de Israel nos tempos de Jesus.

Assim como no Antigo Testamento, quando a falta de amor perdurava entre os reis e sacerdotes, os quais sofreram duras críticas por conta da perversidade que demonstraram com as ovelhas da Casa de Israel (cf. Ez 34.1-10), assim também, agora, Cristo denuncia a negligência dos líderes judeus que tinham a incumbência de levar o povo a obedecer à Lei (Mt 23).

Em contrapartida, Jesus aparece neste cenário como o “Bom Pastor” disposto a entregar a própria vida em favor das suas ovelhas, revelando um caráter sacrificial de liderança completamente diferente daquele experimentado até então pelo povo israelita. Jesus não é apenas um teórico da fé e nem alguém que cobra das pessoas o que nunca foi capaz de fazer. Antes, seu compromisso é real e prático. Ele não apenas afirma, mas também demonstra, com a própria vida, que está disposto a fazer as pessoas felizes.

Além da doação integral aos seus liderados, a liderança instaurada por Jesus tem como característica fundamental o cuidado com o próximo. A relação de Jesus com seus discípulos mostra o princípio do acolhimento e cuidado para com as pessoas (Jo 10.16).

A expressão “Bom Pastor” como uma rememoração de uma imagem do Antigo Testamento

A expressão “Bom Pastor” rememora a imagem de Deus no Antigo Testamento, quando o SENHOR se revelou como o Deus que libertaria o seu povo da escravidão e o guiaria pelo deserto, rumo à conquista da Terra Prometida (cf. Êx 3.6-10).

Não podemos perder de vista o fato de Jesus ter vivido em um contexto da cultura e da religião judaica. Isso explica o fato de nosso

Senhor fazer referência, por várias vezes, ao Antigo Testamento. Nesta passagem, a figura do Bom Pastor não está ligada a Jesus unicamente pelo cuidado que Ele demonstra com as suas ovelhas, mas também pela necessidade de se estabelecer um perfil de liderança, tendo como base as críticas de profetas como Jeremias (Jr 23.1-4) e Ezequiel (Ez 34.1-16).

Dentre as denúncias proféticas, está aquela contra o egoísmo de alguns pastores que, em vez de se dedicarem às ovelhas, preocupavam-se apenas com as futilidades da própria vida (Ez 34.2-10). Ali, os governantes são condenados como negligentes, tirânicos, não se importando com as suas responsabilidades. Eles abusam da sua função e alimentam a si mesmos, em vez de alimentar o rebanho. Como resultado, as ovelhas se espalham e tornam-se presas fáceis para todas as feras do campo. Consequentemente, Deus irá julgar os pastores indignos e Ele mesmo irá reunir o rebanho desgarrado, alimentá-lo e dar-lhe abrigo (BEACON, 2006).

Na imagem de Ezequiel, assim como na descrição de João, Deus levantaria um pastor para cuidar e buscar todas as ovelhas de Israel que estavam em sofrimento (Ez 34.11-16). A profecia se cumpriu em Jesus. Diferente daqueles que se comportaram mercenariamente, cuidando das ovelhas apenas por interesse, o Senhor é amoroso, compassivo e trabalha para que nenhuma delas se perca. Se alguma delas se extravia, Ele vai ao seu encontro, põe-na em seus ombros e a traz de volta ao redil.

O caráter sacrificial do Bom Pastor

Um dos aspectos mais marcantes da liderança de Jesus está na sua capacidade de se sacrificar pelos seus amigos (vv. 17,18). Esta atitude do Mestre inverte completamente a lógica de manipulação e exploração de pessoas que, desde a Queda adâmica, instaurou-se na humanidade.

É importante destacar que o amor sacrificial do Bom Pastor é um ato voluntário cuja motivação única é o amor incondicional que Ele tem por suas ovelhas. Note que esse amor está intimamente ligado ao amor do Pai: “Por isso o Pai me ama porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la (Jo 10.17,18). Sua obediência incondicional à vontade do Pai não se trata de uma responsabilidade apenas que Lhe fora conferida, e sim de uma autodoação do Mestre em favor dos seus discípulos.

Ainda sobre o amor sacrificial do Bom Pastor, não poderíamos deixar de destacar o empenho pessoal de Jesus em favor do bem-estar das pessoas. Jesus não limitava o seu amor apenas a discursos vazios, antes o seu compromisso era real e prático. Ele não apenas afirma, mas também demonstra com a própria vida que está disposto a fazer as pessoas felizes (Jo 10.18,28). É comum encontrarmos nos Evangelhos várias ocasiões em que o Mestre se importa com os pobres e mais frágeis dentre o povo (Mt 11.5; Lc 6.20). Esse fato corrobora que a intenção do Reino de Deus é fazer com que os preteridos dentre o povo sejam reconhecidos como os mais importantes (Lc 22.22-26).

O relacionamento dedicado do Bom Pastor

Outra característica observada no perfil de liderança demonstrado pelo Mestre é a sua postura acolhedora. Na maior parte do seu ministério terreno, Jesus dedicou tempo a se importar com as pessoas. É possível notar este aspecto quando Jesus multiplica os pães e os peixes para alimentar quase cinco mil pessoas (Mc 6.30-44). Também quando curou várias pessoas dotadas de enfermidades e aprisionadas por espíritos malignos (Lc 4.40,41). As multidões andavam desgarradas e errantes como ovelhas que não têm pastor

(Mt 9.36; Mc 9.34). Mas o Bom Pastor veio para resgatá-las, guiá-las e acolhê-las em seu redil.

Se há um sentimento que o Senhor Jesus não apenas sentiu, mas demonstrou pelas pessoas, é o sentimento de compaixão. O termo original é *splagchnizomai*, o qual descreve uma emoção que comove as pessoas até o íntimo do ser. Fala da tristeza que alguém sente pelo sofrimento e infortúnio do próximo, juntamente com o desejo de ajudá-lo (STAMPS, 1995). Note que o Mestre não expressava pena da triste condição em que as pessoas de seu tempo se encontravam, mas o mesmo sentimento de compaixão O levou a agir em favor dessas pessoas.

III. EU SOU A PORTA

Além de ser o Bom Pastor que cuida das ovelhas, Jesus também é a Porta pela qual as ovelhas entram e encontram pastagem. Esta narrativa diz respeito a mais um aspecto do cuidado do pastor com o seu rebanho e, de forma metafórica, ilustra a identidade do ministério de Jesus.

Ao descrever a porta das ovelhas, o Senhor Jesus revela, utilizando-se da imagem rural, sua singularidade como Salvador e único acesso a Deus. Não existe outra porta pela qual as ovelhas possam entrar e encontrar alimento. Esta verdade consolida que a pregação do evangelho deve ser estendida a todas as pessoas para que cheguem ao conhecimento da verdade, pois “em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12).

Jesus corrobora sua singularidade e soberania ao comparar o comportamento daqueles que vieram antes dEle como ladrões e salteadores. Estes são caracterizados como líderes escolhidos para mostrar o caminho que aponta para justiça. Entretanto, não passam de pessoas interessadas em receber algum privilégio ou riqueza

material em troca dos seus serviços. Mas quando o mal vem assolar as ovelhas, não sabem o que fazer a não ser abandonar o rebanho e fugir. Fica evidente que a marca do mercenário é a falta de amor pelas ovelhas.

Igualmente, ao declarar-se a porta, Jesus revela-se como aquele que tem o poder de fazer, em nós, novas todas as coisas. Somente o evangelho tem o poder de transformar o homem em nova criatura, de remover as amarras do pecado e conduzi-lo a uma nova experiência com Deus. Jesus é esta porta, quem entrar por ela, salvar-se-á.

A singularidade de Jesus

A representação do curral de ovelhas é bem peculiar dos tempos de Jesus. Ao contrário do que muitos pensam, a afirmação de Jesus sobre ser a porta é a citação de mais uma cena do que acontecia naquele espaço reservado para as ovelhas. Uma representação singular do Salvador que veio apresentar o único meio pelo qual o pecador tem acesso a Deus (cf. Jo 14.6).

Diferente dos dias atuais, o curral de que Jesus falou era uma caverna ou um curral com paredes de pedra, coberto com urzes (arbustos), que apresentava uma única entrada, na qual o pastor dormia para proteger o rebanho que estava dentro. Ao dizer “Eu sou a porta” (Jo 10.7,9), Jesus faz uma afirmação enfática de ser a única entrada para a salvação (10.9) (RICHARDS, 2007).

Observe que ao entrar por esta porta, as ovelhas podem desfrutar de: salvação, segurança e sustento. Em outras palavras, significa dizer que os crentes em Jesus Cristo podem descansar na certeza da salvação eterna e desfrutarem de paz e conforto na presença de Deus. Em contrapartida, os que seguem por caminhos tortuosos encontrar-se-ão com o ladrão, que veio para roubar, matar e destruir. Todavia, não é da vontade de Deus que nenhuma de suas ovelhas se

perca (Jo 6.39), mas que persista em seguir pelo caminho da vida, e continue a entrar pela porta.

Não existe outra porta pela qual as ovelhas possam entrar e encontrar alimento. A declaração de Cristo ao afirmar ser a porta revela outra verdade que diz respeito à natureza do evangelho: a salvação está aberta para todos os que creem.

A superioridade de Jesus

A superioridade de Jesus fica evidente quando colocada em contraste com o comportamento de pseudolíderes de sua época. Não é a primeira vez que o Mestre confronta as autoridades religiosas daquele período, tendo em vista que há muito tempo eles já haviam deixado de observar as leis de Deus para satisfazer a suas próprias ambições e necessidades.

Ao chamá-los de ladrões e salteadores, Jesus não estava cometendo nenhum equívoco, porquanto era justamente isso que eles estavam fazendo com o povo que frequentava o Templo. As referências de Jesus aos mercenários (Jo 10.12,13) que não cuidavam das ovelhas, eram um ataque inconfundível aos escribas ou doutores da lei que afirmavam ter autoridade espiritual sobre o povo de Deus (RICHARDS, 2007).

O que mais preocupa no comportamento desses falsos líderes não é apenas a sua ganância e ambição por poder e riquezas, mas, principalmente, a negligência em cuidar das ovelhas feridas e abandonar as que estavam perdidas. O profeta Ezequiel protestou contra o comportamento dos líderes religiosos de seus dias:

“E veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize aos pastores: Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os

pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim, se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo, porquanto se espalharam. As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo o alto outeiro; sim, as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a face da terra, sem haver quem as procure, nem quem as busque (Ez 34.1-6).

O cenário não era diferente nos dias de Jesus e, por esse motivo, o Senhor aproveita-se da ocasião para fazer duras críticas à postura dos líderes religiosos de Israel. Muitos negligenciavam o ensino da Lei em função dos privilégios concedidos pelas autoridades romanas que governavam naqueles dias (Jo 11.46-48).

Vale ressaltar que não somente naqueles dias, mas qualquer tipo de liderança, nos dias atuais, que não aponta para a cruz e não considera o sacrifício vicário de Cristo é inútil. Qualquer espiritualidade que aponte para o lucro, poder e glória humana, não pode ser considerada verdadeira.

O poder de Jesus

O evangelho tem o poder de transformar o homem pecador em nova criatura, de remover as amarras do pecado e fazê-lo andar em santidade na presença de Deus. Somente os que passam pela porta podem experimentar da transformação divina. Jesus disse: quem entrar por ela [a porta], salvar-se-á, entrará, e sairá, e achará pastagens (Jo 10.9).

Todo o propósito da missão de Jesus é dar vida (20.31), e que esta vida seja de qualidade suprema (eterna), assim como infinita em quantidade (cf. 1.16; 2.6ss.; 4.14; 6.13; 7.38). O propósito e o plano de Deus não são apenas salvar o homem da morte, da destruição, da culpa, mas também torná-lo santo, “conforme a imagem do seu Filho” (Rm 8.29). Tal propósito só pode ser atingido de uma maneira; por meio da morte voluntária de Jesus (BEACON, 2006). E, assim, mediante a fé no Filho de Deus os homens podem experimentar do perdão divino. Como afirma o profeta Isaías, nossas culpas foram todas levadas por Ele (cf. Is 53.5).

CONCLUSÃO

Finalmente, o que se pode afirmar com base nas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo é que somente conheceremos o bondoso Deus se o nosso relacionamento com seu Filho estiver preservado. Há muitos que buscam aproximar-se de Deus por meios completamente contrários àquele determinado na Santa Palavra.

Somente em Jesus Cristo é possível encontrar a luz, pois Ele é a própria Luz que ilumina o pecador e o resgata da sua triste condição de pecado para um lugar de paz e liberdade (Jo 8.12). Ele é também o Bom Pastor, que apascenta as suas ovelhas e jamais as abandona, como fazem os mercenários que pensam apenas no que podem obter de retorno por seu trabalho. Ao contrário disso, o Bom Pastor cuida de suas ovelhas tão somente porque tem amor por elas.

E, por fim, Ele é a porta pela qual o pecador pode entrar e encontrar vida eterna, segurança e paz. Jesus é o único meio pelo qual a humanidade pode ser salva (cf. At 4.12). Por isso, a Igreja precisa compreender que existem muitas ovelhas que ainda estão desgarradas e o Salvador Jesus deseja resgatá-las. Ir ao encontro dessas ovelhas é a nobre missão da Igreja (cf. Mt 28.19-20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. (Ed.) Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. 4ª ed. v.1. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

EARLE, Ralph; MAYFIEL, Joseph. Comentário Bíblico Beacon. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PFEIFFER, Charles F., *et al.* Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

RICHARDS, Lawrence O. Comentário-Cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CAPÍTULO 7

O SENHORIO

DE JESUS CRISTO SOBRE OS DEMÔNIOS

Por Telma Bueno

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo veio ao mundo com uma missão, um propósito específico que lhe foi conferido pelo Pai: “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10) e “desfazer as obras do diabo” (1 Jo 3.8). Encontramos em toda a Palavra de Deus vários registros a respeito da atuação das forças do mal (At 5.16; 19.12). Ninguém está livre das investidas satânicas, pois até mesmo o Filho de Deus foi levado ao deserto e ali foi tentado por Satanás (Mt 4.1-11). Ao tentar Jesus, o Diabo tinha como objetivo fazer com que o Filho de Deus desobedecesse à vontade do Pai. Satanás é um dos nossos inimigos e precisamos de discernimento e sabedoria para não sermos enganados e confundidos por sua atuação nesse mundo tenebroso. Jesus venceu as forças do mal enquanto estava no deserto utilizando a autoridade das Escrituras; o que mostra que precisamos conhecer e viver segundo a Palavra de Deus a fim de que vençamos o pecado, a carne, o mundo e o próprio Satanás.

Esse capítulo tem como propósito nos conduzir a uma reflexão a respeito desses seres espirituais decadentes e a sua operação no mundo. Veremos também o destino que está reservado a eles. Nossa reflexão será pautada nas Escrituras Sagradas. A falta de conhecimento bíblico deixa os servos de Deus reféns das forças demoníacas. Precisamos de discernimento e conhecimento bíblico para que venhamos superar os mitos e misticismos quanto à atuação das forças demoníacas na atualidade. Segundo o pastor Thiago Brazil, “estudar acerca da autoridade de Jesus sobre os demônios pode revelar-nos preciosas verdades sobre o poder do Cristo.”

I – A ATUAÇÃO DOS DEMÔNIOS NO NOVO TESTAMENTO

Evidências bíblicas sobre a existência de demônios

Já vimos no capítulo 4 que Jesus veio ao mundo com uma missão específica, um propósito, e assim também acontece com o império das trevas. Satanás tem como missão: matar, roubar e destruir (Jo 10.10). Nas Sagradas Escrituras encontramos várias evidências bíblicas da existência de demônios. A primeira referência está registrada no livro de Gênesis, no capítulo 3. Satanás aparece em uma serpente e induz Adão e Eva a pecarem, pois acreditava que a obra-prima do Criador seria arruinada para sempre. Entretanto, Deus em seu infinito amor, já tinha, desde a fundação do mundo, um plano de Salvação para resgatar a humanidade do pecado. A Queda de Adão haveria de ser revertida por Jesus Cristo através de sua morte na cruz.

Ainda no Éden, Deus rompeu a aliança entre o Diabo e a humanidade: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Mediante o relato de Jó 1.6 sabemos que Satanás, na Antiga Aliança, tinha acesso a Deus e o propósito do

maligno era, e é, somente levar o homem a pecar e se rebelar contra o Criador. No livro dos Salmos, as práticas idólatras dos israelitas, como os sacrifícios, são atribuídas aos demônios (Sl 106.36,37). Já no livro de Daniel vemos uma batalha espiritual travada entre “o príncipe do reino da Pérsia” e Miguel, o príncipe de Israel (Dn 10.21), enviado de Deus com uma mensagem especial para o profeta (Dn 10.13). Segundo a *Bíblia de Estudo Pentecostal* o “príncipe da Pérsia não era um potentado humano, mas um anjo satânico.” Porém, nessa luta fica evidente a superioridade de Miguel e do Reino de Deus sobre o reino das trevas. Em Zacarias 3, o sumo sacerdote Josué, que representava a nação de Israel, é acusado por Satanás e justificado por Deus. Então fica evidente a atuação de espíritos e forças malignas no Antigo Testamento. Entretanto, segundo os autores Carolyn Denise Baker e Frank D. Macchia, “a demonologia não desempenha nenhum papel de destaque no Antigo Testamento”⁴² porque os escritores bíblicos da antiga aliança não tinham como objetivo narrar ou explicar a respeito das forças demoníacas. O enfoque principal era a vinda do Filho de Deus ao mundo para remissão dos pecados da humanidade. Também precisamos ressaltar o fato de que os hebreus viviam cercados por povos politeístas. No Egito, o povo de Deus teve contato com vários deuses e certamente deve ter presenciado a atuação das forças do mal. Basta uma leitura de todo o Antigo Testamento para percebermos que o enfoque era ressaltar o fato de que só o Senhor é Deus e que Israel jamais deveria adorar ou invocar nenhum outro deus das nações vizinhas: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem alguma semelhança do que há encima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra” (Êx 20.3,4).

Somente com a chegada de Jesus — a luz do mundo — as obras das trevas se tornaram visíveis aos homens (Jo 8.12). Por isso, no ministério de Jesus e na Igreja do primeiro século, veremos vários milagres referentes à libertação de pessoas oprimidas pelo Diabo e a atuação do mal tentando impedir o avanço do Reino de Deus. Somente estudando de forma sistemática os Evangelhos, compreendemos melhor o poder e o senhorio de Jesus sobre o Maligno e as forças do mal. Observe o que os estudiosos Carolyn Denise Baker e Frank D. Macchia nos falam a respeito da ênfase aos demônios no Antigo e no Novo Testamento:

Em contraste com a atenção relativamente pequena que o Antigo Testamento dedica à derrota das forças das trevas, os Evangelhos impressionam-nos com a ênfase que dedica à questão. Aliás, tal ênfase já fora dada na literatura intertestamentária, que levou a alguns a especular a respeito da possível influência do dualismo persa. Mas teologicamente falando, a implicação é que o aumento da atenção dada à derrota dos demônios nos Evangelhos deve-se à revelação prévia da graça e da verdade na vinda de Jesus Cristo (Jo 1.14).⁴³

Em seu ministério terreno, Jesus libertou várias pessoas que estavam dominadas, possuídas por espíritos malignos. Os casos de possessão demoníacas relatados nos Evangelhos não eram uma questão de saúde mental. Na atualidade, existem vários recursos para tratar as desordens mentais, como por exemplo, os medicamentos e a terapia. Contudo, quando se trata de opressão maligna, Jesus continua sendo a única solução. Ele continua a libertar os cativos pelo Diabo. É importante ressaltar e deixar bem

claro que possessão demoníaca e doenças mentais são duas coisas completamente distintas.

Os demônios estão sob o controle de Satanás, e o único objetivo deles é frustrar os bons propósitos de Deus para o mundo, em particular, na vida das pessoas. Para Jesus, expulsar demônios era o indício-chave de que o Reino de Deus estava realmente chegando em seu ministério (Mt 12.28; Lc 11.20). A vinda do Reino de Deus dessa forma significava que Satanás estava derrotado (Lc 10.18) e já fora amarrado em antecipação de sua destruição derradeira (Mc 3.27).⁴⁴

Características dos demônios no Novo Testamento

No Antigo Testamento encontramos várias tentativas de Satanás contra a linhagem da qual nasceria o Messias, aquele que feriria a cabeça da serpente (Gn 3.15). Mas graças a Deus, todas essas tentativas foram frustradas. O Filho de Deus veio ao mundo para redimir a humanidade e estabelecer o Reino de Deus. A vinda do Rei dos reis revelou a derrota do reino das trevas, por isso no Novo Testamento a atuação do maligno se torna mais evidente, contudo suas atividades e propósitos permanecem os mesmos: matar, roubar e destruir (Jo 10.10). Observe o que Myer Pearlman nos diz a esse respeito:

Satanás perturba a obra de Deus (1 Ts 2.18); opõe-se ao Evangelho (Mt 13.19; 2 Co 4.4); domina, cega, engana e laça os ímpios. Ele aflige (Jó 1.12) e tenta (1 Ts 3.5) os santos de Deus. Ele é descrito como presunçoso (Mt 4.4,5); orgulhoso (1 Tm 3.6); poderoso (Ef 2.2); maligno (Jó 2.4); astuto (Gn 3.1); enganador (Ef 6.11); feroz e cruel. Ele não limita as suas operações aos ímpios. Muitas vezes age nos círculos mais elevados como “um anjo de luz”.⁴⁵

Satanás tentou e continua tentando, de todas as formas, destruir a humanidade, pois não suporta ver em nós a imagem de Deus. Ele também não suportou o fato de Jesus assumir a forma humana, revelando assim a imagem e semelhança do Criador. Por isso, quando Jesus veio ao mundo, Herodes planejou matá-lo. Satanás estava por trás dos planos do perverso rei. Mas, os intentos do Inimigo fracassaram mais uma vez. Jesus veio ao mundo e cumpriu com a sua missão salvadora e “andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, porque Deus era com ele” (At 10.38).

Os demônios aparecem com frequência no Novo Testamento como “espírito imundo” (Mt 12.43; Mc 1.23,26; 3.30; 5.2,8; 7.25; 9.25; Lc 8.29; 9.42; Lc 11.24); “espírito mudo” (Mc 9.17); “espírito” (Mc 9.20); “um espírito” (Lc 9.39); “espírito de demônios” (Lc 4.33); “espírito de adivinhação” (At 16.16) e “espírito maligno” (At 19.15,16). Já nos Evangelhos e em Atos, os demônios aparecem em oposição a Jesus, com ênfase na superioridade de Cristo sobre eles. Nos escritos paulinos, são principados, dominações e potestades (1 Co 15.24,27; Cl 1.15-20; Ef 1.20-22). No Apocalipse os demônios com o Diabo estão presentes na luta final contra Jesus e a igreja.

Apesar da sua presença nos relatos dos Evangelhos Sinóticos e em Atos dos Apóstolos, a origem deles é considerada obscura por alguns. A melhor compreensão de como esses espíritos surgiram depende também da origem de Satanás, pois ele é chamado de Belzebu, “o príncipe dos demônios” (Mt 12.24; Mc 3.22; Lc 11.25). Jesus fez menção do “diabo e seus anjos” (Mt 25.41). Quem são esses anjos e qual a origem deles e do seu chefe? O Novo Testamento faz menção de anjos rebeldes que foram expulsos do céu (2 Pe 2.4; Jd 6). Muitos consideram Isaías 14.12-15 e Ezequiel 28.12-15 como referência à origem e à queda de Satanás.⁴⁶

A superioridade do Reino de Deus sobre o império das trevas

Muitos crentes sentem medo de pronunciar o nome de Satanás e acreditam na ideia mitológica do Diabo de chifre e tridente na mão. Porém, ele foi um anjo criado pelo Senhor. Deus o criou perfeito e bom, porém ele rebelou-se contra o Senhor (Ez 28.12-15). Na sua rebelião, que não sabemos se ocorreu antes ou depois da Criação, ele arrastou consigo um grande número de anjos. Juntamente com os anjos caídos, Satanás foi lançado para a Terra onde tem operado. Ele não tem atributos como onipresença, onipotência e onipresença, e segundo a *Bíblia de Estudos Pentecostal*, delega a maior parte de suas atividades aos inúmeros demônios (Mt 8.28; Ap 16.13). O Inimigo é astuto, não podemos subestimá-lo, contudo precisamos estar conscientes de que o poder de Jesus Cristo é superior ao poderio das trevas. Jesus não somente revelou seu poder libertando os oprimidos do Diabo, curando os enfermos e repreendendo as forças da natureza, mas Ele também outorgou aos seus discípulos poder e autoridade sobre o reino das trevas: “Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e todas as forças do Inimigo, e nada vos fará dano algum” (Lc 10.19).

Havia no período interbíblico muitas ideias e conceitos sobre as criaturas espirituais, anjos, demônios e Satanás. Mas a maioria era credence inventada, tal como acontece hoje com os expoentes da suposta batalha espiritual.⁴⁷

II – O ENDEMONINHADO GADARENO

Uma vida devastada pelo maligno

Marcos, no Evangelho que leva o seu nome (Mc 5.1-20), relata a libertação do endemoninhado gadareno com riquezas de detalhes. Segundo o *Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento*⁴⁸, “esta descrição é incomum por causa de seus detalhes vívidos. Este detalhe arma a cena para um contraste com o versículo 15 que

mostra o endemoninhado ‘assentado, vestido e em perfeito juízo’”. Marcos deixa claro que o poder de Jesus Cristo e de suas palavras é superior ao poder dos demônios. É importante notar que os moradores da cidade se utilizaram de algumas medidas a fim de proteger as pessoas, como por exemplo, prender o gadareno com cadeias e grilhões (v. 4). Todavia, esses recursos se mostraram impotentes, pois a força dos demônios era grande, pois se tratava de uma legião. Nenhuma solução humana seria capaz de ajudar o oprimido e a população local, somente Jesus poderia livrá-lo de tão terrível situação. Ao sair do barco, ou seja, assim que chegou àquela região, não o gadareno, mas os espíritos malignos que se apossaram dele, reconheceram imediatamente a Jesus como alguém superior a eles: “Que tenho eu contigo, Jesus Filho do Deus Altíssimo?” (v. 7). Os demônios não adoraram a Jesus, mas o distinguiram dos demais homens e reconheceram sua autoridade e senhorio sobre o reino das trevas. O relato da libertação do gadareno comprova a luta dos demônios pela alma humana e o fato de que o Inimigo veio ao mundo com uma missão específica: matar, roubar e destruir (Jo 10.10). Podemos observar tal missão se cumprindo na vida do homem endemoninhado. Seu corpo, sua alma e seu espírito estavam feridos. O Diabo havia lhe roubado a consciência, a paz, o convívio familiar e com as pessoas. Uma vida devastada pelas trevas. Marcos retrata um quadro repleto de detalhes a respeito da desgraça em que vivia o gadareno: Ele tinha sua morada nos sepulcros e estes, em geral, eram localizados em cavernas; ninguém o podia prender ou deter; andava de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras (vv. 3-5). A Palavra de Deus não afirma, mas talvez o gadareno fosse considerado um problema para a família e para os moradores daquela localidade; porém Jesus o vê como um indivíduo, uma pessoa que precisava de ajuda. Jesus o

acolhe, pois Ele jamais se recusou a ajudar os necessitados e aflitos. Os demônios pediram a Jesus que não os expulsasse, mas que desse permissão para que entrassem em uma manada de porcos que estava por perto. Segundo o *Comentário Bíblico Beacon*⁴⁹, o “opressor estava pedindo para escapar do tormento, da punição eterna, reconhecendo a autoridade de Jesus e a própria derrota.”

Uma libertação extraordinária

O texto bíblico da lição revela o quanto os moradores da cidade ficaram espantados diante de todos os acontecimentos. Eles foram impactados perante o poderio de Jesus frente aos demônios e pelo impacto que a perda dos porcos traria para a economia da região. Então, os habitantes da cidade rogam para que Jesus fosse embora do território deles. Esse foi o agradecimento que o Filho de Deus recebeu. Em várias ocasiões no Novo Testamento vemos as pessoas agindo com ingratidão perante os feitos milagrosos de Jesus.

O Filho de Deus fez e continua a fazer aquilo que os poderes humanos não conseguem realizar. Ele ainda continua a libertar a mente e os corações. O milagre da libertação do Gadareno aconteceu mediante o poder e a soberania de Jesus sobre os espíritos malignos. O Salvador não utilizou palavras mágicas e muito menos algum tipo de ritual, como infelizmente alguns querem propor para a libertação dos oprimidos pelo Inimigo. Não é preciso que façamos nenhum tipo de campanha ou venhamos entregar nenhuma oferta especial para que haja a libertação dos demônios. Basta ter comunhão com o Pai, mediante a fé em Jesus. Observamos em Atos 19.13-19 que Paulo estava realizando milagres e expulsando demônios. Vemos também a tentativa de alguns exorcistas judeus de libertar as pessoas dos espíritos malignos, invocando o nome de Paulo e de Jesus: “Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega” (v. 13). Mas a tentativa deu errada. Sabe por quê? Porque eles acreditavam,

erroneamente, que o nome de Jesus era utilizado por Paulo como parte de um encantamento. O nome de Jesus não pode ser usado como um amuleto. Seu nome somente é poderoso quando pronunciado por alguém que tenha fé nEle como Salvador e em sua autoridade. É preciso fé e um relacionamento com Jesus.

Sobre nossa imagem restaurada em Cristo

Quando lemos Marcos 5.1-9, fazemos a seguinte indagação: “O que levou o gadareno a ficar possesso por uma legião de demônios?” Várias ideias podem nos ocorrer, mas a verdade é que nós não temos uma resposta, pois as Escrituras Sagradas não revelam a causa. Embora não conheçamos a razão pela qual aconteceu a possessão demoníaca, podemos afirmar que os espíritos malignos prejudicam a pessoa, matando os sonhos, roubando as esperanças e afastando-a de um relacionamento com Deus e com o próximo. Muitas vezes a possessão demoníaca leva as pessoas a um quadro de insanidade (Mt 4.24; 17.15) ou à perda de sua capacidade de falar, ouvir e até mesmo de ver (Mt 9.32). Sabemos que Jesus é poderoso, porém não podemos nos esquecer de que os demônios são destruidores. Segundo a *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*, “embora seja importante reconhecer a atividade maligna, devemos evitar qualquer curiosidade a seu respeito e envolvimento com forças demoníacas ou ocultas (Dt 18.10-12). Basta resistirmos ao Diabo e à sua influência, e ele fugirá de nós (Tg 4.7)”.⁵⁰

III – JESUS EXPULSA UM DEMÔNIO DE UM HOMEM MUDO

Uma doença que oprimia

Encontramos nos quatro Evangelhos vários registros de curas, milagres e libertações efetuadas por Jesus. À medida que os milagres iam ocorrendo, Ele se tornava conhecido e atraía multidões de

doentes e oprimidos para perto de si. Onde quer que o Mestre fosse havia pessoas acometidas de várias enfermidades físicas e mentais, além dos endemoninhados (Mt 4.24). Mesmo com sua fama sendo divulgada por todos os lugares (Lc 4.37), Jesus Cristo nunca se utilizou dos milagres que fazia para ganhar algum tipo de recompensa, reconhecimento ou pelo simples desejo egoísta de se tornar uma figura conhecida. O objetivo de Jesus não era se tornar famoso, mas trazer alívio para as pessoas carentes e sofredoras e fazer com que o nome do Pai fosse glorificado, mostrando que um novo tempo, o Reino de Deus, havia chegado. Durante anos, o povo aguardou com ansiedade a chegada do Reino de Deus, embora os judeus estivessem na verdade ansiosos por um messias-político que os libertasse do jugo romano. Eles não compreenderam o caráter messiânico e espiritual do Reino, por isso Jesus os ensinava e realizava muitos sinais e milagres. Podemos afirmar que o tema central do ministério de Jesus não eram os milagres, mas sim o anúncio da chegada do Reino de Deus.

A manifestação de um milagre e a blasfêmia pelo bem realizado

Vamos ver mais um milagre envolvendo a cura de um endemoninhado realizada por Jesus. Desta vez o texto bíblico se encontra em Mateus 9.32-34. Trata-se da libertação de um homem cuja possessão demoníaca causava incapacidade de comunicação. Expulsos os demônios, o homem volta a falar novamente. Mais uma vez todos ficam atônitos diante do poder e autoridade do Mestre e declaram: “Nunca tal se viu em Israel” (v. 33). Mas os fariseus dão uma versão diferente e errada do que tinha acontecido; eles atribuem o poder de Jesus ao “príncipe dos demônios”, Belzebu. Tal atitude mostra que eles não conheciam nada a respeito do Pai e do seu Reino e que estavam correndo o perigo de cometer uma blasfêmia contra o Espírito Santo e para tal pecado, segundo Jesus Cristo não há

perdão. Observe o que o *Comentário Bíblico Pentecostal do Novo Testamento* tem a nos informar a respeito de tão grave pecado:

Jesus explica a seriedade das acusações dos seus inimigos com terrível advertência. Blasfêmia ou acusações difamadores contra o Filho do Homem são perdoáveis, mas falar contra a obra do Espírito Santo não é particularmente perigoso. Em Mateus e Marcos a blasfêmia contra o Espírito Santo é dizer que as boas obras de Jesus são más. Lucas, preservando outra tradução, identifica a blasfêmia contra o Espírito Santo como o ato de não dar testemunho inspirado diante de autoridades e governantes e, ainda por cima, denunciar Jesus (Lc 12.8-12).⁵¹

Os fariseus pertenciam a um grupo político-religioso importante em Israel. Eles estavam sempre duvidando da pessoa de Jesus, dos seus ensinamentos e milagres. Estes não somente eram incrédulos, mas hipócritas e perversos, pois tentavam, de todas as formas, desmoralizar o Senhor Jesus Cristo. Tal fato nos mostra que toda religiosidade, sem espiritualidade é maléfica; capaz de oprimir, matar e destruir as pessoas.

Por isso, se faz necessário dizer que Jesus não veio ao mundo para estabelecer um novo movimento religioso, Ele veio para implantar o Reino de Deus. Certa vez, o Mestre disse aos seus discípulos: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus” (Mt 5.20). Jesus veio trazer libertação da alma, do ser, do falar e do agir de cada um dos filhos de Deus. Aprendemos com o episódio do gadareno e com o caso do endemoninhado de Mateus 9.30-33 que as forças demoníacas vão sempre tentar nos impedir de compreender a majestade e a beleza do Reino Deus, por isso estejamos atentos.

CONCLUSÃO

Encontramos a atuação dos demônios tanto no Antigo Testamento como no Novo. Satanás é real, tem atuado na sociedade atual e deseja destruir o ser humano. Mas Jesus Cristo veio ao mundo para desfazer as obras do Diabo. Seu poder é infinitamente maior do que o poder do Inimigo. O dia da sua derrocada final está próximo. Durante o Milênio, suas ações serão impedidas por um período de mil anos, pois estará aprisionado no abismo. Depois desse período ele vai para o seu destino final, o lago de fogo (Ap 20.10). Sua derrota final já nos está garantida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CARVALHO, César Moisés. *Milagres de Jesus: A fé realizando o impossível.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

Comentário Bíblico Beacon. Vol. 6. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

Guia Cristão de Leitura da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal.* 19.imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.* 4.ed. Rio de Janeiro: Emprevan Editora, 1973.

SOARES, Esequias; SOARES, Daniele. *Batalha Espiritual: O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

⁴² HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal.* 19.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 204.

⁴³ HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal.* 19.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 206.

- ⁴⁴ **Guia Cristão de Leitura da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 82.
- ⁴⁵ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.** Rio de Janeiro: Empreva Editora, 1973, p. 89.
- ⁴⁶ SOARES, Esequias; SOARES, Daniele. **Batalha Espiritual: O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal.** Rio de Janeiro: CPAD, p. 54.
- ⁴⁷ SOARES, Esequias; SOARES, Daniele. **Batalha Espiritual: O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal.** Rio de Janeiro: CPAD, pp.51,52.
- ⁴⁸ **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 214.
- ⁴⁹ **Comentário Bíblico Beacon.** Vol. 6. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 253.
- ⁵⁰ **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 1299.
- ⁵¹ **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 85.

CAPÍTULO 8

A OBRA SALVÍFICA DO SENHOR JESUS CRISTO

Por Thiago Santos

INTRODUÇÃO

O estudo sobre a salvação é um dos mais emblemáticos tratados na Bíblia. A doutrina da salvação pode ser compreendida com base em pelo menos três aspectos específicos que representam os atos generosos de Deus em nosso favor: o sacrifício, a reconciliação e a redenção. A experiência da salvação é viva e dinâmica e, por isso, passível de profundas reflexões que são imprescindíveis para a edificação espiritual da igreja.

O sacrifício é a expressão material de significado espiritual no Antigo Testamento que visava à ratificação da comunhão com Deus. Em o Novo Testamento, esta prática deixa de ser um protocolo ritualístico para assumir um formato de prática espiritual que observa as intenções do coração do ofertante. Vale destacar que o maior sacrifício descrito na Bíblia é o sacrifício substitutivo de Jesus sobre a cruz do Calvário. Ali, Deus, por sua graça salvadora, ofereceu o seu melhor a fim de resgatar o ser humano que se encontrava afastado e condenado em pecados.

A partir do ato sacrificial do Salvador, o ser humano tem, finalmente, a condição de alcançar a reconciliação com o seu

Criador. Teologicamente falando, pode-se dizer que a reconciliação é uma das consequências centrais do sacrifício de Jesus no Calvário. Esta não é uma iniciativa do homem, mas um ato que é fruto do amor e da misericórdia de Deus. Foi por intermédio da cruz de Cristo que se abriu o caminho para a reconciliação.

Após o conhecimento da graça de Deus é possível ao ser humano experimentar da redenção. Deus, através de seu ato redentor, concede a todos a oportunidade de alcançar a salvação, antes impedida por conta da deplorável condição de pecados em que a humanidade se encontrava. A Palavra de Deus tem a explicação correta a respeito da redenção disponível a todo aquele que crer e acerca da esperança futura dos santos.

I. O SACRIFÍCIO

A entrega do sacrifício na perspectiva do Antigo Testamento tem a pretensão de significar o culto a Deus nos tempos antigos. Ao oferecerem as primícias do campo, ou seus animais a Deus, os filhos de Israel expressavam o pedido de perdão, a gratidão e a adoração a Deus. A prática do sacrifício era regulada por princípios que expressavam o caráter justo do eterno Deus e a normatização com relação àquilo que deveria ser sacrificado, a quantidade e as ocasiões apropriadas.

Em contrapartida, o Novo Testamento apresenta uma nova compreensão do sacrifício, tendo em vista que a revelação de Deus manifestou-se de modo completo e plenamente inteligível a partir de Jesus Cristo (cf. Ef 3.19). Desde então, o sacrifício passou a ser compreendido como uma prática espiritual que revela as intenções do coração do ofertante em detrimento aos protocolos ritualísticos que apontam apenas para o cumprimento de formalidades.

Neste contexto, vale ressaltar que o propósito divino é conceder aos seus servos a oportunidade de oferecerem a Deus, não aquilo

que é sem valor ou a sobra do que se tem em abundância, mas a sincera expressão devocional que Lhe agrada. Seguindo o princípio que Ele mesmo estabeleceu, o Criador decidiu oferecer um sacrifício substitutivo em favor de nossas vidas. Ele nos deu o melhor: o Seu Filho Unigênito. A salvação é o maior milagre de Deus em prol do seu povo.

O que é um sacrifício no Antigo Testamento?

O sacrifício fazia parte do cerimonial ritualístico do Antigo Testamento, uma expressão material do desejo do homem de se aproximar de Deus e agradá-Lo. A palavra “sacrifício”, do latim *sacrificium*, significa oferta de animais, frutos e produtos da terra, visando a propiciação de pecados, o reconhecimento da soberania divina e o enaltecimento do Criador. No Antigo Testamento, o sistema sacrificial acha-se regulamentado nos livros do Êxodo e do Levítico (ANDRADE, 2004).

As ofertas e sacrifícios instituídos na lei eram a forma como o adorador chegava-se diante de Deus. Nestas ocasiões o adorador não podia se apresentar diante de Deus de mãos vazias. Note que as ofertas e sacrifícios tinham a função específica de expressar o pedido de perdão, a gratidão a Deus pela produtividade de suas terras ou outro aspecto da vida; ou mesmo o reconhecimento da soberania divina, um ato de adoração.

Ninguém que leia as Escrituras de modo perceptivo pode fugir à realidade de que o sacrifício está no âmago da redenção, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. A figura de um cordeiro ou cabrito sacrificado como parte do drama da salvação e da redenção remonta à Páscoa (Êx 12.1-3). Deus veria o sangue aspergido e “passaria por cima” daqueles que eram protegidos por sua marca. Quando o crente do Antigo Testamento colocava as mãos no sacrifício, o significado era muito mais que identificação (isto é:

“Meu sacrifício”); era um substitutivo sacrificial (“Sacrifício isto em meu lugar”) (HORTON, 1996). Todo sacrifício precisa ter significado, razão de ser, para quem realizava o ato sagrado (Lv 7.30; 22.29), embora a finalidade última fosse sempre a glória de Deus.

O que é um sacrifício em o Novo Testamento?

O Novo Testamento traz informações bem significativas no que diz respeito ao sacrifício. Haja vista que a revelação divina manifestou-se de modo completo e plenamente compreensível a partir de Jesus Cristo.

Embora não se deva forçar demais as comparações, a figura é claramente transferida a Cristo no Novo Testamento. João Batista apresentou-o, anunciando: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). [...] Paulo se refere a Cristo como “nossa páscoa” (1 Co 5.7). Pedro afirma que fomos redimidos “com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pe 1.19) (HORTON, 1996). Assim, o sacrifício de Jesus é o maior modelo de expressão sincera do que é “sacrificar”.

Semelhantemente, o Senhor espera encontrar em seus servos a oferta de sacrifício verdadeira através de uma vida santa que tem o prazer de apresentar espírito, alma e corpo para a glória de Deus (cf. 1 Ts 5.23). Logicamente, uma vida santa não diz respeito ao cumprimento integral de cerimoniais e dogmas denominacionais, embora estes sejam relevantes. Mas, acima de qualquer coisa, uma vida santa requer uma existência devotada de serviço e amor a Deus e ao próximo (Jo 13.13,14).

Assim como no Antigo Testamento, o sacrifício era apresentado de diversas formas, em quantidades e ocasiões diferentes, em o Novo Testamento é possível perceber que há também propósitos específicos na forma como apresentamos o nosso sacrifício a Deus.

Dentre as formas de sacrifício descritas na Bíblia que expressam uma devoção a Deus, está o sacrifício de louvor. Deus espera receber o fruto dos lábios que exaltam o seu nome (cf. Hb 13.15,16). Nesta mesma passagem, o autor de Hebreus destaca também a importância da comunicação como um sacrifício que agrada a Deus.

E, por fim, percebe-se que a preocupação do Espírito, ao sondar os nossos corações, procura encontrar um coração quebrantado e contrito, disposto a obedecer a Deus através de uma vida que se preocupe com o bem-estar do próximo, porquanto, são desses sacrifícios que Deus se agrada. O mero cumprimento de formalidades, sem haver um sincero propósito de serviço e gratidão a Deus, não tem valor algum.

O sacrifício verdadeiro

O terceiro aspecto que deve ser considerado a respeito do sacrifício, e talvez seja o mais importante, diz respeito à consistência do sacrifício ofertado a Deus. O rei Davi nos deu o exemplo do que consiste o sacrifício verdadeiro que deve ser apresentado a Deus: aquele que tenha algum valor.

Oferecer do que se esbanja ou daquilo que não serve mais, não somente é inútil, enquanto ato devocional, como também se torna um verdadeiro insulto ao nosso Criador (Mq 6.6-8). Isto significa que o sacrifício apresentado a Deus deve ter algum custo para o ofertante.

Ao analisarmos a natureza do sacrifício do Criador por nós, é possível perceber o quanto Lhe custou a vida do seu próprio Filho. Deus ofereceu o seu melhor em favor da humanidade, um sacrifício substitutivo de valor inestimável. Éramos nós que merecíamos morrer em nossos pecados e permanecermos destituídos da glória de Deus por toda eternidade (cf. Rm 3.23). No entanto, o Criador

decidiu pagar o preço do resgate a fim de que tivéssemos uma nova oportunidade.

Tecnicamente, a palavra “expiar” — hb. *kapar* — significa “encobrir”, “cobrir”, “ocultar”, “tirar da vista”. [...] Biblicamente, expiar é pagar, quitar, tirar os pecados de alguém, perdoar, mediante um sacrifício reparador exigido, mas também propiciador. Expiar, pois, é tirar o pecado mediante a morte de alguém como substituto do culpado e condenado. No nosso caso, foi Jesus quem morreu por nós, pecadores perdidos (Is 53.10; Jo 1.29; Ap 13.8; 2 Co 5.21). Sem expiação pelo sangue não há perdão do pecado (Lv 4.35) (GILBERTO, 2009).

Em resposta ao chamado para o arrependimento, o pecador não pode apresentar-se diante de Deus de mãos vazias. É preciso o sacrifício para alcançar o perdão dos pecados. Jesus Cristo é o sacrifício perfeito que Deus espera receber do pecador. Sendo assim, a mais sincera resposta que o pecador pode apresentar a Deus é a fé no seu Filho Unigênito (cf. Hb 10.19-23).

II. A RECONCILIAÇÃO

Definitivamente, o pecado separou a humanidade de Deus. A trajetória humana seguiu por um caminho distante do propósito divino tinha para a sua Criação. Por conta disso, tornou-se necessário um meio pelo qual a humanidade pudesse alcançar a reconciliação com o seu Criador. Nesta relação, Deus assume o protagonismo e toma a iniciativa em prover a reconciliação por meio da cruz.

A necessidade de reconciliação é resultado da situação de conflito da humanidade pecadora com o seu Criador. A separação da comunhão com Deus é decorrência do pecado e da decisão do homem em viver separado de Deus (cf. Rm 3.23; 5.1). Em contrapartida, a reconciliação é uma das consequências centrais do

sacrifício de Jesus no Calvário. Deus, por sua graça e misericórdia, interveio para que a humanidade tivesse condições de tornar à comunhão com Ele.

Vale destacar que no processo de salvação, o mérito da reconciliação é exclusivo de Deus. O ser humano estava enfermo em sua triste condição de pecado, mas Deus, pelo seu infinito amor e graça, resolveu resgatar o homem e torná-lo à comunhão (cf. Rm 8.1-4). Assim sendo, não há nada que o ser humano possa fazer para justificar-se diante de Deus, pois a reconciliação é uma ação exclusiva da graça de Deus.

O eterno cuidado de Deus se manifestou através da cruz. Em um único ato, Jesus Cristo cumpriu todas as exigências da lei e revelou todo o poder da graça. Somente o Senhor, entregando a própria vida, pode satisfazer a justiça divina (Rm 8.3,4). Por esse motivo, a restauração espiritual promovida pelo Pai implica uma mudança significativa de vida.

O que é reconciliação?

A palavra reconciliação vem do latim *reconciliatio*, que significa reatamento de relações entre partes litigantes. O Senhor Jesus, com sua morte vicária, reconciliou-nos com Deus de maneira definitiva, clara e eficiente (Ef 2.16; Cl 1.20) (ANDRADE, 2004). A reconciliação não era apenas uma escolha, mas também uma necessidade da humanidade pecadora cuja separação da comunhão com Deus trouxe graves consequências para a história humana.

Há somente uma saída e o Senhor Jesus deixou esse ensinamento claro a Nicodemos, nos dias em que esteve aqui na terra: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3.3). O ser humano que deseja reconciliar-se com o seu Criador precisa “nascer de novo”, isto é, experimentar a regeneração espiritual.

Regeneração é o ato interior da conversão, efetuada na alma pelo Espírito Santo. Conversão é mais o lado exterior e visível da regeneração. Uma pessoa verdadeiramente regenerada pelo Espírito Santo é também convertida (cf. Lc 22.32). Sendo regenerado pelo Espírito Santo, o crente é declarado filho de Deus (1 Jo 1.12,13). O que ocasiona a regeneração espiritual não é primeiramente a justificação pela fé, mas a comunicação da vida de Cristo — da vida eterna ao pecador arrependido. Justificação tem a ver com o pecado do pecador; regeneração tem a ver com a natureza do pecador. Justificação é imputada por Deus; regeneração é comunicada por Deus (GILBERTO, 2009).

Assim sendo, a reconciliação é resultado da graça e misericórdia de Deus, manifestada em Jesus Cristo, por intermédio da sua morte sobre a cruz do Calvário. Uma morte substitutiva que nos possibilitou a oportunidade de alcançar a regeneração espiritual e o perdão divino. Devemos ser gratos a Deus por seu grandioso amor.

O protagonismo de Deus no ato da reconciliação e o nosso papel

No processo de reconciliação o mérito é exclusivo de Deus, pois o ser humano, enfermo em sua triste condição de pecado, jamais alcançaria a condição de aproximar-se novamente do seu Criador. A reconciliação é o resultado do infinito amor de Deus manifestado em Jesus Cristo (1 Pe 2.10).

Note que a salvação é um ato exclusivo da graça de Deus em favor do pecador. O que é graça? Graça, no sentido comum, diz respeito ao favor de Deus dispensado bondosamente aos seres humanos, no sentido de prover os meios de subsistência a todos, sem distinção (Sl 104.27-30). No sentido de graça relacionada à salvação, é a provisão graciosa do Senhor para com o indigno transgressor da sua lei (cf. Rm 3.9-26). Ela resulta da parte de Deus para com o pecador. [...] De acordo com Efésios 2.5,6, o pecador está morto, e nessa condição não

pode ajudar em nada. Como efetuaria ele a sua própria ressurreição? Assim como não pudemos ajudar em nada quando do nosso primeiro nascimento, muito menos em nosso segundo nascimento. Tudo é pela graça, para que o homem não tenha de que se gloriar (GILBERTO, 2009). Assim sendo, não há nada que o ser humano possa fazer para restabelecer a comunhão com o seu Criador.

A reconciliação é um ato da bondade de Deus. Infelizmente o ser humano tenta, por meios próprios, aproximar-se de Deus e se frustra, pois o único caminho para o homem salvar-se é declarar que crê no sacrifício vicário de Jesus Cristo sobre a cruz. O papel do pecador na reconciliação é corresponder ao chamado divino que diz respeito a obedecer aos preceitos da Palavra de Deus, viver de forma santa e dedicar-se ao serviço da evangelização.

A reconciliação por meio da cruz

A reconciliação é fruto do cuidado de Deus que Ele manifestou através da morte de Jesus Cristo sobre a cruz. Este ato tão bárbaro, a princípio, não pareceu atender à justiça humana no que diz respeito à aplicação da pena sobre o malfeitor, visto que nEle não havia culpa alguma que o tornasse digno de morte. Entretanto, a morte de Jesus sobre a cruz atendeu aos requisitos da justiça divina. Era necessário que Ele, como Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, fosse entregue para ser crucificado (Jo 1.29; 12.27).

A situação da humanidade era bem complicada, haja vista que a condenação era certa por causa do pecado. Mas Deus, pelo seu amor e graça, proveu a justificação mediante a fé. O termo justificação refere-se ao ato mediante o qual, com base na obra infinitamente justa e satisfatória de Cristo na cruz, Deus declara os pecadores condenados livres de toda a culpa do pecado e de suas consequências eternas, declarando-os plenamente justos aos seus olhos. O Deus que detesta “o que justifica o ímpio” (Pv 17.15)

mantém sua própria justiça ao justificá-lo, porque Cristo já pagou a penalidade integral do pecado (Rm 3.21-26) (HORTON, 1996). Desta forma, a morte de Jesus satisfaz as exigências da justiça divina.

Além de cumprir a justiça divina a cruz foi o meio pelo qual Deus reconciliou com Ele mesmo tanto os judeus quanto os gentios, o povo da promessa e os filhos da adoção, a fim de formar um único povo. O que Cristo fez foi desfazer (*katargo*, “anular”, “deixar sem efeito”, “tornar irrelevante”) a Lei que aos olhos dos judeus os separava de todos os outros homens. O que Paulo quer dizer é que uma vez que o judeu crente não mais se relaciona com Deus por meio da Lei Mosaica, não há motivo para o antigo antagonismo de qualquer grupo. Agora, o crente de origem gentílica participa de todas aquelas bênçãos que, anteriormente, só estavam disponíveis ao judeu fiel; e, juntos, nós somos concidadãos do povo de Deus, e membros da Casa de Deus (RICHARDS, 2007).

Assim sendo, a Igreja de Cristo recebeu a incumbência de transmitir a mensagem da reconciliação a todas as pessoas. O nosso dever, como arautos do Rei, é proclamar as ricas misericórdias do Altíssimo para que o maior número de pessoas alcance a reconciliação com o Criador e, assim, experimentem de uma mudança significativa de vida (cf. Mt 28.19,20).

III. A REDENÇÃO

A redenção é mais um dos resultados da obra salvífica de Jesus Cristo sobre a cruz do Calvário. Assim como a reconciliação é fruto de uma ação direta do Criador em relação às suas criaturas, a redenção trata-se de uma atitude que somente Deus pode realizar em favor da humanidade. O Novo Testamento trata de narrar a nossa completa dependência do Senhor em relação à redenção e a nossa condição final como salvos em Cristo.

Refletir sobre a redenção nos faz pensar nos aspectos da condição do pecador em relação ao pecado. Assim como um escravo que vive sob o jugo de seu senhor e não tem autonomia alguma sobre as próprias decisões, o pecador também depende da graça de Deus para que seja liberto e possa viver uma vida de paz, liberdade e comunhão com o seu Criador (Rm 6.16-23).

E, no tocante à expectativa da redenção futura, a obra redentora de Jesus Cristo aponta para o nosso estado eterno, nossa condição final em que seremos salvos e completamente livres de qualquer sofrimento desta vida para vivermos eternamente com o nosso Salvador no céu (Lc 21.28; Ef 4.30). Que não falte a fé para que estejamos prontos no aguardo da grande chamada para encontrar com o Senhor nos ares.

Uma possível definição

Redenção é uma expressão que vem do latim *redemptio*, que significa resgate, libertação. No contexto bíblico, significa livramento proporcionado por Cristo ao oferecer-se para morrer em nosso lugar (Rm 3.24; Ef 1.7). Com a sua morte vicária, livrou-nos das consequências eternas do pecado original (ANDRADE, 2004). De forma geral é importante destacar que a redenção é uma atitude que somente Deus pode realizar em favor da humanidade.

Para uma compreensão mais clara sobre o aspecto da redenção é importante voltar-se para a metáfora da libertação de um escravo mediante um resgate — gr. *lytron* —, além de retirar esse escravo do mercado de escravos, para não mais ficar exposto à venda. Redenção sempre requer o preço a ser pago para garantir a liberdade do escravo (GILBERTO, 2009). Desta forma, o redentor como figura social era aquele responsável por patrocinar a mudança de status de quem era escravizado.

Semelhantemente, Deus intervém no cenário da história para resgatar o homem da sua triste condição de pecado. Ele entregou o seu Filho Unigênito como preço para pagar o resgate dos pecadores. E não podemos nos esquecer da história dos hebreus no Egito, como Deus libertou o seu povo da escravidão para inseri-lo em uma terra que emana leite e mel. Assim o Senhor também pagou o preço pelo resgate do pecador e o leva para uma vida eterna nos céus.

Uma compreensão do conceito de redenção no Novo Testamento

O conceito de redenção é explicado de forma lúcida tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Os Evangelhos e as cartas paulinas destacam a redenção como resultado da morte de Jesus Cristo sobre a cruz. Paulo é mais específico quando afirma em Efésios 1.7 que em Jesus, temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça.

Em o Novo Testamento, Jesus é tanto o “Resgatador” quanto o “resgate”; os pecadores perdidos são os “resgatados”. Ele declara que veio “para dar a sua vida em resgate (gr. *lutron*) de muitos” (Mt 20.28; Mc 10.45). Era um “livramento (gr. *apolutrōsis*) efetivado mediante a morte de Cristo, que libertou da ira retributiva de Deus e da penalidade merecida do pecado”. Paulo liga nossa justificação e o perdão dos pecados à redenção que há em Cristo (Rm 3.24; Cl 1.14, *apolutrōsis* neste dois textos). Diz que Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Co 1.30). Diz, também que Cristo “se deu a si mesmo em preço de redenção (gr. *antilutron*) por todos” (1 Tm 2.6). O Novo Testamento demonstra claramente que Ele proporcionou a redenção mediante o seu sangue (Ef 1.7; Hb 9.12; 1 Pe 1.18,19; Ap 5.9), pois era impossível que o sangue dos touros e bodes tirasse os pecados (Hb 10.4). Cristo nos comprou (1 Co 6.20; 7.23, gr. *agorazō*) de volta para Deus, e o preço foi o seu sangue (Ap 5.9) (HORTON, 1996).

A entrega de Cristo foi suficiente para pagar o preço do resgate. Desta forma, sua morte fez com que os pecados dos que creem fossem perdoados. E não apenas isso, mas também proporcionou o livramento da condenação eterna. Somos completamente dependentes da graça divina para que alcancemos uma restauração plena da comunhão com Deus.

A expectativa da redenção futura

E, por fim, vale destacar que a obra redentora de Jesus Cristo aponta para o nosso estado eterno, para nossa condição final após a morte. O resgate já foi pago e chegará um dia em que seremos completamente livres de qualquer sofrimento desta vida para vivermos eternamente ao lado do nosso Salvador (Lc 21.28; Ef 4.30).

A redenção cuida de proporcionar ao crente a esperança da vida futura, visto que não há nada que possa nos separar do amor de Deus (cf. Rm 8.35-39). A Bíblia afirma que em esperança somos salvos (Rm 8.23), isto é, a partir do momento em que declaramos crer no sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário, recebemos a esperança da nossa ressurreição. “Somos salvos” (*esothemen*) é melhor traduzido como “fomos salvos”. Quando nós fomos salvos, Paulo está dizendo, foi pela esperança da nossa redenção final (GREATHOUSE; METZ; CARVER, 2006).

A esperança da redenção final é alimentada pela fé, pela qual, temos acesso à graça de Deus (cf. Rm 5.2). Esta fé é paciente e não consiste na realização de obras para se alcançar a salvação, visto que a salvação não vem das obras (cf. Ef 2.8,9). Mas consiste na realização de obras como resultado dessa fé (cf. Ef 2.10). A justiça de Deus se descobre por intermédio do evangelho de fé em fé, pois o justo viverá da fé (cf. Rm 1.16,17). Esta é a fé que conduz o crente à consumação da redenção eterna.

CONCLUSÃO

Com base nas reflexões deste capítulo é possível compreender a importância da doutrina da salvação para a igreja. A salvação é uma experiência viva e dinâmica, realizada por Deus com a intenção de prover à humanidade uma saída para a iminente condenação eterna. O sacrifício de Jesus Cristo na cruz foi o meio instituído por Deus para reconciliar a humanidade com Ele mesmo e levá-la à redenção eterna.

O sacrifício de Jesus Cristo na cruz foi também a maior manifestação de amor da parte de Deus em nosso favor. Ele deu o seu melhor a fim de resgatar o ser humano que se encontrava afastado e condenado em pecados. Da mesma maneira, devemos corresponder a este amor e entregarmos as nossas vidas como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (cf. Rm 12.1,2).

A vontade de Deus sempre foi a comunhão com a sua criação. Infelizmente, o homem, por causa do pecado, afastou-se de Deus. Mas o Criador tomou a iniciativa e veio ao encontro da humanidade pecadora a fim de reconciliá-la com Ele mesmo. Esta glória pertence ao Senhor que decidiu manifestar a sua graça e misericórdia.

Assim sendo, Deus promove, ao que crer, a redenção de uma vida de escravidão, por conta do pecado, para uma vida santa e justa em sua presença. A redenção na vida do crente não tem efeito apenas neste tempo presente, mas abre o caminho para uma esperança eterna ao lado do Salvador. Que esta fé nunca falte no coração dos salvos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor C. Dicionário Teológico. 13ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GILBERTO, Antônio, et al. Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GREATHOUSE, Wilian M.; METZ, Donald; CARVER, Frank. Comentário Bíblico Beacon. v. 8. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

HORTON, Stanley. Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

RICHARDS, Lawrence O. Comentário-Cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAPÍTULO 9

A Salvação Ofertada por Jesus Cristo

Por Marcelo Oliveira de Oliveira

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar os quatro aspectos importantes que, no estudo da Teologia Sistemática, enquadram-se na ordem da salvação: Eleição, arrependimento, fé e regeneração.

Veremos que a eleição nas Escrituras é uma doutrina bíblicamente fundamentada, e, principalmente, centralizada em Cristo Jesus, por isso, é uma doutrina cristocêntrica.

Estudaremos também que o arrependimento e a fé precedem a obra de salvação. Nosso Senhor chama a todos a se arrependerem e, assim, crerem no Evangelho.

E, finalmente, perceberemos que a regeneração é uma doutrina desafiadora, pois nos mostra a nova natureza que herdamos como filhos e filhas de Deus.

A salvação é um dom precioso que Deus nos concedeu por meio de Jesus Cristo, seu Filho. Somos salvos pela graça divina, mediante a fé em Cristo. A notícia alvissareira é que a salvação é uma dádiva de Deus. Não depende, por isso, de regras, ritos, sistemas de leis ou algo semelhante. Ela não depende de nós, mas única e exclusivamente da graça de Deus.

Uma das coisas mais maravilhosas que pode acontecer para com o ser humano é desfrutar dessas bênçãos gloriosas e espirituais. Nesse sentido, iniciaremos o capítulo pelo grande bem que recebemos quando estamos em Cristo: a nossa eleição.

I - ELEIÇÃO

A doutrina bíblica da Eleição é uma das mais disputadas no estudo em Teologia. Séculos se passaram e o impasse continua. Qual estudioso da Bíblia nunca tomou conhecimento das disputas entre arminianos e calvinistas?

Os calvinistas afirmam que os eleitos são escolhidos antes de qualquer arrependimento e fé pela parte deles.⁵² Ou seja, a eleição precede a obra do Espírito Santo. E que também a Expição de Cristo é limitada, isto é, nosso Senhor não morreu por toda a humanidade, mas por alguns eleitos por decreto antes da obra de salvação; ordenando outros para a perdição eterna. A isso denomina-se a dupla predestinação calvinista.

Nós, arminianos e pentecostais, afirmamos que os eleitos são escolhidos em Cristo Jesus para a salvação. E que Deus, pela sua presciência, previu que eles aceitariam o seu Filho. Afirmamos também que a Expição de Cristo é ilimitada, ou seja, que Ele morreu por toda a humanidade para salvação, e que esta é eficaz a todo o que se arrepende e crê no Filho de Deus.

A grande distinção de nossa posição em relação à perspectiva calvinista é que nós partimos de Cristo. Primeiramente, Deus predestinou Jesus Cristo para ser o Salvador dos pecadores, o Mediador, o Redentor, o Sacerdote e Rei. Por isso, é uma doutrina cristocêntrica. Consideramos, assim, que qualquer doutrina que não parta de Cristo é insuficientemente cristocêntrica.⁵³

A eleição bíblica é uma doutrina que não se baseia numa espécie de particularismo, em que se seleciona alguns indivíduos e descarta

outros; ela é claramente corporativista, onde um povo é eleito. Quer dizer que Deus escolheu Cristo como o Redentor de um corpo de pessoas que se arrepende e crê em Jesus. De acordo com William G. Witt, “a eleição e predestinação não se tratam da escolha incondicional e misteriosa de certas pessoas conhecidas apenas por Deus, mas antes, a eleição e predestinação daqueles que depositam a fé em Cristo, seu redentor”. Portanto, continua William Witt, “a eleição é em Cristo, mas não há ninguém que esteja em Cristo sem que tenha fé”.⁵⁴

Por isso, para nós pentecostais-arminianos, soa incrivelmente antibíblica a afirmação de que a eleição precede ao arrependimento e a fé, já que, conforme vimos, a eleição bíblica se confirma em quem deposita a fé primeiramente em Cristo. É o que está expresso na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*:

A predestinação genuinamente bíblica diz respeito apenas à salvação, sendo condicionada à fé em Cristo Jesus, estando relacionada à presciência de Deus. Portanto, a predestinação dos salvos é precedida pelo conhecimento prévio de Deus daqueles que, diante do chamamento do Evangelho, recebem a Cristo como o seu Salvador pessoal e perseveram até o fim.⁵⁵

A eleição como uma doutrina bíblicamente fundamentada

Em primeiro lugar, a Bíblia ensina a eleição de Deus no Antigo Testamento: a escolha de Abraão (Ne 9.7), a escolha de Israel (Dt 7.6; 14.2; At 13.17), a escolha de Davi (1 Rs 11.34); também no Novo Testamento: a inclusão de anjos (1 Tm 5.21), Cristo (Mt 12.18; 1 Pe 2.4,6), um remanescente de Israel (Rm 11.5) e os crentes, de maneira individual (Rm 16.13; 2 Jo 1.1,13) ou coletiva (Rm 8.33; 1 Pe 2.9).⁵⁶ Aqui, encontramos na Bíblia dois tipos de eleição: a eleição para o ministério (individual) e a eleição para a salvação (coletiva).

A eleição de indivíduos refere-se ao serviço e funções ministeriais e suas relevâncias no Reino de Deus. Só para ficar em dois exemplos, podemos citar o de Jeremias em que ele tenta relutar contra a própria chamada: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta” (Jr 1.5). Soberanamente Deus elegeu e chamou o profeta. Outro exemplo marcante é o chamado do apóstolo Paulo: “E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões” (At 9.5). O apóstolo foi forjado pelo Senhor Jesus para uma obra pela qual impactaria muitas nações.

A perspectiva coletiva — ou corporativa — da eleição vai em direção à totalidade do Corpo de Cristo. Conforme as palavras do pastor Silas Daniel:

A Bíblia sempre fala da eleição no plural. Deus ‘nos elegeu’ (Ef 1.4). O foco, invariavelmente, é esse povo (Ef 2.14,19), corpo (Ef 1.23; 2.15,16; 3.6; 4.4,12,16,25; 5.23,30, família (Ef 2.19; 3.15), edifício (Ef 2.20-22), chamado de Igreja (Ef 1.22; 3.10; 5.23,24,25,27,29,32). Toda a Epístola aos Efésios, por exemplo, trata os eleitos como um corpo, um conjunto. Claro que um conjunto é formado por indivíduos, mas o foco sempre é o conjunto. O foco da eleição não é o indivíduo, mas o grupo, o corpo, a Igreja, formada por todos aqueles que creram em Cristo e permanecerão até o fim.⁵⁷

Aqui, como se pode ver, não negamos a doutrina da eleição. Pelo contrário, reafirmamo-la solenemente, pois trata-se de uma doutrina maravilhosa. Deus em Cristo nos elegeu, mediante sua presciência, para a salvação. Entretanto, em relação à mecânica dessa doutrina, afirmamos vigorosamente que, no lugar de a eleição ser pessoal, ela

é corporativa; no lugar de selecionar pessoas, Deus escolheu a Igreja. Igualmente foi o que Ele fez no Antigo Testamento. No lugar de escolher israelitas, escolheu Israel (Is 48.1).

A urgência de correspondermos à dignidade da eleição

Aqui, nos referimos a nossa responsabilidade diante da eleição. Atente para este versículo: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis” (2 Pe 1.10). Esse versículo está dentro da seção de 2 Pedro 1.5-11. Essa seção trata a respeito da responsabilidade humana no desenvolvimento da santidade. Isso está muito claro nos versículos 5-7 em que a qualidade da fé é destacada. Ou seja, ela deve ser acrescida de virtude, ciência, temperança, paciência, piedade, fraternidade e amor. No versículo 8 o apóstolo diz que se essas qualidades forem confirmadas em nós, não seremos “estéreis” nem “ociosos” no conhecimento de nosso Senhor. Essas qualidades formam uma espécie de identidade, uma marca em nós na caminhada com Cristo.

Retomando o versículo 10, destacamos a expressão “procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”. Ou seja, é uma ordenança a zelar com vigor o que recebemos de Jesus, isto é, a vocação e a eleição para a salvação. Aqui, há um apelo do apóstolo à vida santa. A exortação apostólica é tão séria que Pedro completa o versículo dizendo que “fazendo isto, nunca jamais tropeçareis”. Do contrário, o que foi construído em nós por nosso Senhor Jesus Cristo pode ser destruído por nossas próprias ações por intermédio de uma apostasia. Há quem veja nessas palavras uma espécie de confiança do homem para desenvolver a sua santidade. Isso é um espantalho, pois uma vez que o Espírito Santo operou em nós, agora, temos o privilégio de cooperar com Ele no zelo de nossa eleição e santidade. Pois não havendo esse zelo, essa cooperação, a carta aos hebreus nos

adverte para a possibilidade real da apostasia: “Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus” (12.25).

Muitos em nome da graça, “da soberania determinista de Deus” na salvação, da “eleição incondicional”, têm justificado sua vida de pecado, banalizado a santidade e esfriado o fervor, bem como cochilado na urgência da evangelização.

O que não é eleição

Mostramos que a nossa eleição está fundamentada em Cristo. Nele, somos eleitos para vida eterna. O que significa dizer que a eleição bíblica não é um decreto de Deus firmado desde antes da fundação do mundo em que uns já estão destinados para o inferno e outros, para céu (supralapsarianismo⁵⁸). Também não quer dizer que dentre um “mar” de seres humanos mortos e caídos, Deus escolheu alguns, ignorando completamente os demais (infralapsarianismo⁵⁹).

De modo nenhum é assim. A Bíblia revela que Deus é todo amor, Ele deseja e espera que todos os homens se salvem (2 Pe 3.9). Outrossim, aqueles que resistem à graça de Deus são os responsáveis pela a própria escolha em viver eternamente separados do Pai.

Ora, o que é produzido em nós para a salvação não pode ser executado sem o consentimento expresso de quem está vivendo a experiência. De fato, a salvação provém da graça inefável de Deus, mas isso não significa você anular a responsabilidade humana nessa economia espiritual. Eliminar a responsabilidade do homem é deixar de considerar textos sérios das Escrituras em que nosso Senhor expõe a necessidade de uma escolha, pois

Há somente uma resposta apropriada a tamanho amor: arrepender-nos e crer. Claro está que não podemos produzir

tais ações sem a capacitação divina. Por outro lado, não são produzidas em nós sem o nosso consentimento. Evitemos as expressões extremadas do synergismo (a 'operação em conjunto') e do monergismo (a 'operação isolada'). [...] Formas extremadas de synergismo remontam a Pelágio, que negava a depravação essencial da humanidade. Na sua expressão evangélica moderada, entretanto, remonta a Armínio e, de modo mais expressivo, a Wesley, sendo que estes dois teólogos enfatizavam nossa capacidade de escolher livremente, mesmo nas questões que afetam o nosso destino eterno. O synergista evangélico afirma que somente Deus salva, mas acredita que as exortações universais ao arrependimento e à fé fazem sentido apenas se pudermos, na realidade, aceitar ou rejeitar a salvação.⁶⁰

Essa perspectiva bíblica e equilibrada para a eleição divina é determinante para a nossa prática de evangelização. Essa compreensão foi e continua a ser determinante na abundante colheita de almas que o Senhor dá à sua Igreja. Somos chamados por Deus a anunciar o evangelho a toda a criatura, mostrando-lhe a seriedade da decisão que ela tem que tomar. Diante dela, e da operação do Espírito Santo, lhe é posta duas escolhas: vida e morte; luz e trevas; salvação e perdição.

II - ARREPENDIMENTO E FÉ

O arrependimento e a fé são elementos essenciais no processo de salvação do crente. Eles dizem respeito à pessoa que tem sua mente inteiramente transformada (arrependimento); e, ao mesmo tempo, a uma virada completa para crer (fé).

O arrependimento como uma obra divina

A palavra arrependimento, do substantivo grego *metanoia*, significa “mudança de mente”. É uma reviravolta integral em que a pessoa passa a mudar suas atitudes básicas. É também um aspecto central para a fé cristã.

O Novo Testamento dá ênfase grande acerca do arrependimento. Em Atos 17.30, a Palavra revela que Deus anuncia a todos os homens que se arrependam. Em Mateus 3.2, a mensagem de João Batista é o arrependimento. Em Jesus, ela se revela em Mateus 4.17. Nos apóstolos, em Atos 2.38 o arrependimento está no centro da pregação. Todos são uníssonos em ressoar: “Arrependei-vos!”.

Mas o que é o arrependimento na prática? Em sua obra, “Teologia de John Wesley”, Kenneth J. Collins cita um fragmento de um dos sermões do grande pregador britânico a respeito de arrependimento:

Bem, o arrependimento não é uma obra isolada, mas, por assim dizer, é um conjunto de muitas outras, pois as seguintes obras estão compreendidas em seu âmbito: (1) o pesar por causa do pecado; (2) a humilhação sob a mão de Deus; (3) o ódio do pecado; (4) a confissão do pecado; (5) a súplica veemente por misericórdia divina; (6) o amor de Deus; (7) o deixar de pecar; (8) o firme propósito de ter nova obediência (9) a restituição de bens adquiridos desonestamente; (10) o perdão das transgressões cometidas contra nós; (11) as obras de caridade ou de assistência ao necessitados.⁶¹

Mais tarde, bem depois da pregação do sermão acima, Wesley escreve:

Primeiro, por arrependimento, você quer dizer apenas condenação do pecado. Mas essa é uma avaliação muito parcial do arrependimento. Qualquer criança que tenha aprendido o catecismo sabe que, no arrependimento, também está incluída

a renúncia ao pecado; [...] viver, quando há oportunidade, em obediência à vontade de Deus; e até mesmo quando não há oportunidade, ter sincero desejo e propósito de fazer isso; [...] e a fé nas misericórdias de Deus concedidas por intermédio de Cristo Jesus.⁶²

Note que essa perspectiva wesleyana acerca do arrependimento está claramente de acordo com que João Batista pregou no deserto. Diante do povo, ao ser perguntado por ele como proceder diante de seu próprio pecado, João Batista respondeu:

Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira. E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? E ele lhes disse: Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo (Lc 3.11-14).

Em Efésios, apóstolo Paulo revela este mesmo princípio:

Aquele que furtava não furete mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade. Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção (Ef 4.28-30).

A Bíblia expressa a necessidade do arrependimento porque, ao mesmo tempo, ela expõe a pecaminosidade universal dos homens. Nesse sentido, o arrependimento traz a ideia de dor, angústia e

miserabilidade em relação às nossas ações perversas. A consciência que uma vez estivemos rebelados contra Deus deve causar em nós tamanha comiseração.

A missão de Cristo: chamar pecadores ao arrependimento

O chamado de Cristo ao arrependimento era uma marca de seu ministério: “Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mt 9.13). Aqui, há um ponto muito significativo. A mensagem de Cristo é acolhedora e consoladora, mas essencialmente, ela requer o arrependimento dos que a ouvem. Num tempo marcado pelos discursos fáceis, em que Jesus aparece como quem recebesse a todos sem exigir nada em troca, é preciso reafirmar: por ocasião do seu ministério terreno, Nosso Senhor requeria e ainda requer dos que o ouvem, o arrependimento.

O conteúdo da mensagem evangélica

Atônitos, por serem confrontados com os seus delitos e pecados, os ouvintes do apóstolo Pedro, na ocasião do Pentecostes, perguntaram: “Que faremos, varões irmãos” (At 2.37). De pronto, o apóstolo Pedro lhes respondeu: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus para o perdão dos pecados” (At 2.38). Esta é pregação pura e simples: o chamado para o arrependimento e o convite para crer.

Se o arrependimento é a mudança completa da natureza, a fé é o único caminho de acesso a Deus, conforme expresso em Hebreus 11.6. É preciso arrepender-se, mas é preciso fé no Filho de Deus, o que significa confessá-lo com a boca e o coração.

Não se pode negociar com esse compromisso evangélico de pregar a Cristo, chamando o povo a arrepender-se e a crer. Num contexto onde a mensagem em muitos lugares está sendo violada, precisamos

ressoá-la conclamando que os homens se arrependam e creiam no evangelho.

III - REGENERAÇÃO

Quem passa pelo arrependimento e pela fé em Cristo, passa pela experiência da regeneração. É a obra em que Deus faz tudo novo em uma pessoa.

O que é regeneração

O teólogo Daniel Pecota define o termo regeneração assim: “A regeneração é a ação decisiva e instantânea do Espírito Santo, mediante a qual Ele cria de novo a natureza interior”.⁶³ Isso diz respeito ao ato regenerador de Deus mediante o Espírito Santo, de criar tudo novo na interioridade humana. Essa perspectiva aparece no Antigo Testamento quando ocorre a promessa de que o Senhor fez a respeito de tirar o “coração de pedra” e colocar no lugar um “coração de carne” (Ez 11.9). Essa promessa é corroborada por Ezequiel 36.25-27, quando o profeta diz: “Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo [...]. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos”. O Novo Testamento reafirma tal poder regenerador: “não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo” (Tt 3.5).

Características da regeneração na vida de uma pessoa

O conjunto de características que marcam a regeneração na vida de uma pessoa que se arrepende e crê não passa necessariamente por

aspectos físicos, mas por um conjunto de consequências espirituais que obrigatoriamente impactam a natureza material do ser humano.

Quem passou pela experiência bendita da regeneração não é mais dominado pela natureza pecaminosa, mas pelo Espírito Santo. Quem anda no Espírito, não mais será enredado pela concupiscência da carne (Gl 5.16).

Quem passou pela experiência bendita da regeneração reconhece-se como filho de Deus. O Espírito Santo testifica com ele a respeito dessa maravilhosa paternidade: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). O que significa que nossa natureza é outra, nossa filiação é divina e, portanto, estamos mortos inteiramente para o pecado, a transgressão e os delitos; e graciosamente vivos para Deus.

Quem passou pela experiência bendita da regeneração vive absolutamente diferente dos que não foram alcançados por tão maravilhosa graça. É um novo pensar, agir, sentir. As ações agora emergem de um interior completamente regenerado. Por isso, seu pensar, agir e sentir são novos.

A experiência da regeneração traz uma perspectiva de novidade para a vida com Deus. Assim, somos convidados por Ele a andar em novidade de vida. Andarmos em sua presença a fim de que, com coerência de nossa vida, o seu nome seja glorificado.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a obra de salvação traz para nós a perspectiva de quão grande é o amor de Deus. Um amor maravilhoso que não olha cor, raça, gênero e condição social. Mesmo o mais vil pecador é objeto do amor de Deus. Foi por ele que o Pai entregou o seu Filho.

Esse amor nos constrange a afastar-nos do caminho de maldade, perversidade e a andar em novidade de vida. Aqui, há uma correlação de amor e santidade.

Que amor é esse? É o amor que nos abraçou sendo nós pecadores ainda, mas que nos convidou a viver a santidade de Deus. É o amor baseado na bondade Deus, sua longanimidade, misericórdia e compaixão, que também é santo. O amor e a santidade de Deus são pontos que por nós devem ser sempre ressaltados. Foi esse amor que fez com que houvesse uma salvação. Por isso, esse amor nos constrange a amar, a ser santo, a estar em comunhão plena com Deus. A santidade como consequência direta do amor de Deus deve ter lugar precípuo em nossa vida pessoal.

Fomos eleitos e regenerados, respondemos a essa bênção com arrependimento e fé. Somos, assim, participantes da mais preciosa bênção que o nosso Deus providenciou para a humanidade: a salvação. Que amor é esse?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Kenneth. *Teologia de John Wesley: O Amor Santo e a Forma da Graça.* Rio de Janeiro: 2010.

DANIEL, Silas. *Arminianismo a Mecânica da Salvação: Uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

HORTON, Stanley (Ed.). *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

OLSON, Roger E. Olson. *Teologia Arminiana: Mitos e Realidades.* São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

PINK, A. W. *Deus é Soberano.* 2.ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.

- ⁵² Leia o que escreve A. W. Pink, no clássico reformado *Deus é Soberano*: “[...] A eleição feita pelo Pai precede a obra do Espírito Santo nos que são salvos, bem como precede a obediência que eles prestam mediante a fé” (PINK, A. W. **Deus é Soberano**. 2.ed. São José dos Campos - RJ: Editora Fiel, 1997, p.60).
- ⁵³ OLSON, Roger E. Olson. **Teologia Arminiana: Mitos e Realidades**. 1.ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2013, pp.237,38.
- ⁵⁴ Witt, William G. apud OLSON, Roger E., 2013, p.240.
- ⁵⁵ **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.110.
- ⁵⁶ HORTON, Stanley (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p.362.
- ⁵⁷ DANIEL, Silas. **Arminianismo a Mecânica da Salvação: Uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.429.
- ⁵⁸ Oriunda de duas palavras latinas, *supra* (acima, superior) e *lapsus* (queda), a expressão revela que, supostamente, Deus escolheu alguns para a vida eterna e condenou todos os demais seres humanos para a perdição eterna desde antes da fundação do mundo.
- ⁵⁹ Oriunda de duas palavras latinas, *infra* (abaixo, inferior, base) e *lapsus* (queda), a expressão traz a perspectiva de Deus estava contemplando todas as criaturas caídas e mortas no pecado. Assim, Deus escolheu os eleitos e ignorou os não-eleitos. Isso foi feito por decreto divino desde antes da fundação do mundo.
- ⁶⁰ Ibidem, p.367.
- ⁶¹ COLLINS, Kenneth. **Teologia de John Wesley: O Amor Santo e a Forma da Graça**. 1.ed. Rio de Janeiro: 2010, p.216.
- ⁶² COLLINS, Kenneth., 2010, p.217.
- ⁶³ HORTON, Stanley, 1996, p.370.

CAPÍTULO 10

Aspectos da Obra Redentora de Jesus Cristo

Por Marcelo Oliveira de Oliveira

INTRODUÇÃO

A obra redentora de Jesus tem diversos aspectos. Neste livro, já contemplamos alguns. Procurar compreender a mecânica da obra de salvação é adentrar aos estudos de tais aspectos, de modo que tenhamos uma espécie de mapa para o entendimento de nossa Teologia. Nas obras de Teologia Sistemática, especificamente as de perspectivas pentecostais, os aspectos da obra redentora de Jesus passa pela Eleição, o Arrependimento e fé, a Regeneração. Já estudamos esses aspectos num capítulo anterior. Neste, porém, nos deteremos aos aspectos que ainda não foram abordados. São eles: a Justificação, a Adoção e a Perseverança.

Acerca da Justificação, trabalharemos seu conceito, como sua imagem aparece no Antigo e no Novo Testamento, para, então, a partir dessa análise, conceituarmos com segurança o termo tão importante na soteriologia — o estudo da doutrina da salvação.

Outro aspecto da obra de salvação é a adoção. Uma doutrina igualmente relevante. Nessa oportunidade, perceberemos que a adoção bíblica é uma doutrina que remonta à nossa relação de filho e pai, na qual podemos experimentar o amor, a proteção e o cuidado

de Deus Pai. Notaremos também que é o Espírito Santo que testifica conosco acerca da paternidade divina. E que há efeitos práticos dessa afiliação que reafirmam fundamentos essenciais de nossa fé: o testemunho do Espírito Santo, a libertação do medo da condenação e a herança divina e eterna com Cristo.

Após justificados e adotados, cabe a pergunta: O crente perseverará até o fim? Infelizmente, este é um ponto controverso da teologia que gera muitas discussões. Entretanto, nesta oportunidade, apresentaremos duas perspectivas acerca do assunto. Primeiramente, falaremos sobre uma perspectiva positiva da perseverança do crente, ou seja, ele deve cultivar a certeza da salvação. A partir de textos bíblicos claros, veremos que somos exortados, pela Palavra, a não termos dúvidas de nossa salvação enquanto estivermos em Cristo. Em segundo lugar, apresentaremos uma perspectiva negativa da perseverança do crente em que a apostasia é uma possibilidade real e o crente, que uma vez experimentou a salvação em Cristo, pode retroceder e perdê-la. E que, por isso, há um clamor imperioso das Escrituras à santificação, à vigilância e à esperança ao Céu.

I - JUSTIFICAÇÃO

O que é Justificação?

O teólogo pentecostal Myer Pearlman refere-se ao termo “justificação” por meio de uma conotação do mundo jurídico em que a quitação da dívida e a declaração de justo são emitidas.⁶⁴ Essa perspectiva encontra apoio no Antigo e no Novo Testamento.

Destacaremos pelo menos dois versículos do Antigo Testamento para mostrar isso. Em ambos a palavra hebraica aparece em forma de verbo, *tsādaq*, ou seja, “ser justo, estar no direito, ser justificado, fazer justiça”.⁶⁵ Primeiramente, veja Êxodo 23.7: “De palavras de

falsidade te afastarás e não matarás o inocente e o justo; porque não *justificarei* o ímpio” (grifo meu). Em seguida, Deuteronômio 25.1: “Quando houver contenda entre alguns, e vierem a juízo para que os juízes os julguem, ao justo *justificarão* e ao injusto condenarão” (grifo meu). Note como os dois versículos trazem uma carga semântica do universo judicial. Nesses dois textos o justo é justificado e o injusto, condenado.

Em o Novo Testamento o termo empregado é a forma verbal *dikaioō*, que significa “declarar ser justo, pronunciar justo”.⁶⁶ Mas esse termo traz uma perspectiva especial, como também é o caso de *tsādaq*. Ele encontra-se na voz passiva, ou seja, o indivíduo é quem recebe a ação. Assim o termo encontra-se, por exemplo, em Mateus 12.37, por ocasião do dia do juízo, e do julgamento de nossas palavras: “Porque por tuas palavras serás *justificado* e por tuas palavras serás condenado” (grifo meu). Ainda em Romanos 3.20: “Por isso, nenhuma carne será *justificada* diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (grifo meu). Ora, o que está claro é que Deus é quem justifica o pecador (Rm 8.33). Nesse sentido a justificação bíblica é uma mudança de posição do pecador.

Assim, a justificação envolve o perdão e remissão de pecados, pois fomos redimidos (At 13.38,39); a restauração ao favor de Deus, não estando mais sujeito à sua ira (Rm 5.9); a imputação da justiça de Cristo (2 Co 5.21), em que os nossos pecados foram atribuídos a Cristo (quando nEste não havia pecado), e a justiça de Cristo foi atribuída a nós (quando de fato estávamos mortos em delitos e pecados).

A certeza da justificação

Essa é uma doutrina poderosamente consoladora. Os erros do passado têm o poder de paralisar as nossas ações presentes. Uma

das especialidades do Inimigo é ser o acusador das nossas vidas. Tentar tirá-lo do eixo, acusando-o de tudo quanto você fez no passado é a sua estratégia. Mas a Palavra de Deus nos traz uma mensagem consoladora, terapêutica e poderosa: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rm 8.33,34).

A libertação da culpa dos nossos pecados é a primeira grande liberdade do evangelho, pois assim podemos desfrutar da bondade e da misericórdia de Deus. É ter o fardo removido, o jugo da vida suavizado. Só o evangelho faz essas coisas. No lugar de andar cansada, alquebrada e curvada pelas circunstâncias sufocantes da existência, a pessoa justificada por Deus ergue a sua face para o alto e estende os braços para cima porque sabe que as amarras da culpa lhe foram removidas e destruídas.

Essa é a certeza que a doutrina nos traz, uma convicção enraizada na alma, para o bem de nossa vida espiritual e psicológica.

A operação da justificação em nós

Como a justificação opera em nós? Qual a sua causa? Qual a nossa participação quanto à maravilhosa bênção da justificação? Para responder a essas perguntas, caminharemos pelos seguintes pontos:

1. *A justificação tem origem na livre graça de Deus.* Recebemos essa bênção de maneira gratuita mediante a redenção que há em Cristo Jesus (Rm 3.24). Ou seja, a justificação tem origem na graça de Deus. Ela está fundamentada no sangue derramado de Cristo Jesus no Calvário, pois nEle a nossa posição diante de Deus virou (Rm 5.19). Tudo isso ocorre por meio da fé (Ef 2.8). Aqui, é preciso deixar claro que a fé não é a causa da justificação, mas o meio. As Escrituras

Sagradas mostram com clareza que a fé é o meio de receber a justificação, conforme nos mostra Daniel Pecota: “A Bíblia não considera meritória a fé, mas simplesmente como a mão vazia estendida para aceitar o dom gratuito de Deus”.⁶⁷ E ainda, Myer Pearlman diz: “Não existe mérito nessa fé, como não cabem elogios ao mendigo que estende a mão para receber uma esmola. Esse mérito fere a dignidade do homem, mas perante Deus, o homem decaído não tem mais dignidade; o homem não possui possibilidades de acumular bondade suficiente para adquirir a sua salvação”.⁶⁸ Assim, a justificação está assentada na livre graça de Deus, em sua gloriosa iniciativa.

2. *A justificação não é por causa das boas obras.* Não há obra da lei, não há mérito capaz de garantir a nossa salvação, senão a única e maravilhosa graça de Deus. Nesse sentido, a fé se opõe frontalmente às obras, quando esta quer dizer alguma tentativa para se garantir a salvação. Não há merecimento algum de nossa parte: “E é evidente que, pela lei, ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá da fé” (Gl 3.11). Logo, qualquer tentativa de aplicar o mérito próprio na justificação significa voltar-se contra todo o ensino das Escrituras a respeito dessa nobre doutrina. Entretanto, quando uma fé viva opera em nós, boas obras são produzidas como confirmação dessa fé: “Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2.26). Assim, mediante a fé, sem mérito humano, fomos justificados; porém, as boas obras produzidas são o aperfeiçoamento da fé (Tg 2.22).

II - A ADOÇÃO

Deus não mudou somente a nossa posição legal diante dEle, justificando-nos, mas Ele também nos adotou e deu-nos o privilégio de sermos chamados seus filhos.

A adoção como imagem bíblica

Uma das mais belas imagens da Bíblia é a relação de Pai e filho. Essa imagem é empregada nas Sagradas Escrituras para demonstrar como Deus trata conosco. A palavra “adoção” aparece cinco vezes nas epístolas do apóstolo Paulo. Na primeira vez, ela é aplicada a Israel como nação: “que são israelitas, dos quais é a *adoção de filhos*, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas” (Rm 9.4 – grifo meu). Noutra oportunidade, o apóstolo emprega a palavra referindo-se à consumação de nossa redenção por ocasião da segunda vinda do Senhor: “E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a *adoção*, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23 – grifo meu). Em Gálatas 4.4,5, a palavra aparece como um fato presente na vida do cristão: “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a *adoção de filhos*” (grifo meu). Outras duas ocorrências nas epístolas de Paulo carregam a mesma conotação: “E nos predestinou para filhos de *adoção* por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.5 – grifo meu); “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de *adoção de filhos*, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8.15 – grifo meu).

Os filhos de Deus

A partir desses textos, podemos afirmar que a palavra “adoção” tem o significado de “o lugar e condição de filho dados àquele a quem não lhe pertence por natureza”.⁶⁹ Essa é exatamente a significação da palavra grega *huiiothesia* (posição de filho). Nesse caso, filhos de Deus são os que recebem os privilégios, bem como os deveres, da afiliação divina por meio da experiência do novo

nascimento. Não por acaso, pode-se dizer, como faz a maioria dos teólogos sistemáticos, que a regeneração, a justificação e a adoção ocorrem simultaneamente na vida do crente.

Uma vez adotados, ou seja, tornados filhos, alguns efeitos práticos acarretam a vida dos que foram alcançados pela graça divina.

Efeitos práticos da adoção/filiação

1. *O Espírito Santo testemunha que somos filhos de Deus.* O Espírito Santo cria, no filho de Deus, a convicção, a certeza da filiação divina e do amor que nos leva a reconhecer a Deus como Pai. É exatamente isso que está expresso em Gálatas 4.5,6: “Para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o *Espírito de seu Filho*, que clama: *Aba, Pai*” (grifo meu). O teólogo pentecostal, William Simmons, a respeito da palavra *Aba*, mostra que “era um termo aramaico comum usado pelos filhos para se referirem a seu pai. Expressa amor familiar, descrevendo o relacionamento íntimo entre um pai amoroso e seu filho”.⁷⁰ O Espírito Santo proporciona esse mesmo relacionamento amoroso, paterno, acolhedor entre o filho de Deus e o Deus Pai.

2. *Completa libertação do medo.* Outra consequência natural da atuação do Espírito de Deus em nós é a libertação do medo: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, *estardes* em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos [...]” (Rm 8.15). Não há mais o porquê de temer a condenação. O Espírito que testifica a paternalidade divina em nosso coração, remove o temor da ira divina, pois “...agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, [...] Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.1,2). Não

há mais ameaça, não há mais acusação, não há mais afronta que possa atentar contra a nossa dignidade de filhos de Deus.

3. *Feitos herdeiros e coerdeiros com Cristo.* Temos agora uma herança: “E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Rm 8.17). Esse versículo nos mostra que estamos identificados com o Espírito, pois Ele nos testifica a filiação divina; e que, por isso, juntamente com Cristo, somos coerdeiros das promessas de Deus. Há também uma dimensão presente de vivermos o sofrimento atual que nos assola, pois vivemos os últimos dias; mas também há a esperança escatológica de sermos “glorificados” com Cristo. Devemos anelar por esse grande e esperado dia.

III - A PERSEVERANÇA

Esse é um assunto que é fruto de debates intensos. Nosso objetivo é tratá-lo a partir de uma perspectiva positiva da segurança da salvação, mas também não fugir do lado negativo do assunto. Sim, de acordo com o que vimos até o momento acerca da Justificação e Adoção, a Bíblia nos mostra com clareza que devemos estar seguros em Cristo a respeito de nossa salvação. Ninguém a pode tirar de nós. Esse é o ponto positivo do assunto. Entretanto, há um problema sério a respeito do tema. Há uma multidão de pessoas que serviram a Deus na igreja, confessaram ter passado uma experiência de salvação, tiveram a evidência do Batismo no Espírito Santo e, hoje, estão longe de Deus e de sua Palavra. Uns, para tentar dar uma resposta, afirmam que estes nunca foram verdadeiramente salvos. Mas não é assim que a Palavra de Deus nos mostra acerca do assunto, pelo contrário, é possível sim perder a salvação. Passamos agora a expor a respeito de tão importante tema.

A segurança da salvação

Todo crente deve ter uma perspectiva positiva a respeito de sua salvação. Em Cristo, ele está seguro. Ora, ele foi regenerado, justificado e adotado. Esse é um processo espiritual que Deus promoveu graciosamente na vida do crente. Foi o poder do Pai que fez essas coisas. Nesse sentido, em Cristo estamos seguros.

A Palavra de Deus traz fartos textos que nos mostram a verdade de que devemos cultivar a segurança em Cristo. Por exemplo, um texto que mostra que quem é nascido de Deus conserva a si mesmo e o Maligno não toca: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive pecando; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca” (1 Jo 5.18). Outro texto diz que estamos guardados na virtude de Deus mediante a fé: “Que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo” (1 Pe 1.5). Outros textos mais diretos trazem-nos uma segurança espiritual, como por exemplo, mostrando-nos que a vontade de Deus é que ninguém se perca: “E a vontade do Pai, que me enviou, é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último Dia” (Jo 6.39); que as ovelhas de Jesus ouvem a sua voz, o seguem e não perecem: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das minhas mãos. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las das mãos de meu Pai. Eu e o Pai somos um” (Jo 10.27-30). Esses e outros textos afirmam claramente a nossa segurança salvífica em Cristo. São garantias gloriosas, grandiosas. Devemos tomar posse delas e vivermos sua grande verdade. Ora, se estamos em Cristo, ninguém pode nos arrebatar de suas mãos. Como arminianos-pentecostais,

não há dificuldade alguma em aceitarmos e cultivarmos essas verdades bíblicas.

Entretanto, o Novo Testamento não diz somente isso. Não há nas Escrituras Sagradas somente versículos que apontam para essa perspectiva positiva da segurança da salvação. Há textos robustos que nos advertem igualmente acerca do perigo de darmos lugar à apostasia, e de cairmos da graça de Deus. O teólogo Daniel Pecota nos mostra que “não é possível apenas a apostasia formal, mas também a real (Hb 6.4-6; 10.26-31). A palavra grega apostasia (‘apostasia’, ‘rebelião’) provém de *aphistêmi* (‘partir’, ‘ir embora’) e transmite o conceito de modificar a posição em que a pessoa está de pé”.⁷¹ Vejamos agora a perspectiva negativa da doutrina da perseverança do crente.

A tragédia da Queda

Há uma quantidade imensa de textos bíblicos que nos exortam a zelar pela nossa salvação pois a tragédia da apostasia é imperiosa. Nosso Senhor disse que “por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. Mas *aquele que perseverar até ao fim será salvo*” (Mt 24.12,13 – grifo meu); e que “ninguém que lança mão do arado e *olha para trás* é apto para o Reino de Deus” (Lc 9.62 – grifo meu); ainda remete-nos ao exemplo da mulher de Ló: “Lembraí-vos da mulher de Ló. Qualquer que procurar *salvar a sua vida perdê-la-á*, e qualquer que a perder *salvá-la-á*” (Lc 17.32,33 – grifo meu); em João, nosso Senhor testifica: “Se alguém não estiver em mim, *será lançado fora*, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem” (Jo 15.6). Enfim há muitos outros textos que nos estimulam a refletir acerca da possibilidade real de o crente olhar para trás e cair.

A posição oficial de nossa denominação, de acordo com a sua *Declaração de Fé*, é a de que

Rejeitamos a afirmação segundo a qual “uma vez salvo, salvo para sempre”, pois entendemos, à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação a ele oferecida gratuitamente: *“Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo”* (Hb 3.12). Não há dúvidas quanto à possibilidade do salvo perder a salvação, seja temporariamente ou eternamente. Mediante o mau uso do livre-arbítrio, o crente pode apostatar da fé, perdendo, então, a sua salvação: *“Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De todas as justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá”* (Ez 18.24). Finalmente temos a advertência de Paulo aos coríntios: *“Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia”* (1 Co 10.12). Aqui temos mencionado uma real possibilidade de uma queda da graça. Assim, cremos que, embora a salvação seja oferecida gratuitamente a todos os homens, uma vez adquirida, deve ser zelada e confirmada.⁷²

Coerente com esse texto, há uma *Declaração Oficial do Presbitério Geral das Assembleias de Deus dos EUA*, acerca da segurança do crente, em que está clara a posição da denominação desautorizando completamente a perspectiva que defende a segurança incondicional da salvação, a qual sustenta que é impossível uma pessoa se perder após a experiência salvífica. É importante citar um documento como esse para mostrar que há uma unidade pentecostal no mundo, que fazem essa leitura comum das Escrituras a respeito da perseverança do crente. Essa perspectiva nos admoesta, chama a atenção e exorta quanto ao perigo da apostasia.

O perigo da apostasia é uma realidade porque, em primeiro lugar, a salvação é recebida e se conserva pela fé (Ef 2.8; Fp 3.9; Hb 10.38; 1 Pe 1.5; Rm 3.28; Gl 2.20.21); em segundo, a prática contínua do pecado atinge diretamente a fé do crente (Rm 3.5-8; 1 Co 3.1-3; Hb 3.12-14; 12.1; 1 Jo 1.8; 3.8); e, finalmente, o crente perde a salvação ao rejeitar a Cristo (Jo 17.12; 1 Tm 4.1; 5.12,15; Hb 6.4-6; 10.26,27,38; 2 Pe 2.20; 1 Jo 5.16).⁷³ Uma vez que se perde a fé e se rejeita o Salvador a apostasia se estabelece.

Nesse sentido, não podemos, nem devemos, ter receio de afirmar o que as Escrituras dizem de maneira clara. Entretanto, é importante ressaltarmos uma atenção em relação ao seguinte mal-entendido:

Alguns de persuasão wesleyana-arminiana insistem acreditarem os calvinistas que, uma vez salvos, podem cometer os pecados que quiserem, tantas vezes quantas quiserem, e ainda continuarem salvos como se acreditassem que obra santificadora do Espírito e da Palavra não os afeta. Por outro lado, calvinistas insistem que os wesleyanos-arminianos acreditam que qualquer pecado cometido compromete a salvação, de modo que “caem dentro e fora” da salvação cada vez que pecam como se acreditassem que o amor, a paciência e a graça de Deus são tão frágeis que rompem à mínima pressão. Qualquer pessoa bíblica e teologicamente alerta reconhecerá a mentira em cada uma dessas caricaturas. A presença de extremos tem levado a generalizações lastimáveis.⁷⁴

Não precisamos fazer ilações nem espantalhos em relação ao que o outro pensa. O que precisamos afirmar é que a nossa perseverança está em Cristo. Ele é a nossa maior garantia. Uma vez que a pessoa deixa a Cristo não há mais garantia. Não se pode esconder textos contundentes como este: “Porque, se pecarmos voluntariamente,

depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (Hb 10.26,27).

Cuidados com nossa salvação hoje

Por isso, é imperioso mantermos uma vida avivada no Espírito Santo. É preciso pedir a Deus que nos encha do seu divino Espírito. Aqui, é importante lembrar as lições que nos ensinou o teólogo pentecostal Donald Gee. Nesse sentido, uma primeira condição para manter-se cheio do Espírito é conservar um testemunho ousado, nos moldes do que o apóstolo Pedro apresentou (At 5.29).⁷⁵ Viver em profunda comunhão com Deus, agindo sempre na força do Espírito Santo. Ele nos conduz, Ele nos fala, Ele intercede por nós.

A busca por uma vida consagrada deve ser contínua. Esse esforço passa inevitavelmente por uma disciplina espiritual: consagrando a nossa vida em oração e jejum, meditando nas Escrituras Sagradas. Precisamos desejar uma disciplina espiritual, exercitando um estilo de vida piedoso. Uma vida que ame as coisas de Deus, priorize a sua presença, anele por estar diante dEle adorando-O e glorificando-O. Precisamos “operar a nossa salvação” (Fp 2.12). Ou seja, o processo de santificação pelo qual o crente busca a se parecer cada vez mais com Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Que obra maravilhosa e redentora foi o que o nosso Senhor fez por nós na Cruz! Aqui, podemos recordar um clássico louvor de nosso hinário, hino 541 da *Harpa Cristã*, composto pelo saudoso pastor José Pimentel de Carvalho:

No Calvário contemplamos
Nosso meigo Salvador!

Oh! Revelação de amor!
O mistério há tanto oculto
Deus em Cristo revelou!
Oh! Revelação de amor!

Calvário! Calvário!
Oh! Grande dor!
Calvário! Calvário!
Oh! Revelação de amor!

Deus amou a este mundo
E seu Filho ofereceu
Oh! Revelação de amor!
O Senhor, na cruz morrendo
De nós se compadeceu!
Oh! Revelação de amor!

Deus, o Pai, olhou o Calvário
E seu Filho abandonou!
Oh! Revelação de amor!
Mas sofrendo este abandono
Cristo deu-nos seu perdão!
Oh! Revelação de amor!

No Calvário a obra de redenção foi confirmada. O maravilhoso amor de Deus foi expresso ali em toda sua magnitude e generosidade. Assim, fomos justificados, isto é, nossa posição foi inteiramente alterada diante de Deus, de injustos, feitos justos; de culpados, inocentes. Assim também fomos adotados como filhos e filhas de Deus, instados pelo Espírito Santo a ter uma relação fraterna de Pai e filho com o Criador de todas as coisas.

A partir desse ato de amor, resta-nos perseverar na fé. Nossa segurança deve ser desfrutada em Cristo. Nele, por meio do Espírito

Santo, estaremos firmes até a sua vinda. Entretanto, precisamos estar alertas, vigilantes quanto a tudo o que potencialmente persiste em nos tirar do alvo: Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: *Romanos – Apocalipse*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Dicionário Vine. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

GEE, Donald. Como Receber o Batismo no Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

HORTON, Stanley (Ed.). Teologia Sistemática: *Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. 3.ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.

⁶⁴ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. 3.ed. São Paulo: Editora Vida, 2009, p.229.

⁶⁵ **Dicionário Vine**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p.162.

⁶⁶ **Dicionário Vine**, 2002, p.733.

⁶⁷ HORTON, Stanley (Ed.), 1996, p.373.

⁶⁸ PEARLMAN, Myer, 2009, p.241.

⁶⁹ **Dicionário Vine**, 2002, p.733.

⁷⁰ **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: *Romanos – Apocalipse*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.362.**

⁷¹ HORTON, Stanley (Ed.), 1996, p.376-77.

⁷² **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.114.

⁷³ Segurança do Crente. *Declaração Oficial do Presbitério Geral das Assembleias de Deus do EUA*. Trad. César Lopes. Disponível em: <https://ag.org/Beliefs/Position-Papers/Assurance-Of-Salvation?fbclid=IwAR2_1u9EriZM2ha-GX8q_SZ47L275DMRSOCULgb5qBt_6KPFpvpzGeVDxl> Acessado em 14 de Out. de 2019.

⁷⁴ HORTON, Stanley (Ed.), 1996, p.375.

⁷⁵ GEE, Donald. **Como Receber o Batismo no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p.45.

CAPÍTULO 11

A CURA DIVINA NO MINISTÉRIO DE **JESUS CRISTO**

Por Telma Bueno

INTRODUÇÃO

Vivemos em um século no qual podemos ver e experimentar o avanço da medicina aliado às novas tecnologias. Na atualidade, os hospitais dos grandes centros urbanos já podem contar com robôs cirurgiões e estes realizam procedimentos de alta complexidade com alta precisão. Contamos também com a chamada inteligência artificial, capaz de armazenar dados do paciente na nuvem, o que permite que os especialistas, de diferentes nações, troquem informações em tempo real, ajudando no diagnóstico de muitas patologias. Temos visto o tratamento, a cura e a prevenção de doenças graves, como por exemplo, a hanseníase que, nos tempos bíblicos, oprimiam as pessoas e as tiravam do convívio familiar. Contudo, ainda não é possível controlar algumas epidemias, dores e o sofrimento humano diante das enfermidades. As moléstias físicas e emocionais continuam a trazer dor, tristeza e opressão, tanto nos países do chamado G8, oito países mais ricos do mundo, como por exemplo, os Estados Unidos, Alemanha e França, seja entre os países mais pobres do mundo, como o Níger, no continente africano.

Neste capítulo, mostraremos que a cura divina, diante do avanço da medicina e tecnologia, continua fazendo parte do plano divino de redenção da humanidade. Porém, diante desse tema, algumas pessoas ainda fazem os seguintes questionamentos: Por que os milagres de cura não são tão recorrentes como nos tempos de Jesus? O que mudou? Acreditamos que Jesus não mudou. Cremos que Ele continua a curar as enfermidades do corpo e da alma e, aqui, veremos a cura divina como uma parte importante do ministério de Jesus Cristo.

I – A ORIGEM E A NATUREZA DAS ENFERMIDADES

A origem das enfermidades

Antes de criar o homem, Deus preparou um lugar perfeito para que fosse sua habitação. O Senhor não somente criou um lugar perfeito, mas criou também um ser perfeito, saudável e colocou nele a sua imagem e semelhança. Antes da Queda podemos ver o primeiro casal desfrutando de uma vida feliz e harmoniosa, com a natureza, com o Criador e entre si, como cônjuges. Então, o que deu errado? O pecado entrou no mundo. As doenças físicas e emocionais são uma consequência direta da Queda.

O Criador nos deu o livre-arbítrio, temos o direito de fazer escolhas, mas precisamos ter muito cuidado, pois toda escolha traz consequências, seja na vida espiritual ou física. O primeiro casal quebrou um princípio divino, quando princípios são quebrados, adoecemos, seja no corpo, na alma ou no espírito. No caso de Adão e Eva podemos ver que o mundo, até então perfeito, acabou por ruir completamente e agora segundo o autor Ken Ham⁷⁶, “o sofrimento e a morte abundavam nessa criação antes perfeita.” Com o pecado veio a morte, o sofrimento e as moléstias. Não fomos criados para morrer e nem para sofrer, mas para viver eternamente e ter uma

vida abundante, por isso não sabemos lidar com a morte e muito menos com as doenças (Gn 2.17). Ao criar o primeiro casal, Deus também concedeu-lhes uma missão: governar a Terra, cultivar o solo e guardar o jardim do Senhor (Gn 1.26; 2.15). Fica evidente que para cumprir tal missão eles precisavam de saúde física, espiritual e emocional.

O mundo, depois da Queda, jamais seria o mesmo, isso é um fato. Segundo o teólogo Vernon Purdy “ao entrar em cena o pecado, a humanidade começou a sofrer.” Ao lermos as Escrituras Sagradas fica claro que as enfermidades físicas e mentais são resultado do pecado, das escolhas erradas do primeiro casal. Entretanto Deus é bom e misericordioso; já no Éden Ele havia prometido e providenciado um Redentor que levaria sobre si as nossas dores e maldições.

Sufrimento físico é resultado da ira divina?

No Antigo Testamento é bem explícito a associação que as pessoas faziam entre o sofrimento físico, o pecado e a ira divina. Tomemos como exemplo o caso de Miriã. Ela ficou leprosa depois de questionar a atitude de Moisés em se casar com uma mulher cuxita, etíope (Nm 12). Também podemos ver o exemplo do rei Uzias que foi acometido de lepra depois de ter cometido um grave pecado (2 Cr 26.16-19).

No livro de Jó vemos que os seus amigos, Elifaz, Bildade e Zofar, reforçam a ideia de que as enfermidades e o sofrimento são resultados de iniquidades contra Deus e fruto da ira divina. Eles acusam o servo de Deus de ter cometido algum pecado, pois segundo a cosmovisão deles os justos não passam por aflições, mas somente os perversos e transgressores. Os amigos de Jó fizeram de tudo para que ele reconhecesse algum pecado que tivesse cometido. Sabemos que tal maneira de pensar é equivocada. Infelizmente, na

pós-modernidade, com a propagação da enganadora Teologia da Prosperidade, muitos também passaram a pensar como os amigos de Jó. Porém, é importante lembrar que Elifaz, um dos amigos de Jó, foi severamente repreendido pelo Senhor (Jó 42.7).

Quando Jesus deu início ao seu ministério terreno as pessoas também pensavam dessa forma, acreditando que somente os perversos eram acometidos pelas enfermidades. Jesus tem poder para curar toda e qualquer enfermidade, mas tal poder não nos isenta das adversidades e das doenças. No Novo Testamento as pessoas também associavam as enfermidades a pecados cometidos e à ira de Deus.

Tomemos como exemplo o capítulo 9 do Evangelho de João. Jesus estava passando com seus discípulos quando viu um homem cego. Por onde o Mestre caminhava havia sempre uma grande multidão, mas esta não impediu que Jesus olhasse para um pobre cego. Este episódio nos mostra que, em seu ministério terreno, Jesus sempre acolheu os doentes, os pobres e marginalizados. O Filho de Deus veio para os pobres e os excluídos, para aqueles que eram desprezados e colocados à margem da sociedade no tempo em que Jesus exercia seu ministério terreno, como os cegos, leprosos e aleijados. Os discípulos de Jesus, ao verem o cego da narrativa, demonstraram outro tipo de preocupação. Eles queriam saber: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

Enfermidades do corpo

Em Êxodo 15.26, Deus se revela ao seu povo como “Eu sou o Senhor, que te Sara”. Havia uma promessa para o povo do Senhor, se ele andasse conforme os preceitos do Todo-Poderoso, jamais seria acometido das enfermidades ou pragas que foram lançadas entre os egípcios. Tal fato nos mostra a bondade do Pai e o quanto Ele deseja que o seu povo seja saudável. Entretanto não podemos nos esquecer

que o cuidado com a saúde física e mental sempre foi, e sempre será, uma responsabilidade do ser humano. Nosso corpo é templo do Espírito Santo (1 Co 6.20). Então, é nossa responsabilidade cuidar muito bem dele. Deus quer que tenhamos saúde, mas cabe a nós tomar as decisões certas, fazendo escolhas sábias que não prejudiquem nossa saúde física ou emocional. A Palavra de Deus nos garante que um dia nós teremos um corpo glorificado, não mais sujeito aos males deste mundo e às doenças. Mas, enquanto esse dia não chega, devemos fazer a nossa parte.

Ao ler o livro de Levítico vemos que o Senhor deu aos israelitas uma lista dietética (Lv 11). Qual era o propósito dessa lista? Privar as pessoas de alguns alimentos? A preocupação de Deus era com a saúde do seu povo; Ele preocupa-se com o nosso bem-estar físico e mental (Êx 15.26).

Deus deu ao povo judeu numerosos mandamentos e seu significado médico só foi apreciado recentemente. Deuteronômio 23.13 ordenava que o soldado carregasse uma pá, de modo que todo excremento humano fosse enterrado. Levítico 13 ordenava o isolamento dos leprosos. Foi sugerido que a insistência da circuncisão levou a uma incidência muito baixa de câncer na cerviz entre as mulheres judias e que as proibições de casamento consanguíneos foram dadas para controlar o número de enfermidades hereditárias.⁷⁷

Jesus nasceu na Palestina, em um tempo em que o Império Romano dominava Israel. Havia tensão política e instabilidade social, tornando a vida das pessoas bem difícil. Mas, em meio às muitas crises, Jesus veio ao mundo restaurando a esperança de um mundo melhor, mais saudável em todos os aspectos. O Mestre viveu, exerceu seu ministério e cumpriu sua missão sacerdotal em

uma sociedade em que havia muitos pobres, escravos e enfermos. Por isso, é comum ver nos Evangelhos que onde Jesus estava sempre havia grandes multidões, apertando-o e desesperada por uma cura.

O Mestre sabia que algumas enfermidades do seu tempo eram resultado de problemas ligados às questões sociais e econômicas, contudo Ele também deixou bem claro que algumas enfermidades eram de origem demoníaca (Mt 12.27). Mas para Jesus não importava a origem, a causa, pois Ele curava todos.

Enfermidades da mente

Segundo o pastor Thiago Brazil “a Bíblia não é um manual de Psicologia, muito menos um livro preocupado em relatar quadros psicopatológicos”. Por isso, não vamos encontrar nos Evangelhos relatos específicos de curas de enfermidades da mente. Mas, em seu ministério terreno, certamente Jesus também curou pessoas que estavam acometidas de doenças mentais e emocionais. Sabemos que as enfermidades, sejam elas físicas ou mentais, são oriundas da Queda. Jesus, apresentado pelo profeta Isaías como o Cristo sofredor (Is 53), veio ao mundo para nos salvar e nos livrar da maldição do pecado. Logo, a cura divina faz parte da obra redentora de Jesus Cristo. Isaías diz que “verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53.4). Vejamos o que Vernon Purdy⁷⁸ tem a nos dizer a esse respeito:

A cura não deve ser considerada uma opção adicional, inteiramente à parte da nossa salvação. As Escrituras desconhecem um conceito de salvação que exclua todos os aspectos de natureza física. Semelhante conceito é um acréscimo filosófico ocidental à fé, e não uma definição bíblica de salvação. Dizer que Isaías 53.5 e 1 Pedro 2.24 falam exclusivamente de cura espiritual ou da salvação da alma, e

não de cura física, é estabelecer uma dicotomia estranha entre as dimensões espiritual e física da existência humana, dicotomia esta que as Escrituras não justificam.

A sociedade moderna, em alguns países desenvolvidos, conta com sistemas de saúde eficazes, diferente do tempo em que Jesus desenvolveu seu ministério terreno. Entretanto, estamos vivendo em um século difícil e trabalhoso (2 Tm 3.1), no qual temos visto o crescimento das chamadas doenças da alma, como por exemplo, a depressão, a ansiedade patológica, as fobias, o transtorno obsessivo compulsivo, etc. As doenças da alma não são visíveis, como são as fraturas de um braço ou uma perna, decorrentes de uma queda, contudo elas são reais, dolorosas e necessitam de tratamento. Segundo os profissionais de saúde mental, podemos dizer que a dor da alma é pulsante, porém metafórica; não sabemos exatamente onde dói, mas sabemos que vem de dentro para fora.

Atualmente fazemos parte de uma geração que procura cuidar bem do corpo, tendo uma alimentação saudável e fazendo atividades físicas, o que é muito salutar. Contudo, em relação à alma, podemos dizer que poucos cuidam dela como deveriam. As pessoas se submetem a uma carga excessiva de trabalho, na igreja e na vida secular, passam horas vendo programas televisivos e séries carregadas de violência e não tiram um tempo para descanso da mente e nem para a restauração da alma. Os resultados são os piores, comprometendo toda a saúde.

II - A CURA DIVINA COMO PARTE DA SALVAÇÃO

Naamã e seu mergulho na fé

Encontramos no Antigo Testamento vários episódios de milagres e curas. Naamã, general do exercito da Síria, é apenas um deles. Ele foi curado, salvo de uma doença incurável no seu tempo, a hanseníase.

É importante ressaltar que a palavra “salvar” tem um amplo significado, apontando para a obra redentora de Jesus Cristo. A palavra “salvar”, do latim *salvare*, tem como um dos seus significados libertar, redimir, pôr em um lugar seguro. E foi exatamente o que ocorreu com o general. Os sírios eram um povo idólatra que oprimia os hebreus, e a cura de Naamã foi uma demonstração de que o Deus de Israel é aquele que salva, que socorre e resgata a todos que o buscam independente da nação a qual pertence. A enfermidade desse honrado homem, e que ocupava uma importante posição no governo do seu país, também nos mostra que os nossos títulos, ministérios, bens materiais, fama e posição social não nos isentam das mazelas da vida humana.

Todos estão sujeitos às enfermidades; elas são o resultado da Queda. No caso de Naamã, a sua cura dependia do cumprimento de uma ação determinada pelo profeta Eliseu. Para ser curado, era preciso mergulhar sete vezes no rio Jordão. O general se mostra reticente em cumprir tal ordem, pois ele estaria expondo publicamente a sua condição. Porém sabemos que Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (Tg 4.6). Os milagres, os eventos sobrenaturais e as curas faziam parte da vida do povo hebreu, por isso podem ser vistos em todo o Antigo Testamento e cada cura apontava para a obra do Messias descrita em Isaías 53.

Como parte do processo de cura, o profeta Eliseu pede que Naamã vá até o rio Jordão e mergulhe sete vezes em suas águas. As águas do rio Jordão não tinham nenhum poder curativo, seria apenas uma questão de fé, de obediência. Qual era o propósito do profeta ao estipular tal ordem? Chamar a atenção para si? Não! A cura do general deveria ser um acontecimento público, pois segundo o *Comentário Bíblico Moody*⁷⁹ “o banho no Jordão enfatizava o poder de Deus para curar”. Todos deveriam ver e saber que só o Senhor é o

Deus que cura! Na atualidade a fé em Jesus Cristo continua sendo uma condição essencial para a operação da cura divina.

Na narrativa da cura de Naamã, aparece a figura de uma menina, uma escrava que servia à esposa de Naamã. Essa menina certamente foi arrancada de seu lar; levada cativa para uma nação inimiga. Contudo, ela se preocupa com o bem-estar do seu senhor e anuncia que em sua terra, na cidade de Samaria, havia um homem de Deus, um profeta que certamente restauraria a saúde de seu senhor (2 Rs 5.3). A menina estava revelando, à sua senhora, que em Israel havia um Deus que podia curar. Tal testemunho nos mostra que a juvenzinha deve ter ouvido, e até visto, alguns relatos de cura entre o seu povo, o que prova que os milagres eram comuns no Antigo Testamento. A menina escrava manteve a sua fé no Deus de Israel e por seu intermédio foi revelado aos sírios, um povo idólatra, o poder curador do Todo-Poderoso.

O general sírio não apenas obteve a cura física, mas converteu-se ao Deus vivo (2 Rs 5.15-19). Tal verdade fica evidente em sua declaração: “Eis que tenho conhecido que em toda a terra não há Deus, senão em Israel” (v. 15).

Salvação e restauração da saúde

No Evangelho de Mateus 9.18-26 encontramos o relato da cura de uma mulher que sofria com uma hemorragia havia doze anos. Jesus estava cercado por uma multidão e se dirigia para a casa de Jairo, pois sua filha estava gravemente enferma e precisava de uma cura. No caminho, Jesus é tocado por uma mulher cuja fé era extraordinária. A confiança da mulher encheu seu coração de ousadia e fez com que ela desconsiderasse a lei, pois tudo que uma mulher, em período menstrual ou com qualquer tipo de fluxo de sangue, tocasse, aquilo seria considerado cerimonialmente imundo.

A condição da mulher era socialmente terrível, vivia de forma oprimida e era considerada como propriedade do homem; uma mulher jamais ousaria tocar em um mestre publicamente e ainda mais naquelas condições. Alguns historiadores afirmam que talvez essa devesse ter sido a razão de tamanho constrangimento ao ter que dizer, publicamente, que havia tocado em Jesus e sido, imediatamente, curada. A mulher teria que admitir, de forma pública, a sua imundícia, a sua vergonha. Pensa no quão difícil era sua situação? Contudo, tal relato bíblico mostra não somente a cura da enfermidade física da mulher que tinha um fluxo de sangue, mas também a salvação da sua alma, pois segundo o Comentário Bíblico Pentecostal⁸⁰ o fato de Jesus dizer à “mulher que ela tivesse ânimo, porque a fé dela a curou, o verbo aqui é sozo, e em outras passagens significa ‘salvar’”.

Na atualidade temos a tendência de tratar o ser humano como uma “estante, com várias prateleiras, compartimentos”. Porém, Jesus tinha uma visão correta do ser humano, sua visão era holística, sabendo que a enfermidade do corpo afeta a alma e também o espírito e vice versa. Por isso, sua cura não incluía somente o corpo, mas fica evidente que em algumas passagens dos Evangelhos, o milagre do Salvador era completo e apontava para algo ainda maior que a cura, a salvação da alma.

Como deve um salvo cuidar de sua saúde

O salvo em Jesus Cristo deve cuidar do seu corpo com zelo, pois ele é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.20). Deus enviou seu Filho Jesus Cristo ao mundo para curar o nosso espírito, alma e corpo, por isso Ele deseja que tenhamos saúde física, mental e espiritual. Cabe a você tomar as decisões certas e fazer escolhas sábias em relação ao seu bem-estar. A Bíblia nos garante que um dia nós teremos um corpo glorificado, não estaremos mais sujeitos aos males deste

mundo: depressão, ansiedade, bulimia, obesidade, etc. Contudo, enquanto esse dia não chega, devemos fazer a nossa parte.

Uma pessoa doente, física ou mentalmente, terá mais dificuldades para adorar e servir ao Senhor e cumprir com os propósitos estabelecidos por Ele. Muitas das doenças da atualidade estão relacionadas às questões alimentares, precisamos ter cuidado com aquilo que ingerimos, que colocamos em nossa boca. Você já reparou que a mídia está a todo tempo dizendo o que devemos comer ou beber, influenciando nossos hábitos? Observe, com o olhar crítico, quantas propagandas de guloseimas e produtos industrializados são apresentadas por dia na tevê, nas redes sociais, nos meios de comunicação em geral.

Alguns comerciais de refrigerantes induzem as pessoas a consumirem outros produtos, como pizza e salgadinhos. Os lugares mostrados por essas peças publicitárias são sempre aconchegantes, com pessoas praticando esportes. Você não vê referência ao arroz com feijão, às frutas ou verduras. É muito alimento processado e quase nada natural, orgânico. É preciso vigiar (Mc 13.37)! Temos aplicativos para pedir comida sem sair de casa, com apenas um click, o que muitas vezes nos impede de pensar no que estamos comendo. A propaganda tenta influenciar os hábitos alimentares e muitos jovens não têm noção do que a gordura em excesso e o sódio podem causar ao nosso corpo. Deus está preocupado com o que nós comemos; nada está fora do interesse dEle. O Senhor deu aos israelitas uma lista dietética (Lv 11) e tal fato mostra a preocupação dEle com a saúde do seu povo. O Senhor preocupava-se com o bem-estar físico dos hebreus (Êx 15.26).

Um grande problema ligado à alimentação, incentivada pela publicidade, que tem preocupado as autoridades na área da saúde, é a obesidade: o acúmulo excessivo de gordura corporal. A obesidade

não é apenas um problema estético. Ela está associada a doenças cardiovasculares, diabetes e outros males. A Bíblia adverte que é preciso comer com sabedoria (Pv 23.2). Muitas são as opções de rodízios. Se paga um único valor e come-se até não poder mais. Não tem nada de mais se reunir com os amigos uma vez ou outra para um churrasco ou pizza. Mas todos os finais de semana não dá: “Andemos honestamente, como de dia, não em glotonarias....” (Rm 13.13). Infelizmente, nas cantinas de nossas igrejas e nos almoços de confraternizações, em geral, temos sempre poucas opções de lanches e comidas saudáveis, porém não faltam refrigerantes e salgadinhos fritos.

III- JESUS CURA OS ENFERMOS

A dedicação e a cura dos enfermos não foi uma coincidência, mas parte de um plano eterno

Jesus veio para anunciar o Reino de Deus e as curas e milagres operados por Ele tinham como objetivo mostrar que o Messias prometido havia chegado (Lc 4.43; 8.1). Jesus não somente curou, mas deu poder e autoridade para que seus discípulos também realizassem milagres e curas em seu nome (Lc 9.2, 60). O Filho de Deus principiou seu ministério terreno operando uma ação milagrosa em uma festa de casamento.

O primeiro milagre realizado por Jesus em Caná nos mostra que Deus não se importa somente com a nossa alma, mas com tudo que nos diz respeito. Muitos filósofos helenistas acreditavam que o corpo não tinha valor algum, Platão considerava que o nosso corpo era uma sepultura. Daí a ideia errônea de que Deus somente se preocupa com o nosso espírito. O Criador se importa com todo o nosso ser e não somente com nossa alma ou espírito. Observe o que Vernon Purdy ⁸¹ nos diz a esse respeito:

Por que é tão importante ressaltar que a antropologia dualista é um acréscimo estranho ao Evangelho? Porque o dualismo, no seu modo de entender a existência humana, tem sido a pressuposição dos que desejam separar do corpo as implicações salvíficas da expiação realizada por Cristo. Reduzir a expiação à esfera espiritual não provém dos ensinamentos das Escrituras, mas da influência de uma filosofia pagã. Denegrir o âmbito físico e material não faz parte do Antigo ou do Novo Testamento. Deus criou pessoas inteiras, e é sua vontade, conforme revelam as Escrituras, restaurá-las inteiramente.⁸²

Ao morrer na cruz, Jesus tomou sobre si os nossos pecados, sendo santo Ele se fez pecado por nós; Ele também foi ferido no seu corpo e foi feito saúde para nós dar uma vida plena, saudável (Jo 10.10). Segundo Vernon Purdy podemos afirmar que a “cura divina é parte do plano de salvação”.

Temos visto na sociedade atual muitos cristãos lutando arduamente pela conquista de bens materiais, fama, prestígio e poder. As pessoas querem, a todo o custo, serem VIPs e tais desejos, fruto de uma alma doente, acabam prejudicando a saúde física, emocional e espiritual. Essas pessoas em vez de viverem a vida abundante que Jesus Cristo conquistou para nós na cruz do calvário, acabam se tornando sobreviventes, tendo uma sobrevida. Precisamos refletir a respeito da sociedade na qual estamos inseridos como igreja. Que sociedade é essa? Tal reflexão vai nos ajudar a ter uma cosmovisão cristã e, com isso, sabermos identificar o que verdadeiramente é importante. Precisamos aprender a distinguir o supérfluo do que é realmente essencial para uma vida cristã autêntica e saudável.

Creemos que o desejo maior do cristão deve ser a conquista do prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus. De que adianta ter

todos os bens nesta terra, ser VIP, ter prestígio e perder a própria alma? O que é mais precioso para você? Siga o exemplo de vida do apóstolo Paulo, pois ele tinha como alvo a pessoa de Jesus Cristo, seu ideal e sua aspiração era conhecer mais do Mestre. Mas, para viver em plenitude ele sabia da necessidade de cuidar bem da sua saúde física e emocional. Por isso, encontramos em suas Cartas algumas recomendações para que os líderes cuidassem bem da sua saúde. “Não bebas mais água só, mas usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades” (1 Tm 5.23), essa foi uma recomendação para Timóteo, um jovem pastor. Em 1 Timóteo 4.16, Paulo exorta ao jovem pastor a cuidar de si mesmo, ou seja, cuidar de sua saúde, antes mesmo de cuidar da doutrina e da igreja do Senhor. Paulo sabia que para cuidar do rebanho do Senhor e realizar a sua obra é preciso ter saúde física e emocional. Infelizmente, muitos líderes não se preocupam com o seu corpo, com sua saúde física e emocional na mesma proporção em que cuidam da sua vida espiritual. Oram, leem a Palavra de Deus, jejuam, buscam ao Senhor, mas não vão ao médico, não cuidam da alimentação, têm uma agenda repleta de compromissos e trabalham até à exaustão. Como médico, Lucas, o escritor do livro de Atos, exorta aos pastores a olharem para si mesmos antes de cuidarem do rebanho que lhes foi confiado pelo Senhor: “Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos [...]” (At 20.28).

Jesus, a única resposta para alguns enfermos

No período em que Jesus exerceu seu ministério terreno já havia o exercício da medicina, pois Marcos relata no Evangelho que leva o seu nome, que a mulher que sofria com um fluxo de sangue “havia padecido muito com muitos médicos” (Mc 5.26). Existiam também lugares, ou melhor, algumas hospedarias, onde os hóspedes doentes

recebiam atendimento. Observe o que o pastor Claudionor de Andrade⁸³ nos diz a esse respeito:

Em seus primórdios, o hospital não era uma casa de enfermo ou de enfermidade, mas um lugar onde o hóspede, se enfermo, podia receber cuidados médicos. A parábola do Bom Samaritano é um quadro que ilustra muito bem a fundação dos hospitais como hoje conhecemos. Nessa belíssima narrativa, observemos algo muito importante. Os desvelos ministrados pelo samaritano àquele homem refletiram, de certa forma, as funções de um sacerdote levita. Se bem que tanto o sacerdote como o levita, nessa narrativa, embora até possuíssem alguma ciência médica, passaram de largo e ignoraram o seu paciente.

Segundo a história, o primeiro hospital moderno foi estabelecido, em 370 d.C., na cidade de Cesareia, como resultado de um benévolo édito imperial.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, os tratamentos médicos eram caros e somente os ricos podiam pagar. Mesmo tendo condições financeiras, os hebreus deveriam recorrer a Deus, o Criador, antes de recorrer aos tratamentos médicos. Tal fato fica evidente em 2 Crônicas 16.12, quando o rei Asa buscou os médicos antes de se voltar para o Senhor. Parece que o melhor procedimento era, e é, buscar primeiramente a Deus em oração (Nm 21.7; 2 Rs 20; 2 Cr 6.28-30; Sl 6, 107.17-21). Contudo, sabemos que havia doenças, como a temida lepra (uma das doenças mais terríveis da antiguidade e de alto contágio) não tinha cura ou tratamento como tem hoje. Jesus Cristo era a única resposta para os doentes mentais, os coxos, os leprosos e os cegos. Lendo os Evangelhos podemos ver que o Filho de Deus curou muitos leprosos (Mt 10.8;11.5), contudo Jesus não somente curou os doentes, mas ordenou que os seus discípulos

também os curassem: “E, indo, pregai dizendo: É chegado o Reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.7,8).

Não há protocolos para a realização da cura

Ao lermos os Evangelhos fica evidente que Jesus não seguia nenhum tipo de protocolo para curar os enfermos, pois como Filho de Deus, Ele era e é soberano e age no momento que deseja e da maneira que lhe agrada. Certa vez, ao curar um cego de nascença, Jesus cuspiu na terra, fez com sua saliva um pouco de lama e passou nos olhos do cego (Jo 9.6). Depois, o Salvador ordenou que o homem fosse até o tanque de Siloé e lavasse o rosto ali. O homem que recebeu a cura da sua cegueira demonstrou ter uma grande fé, pois, embora a ordem de Jesus fosse nada convencional e até anti-higiênica, ele cumpriu à risca as instruções. Tal episódio nos mostra que a obediência e a fé em Jesus são elementos essenciais para a cura do corpo, da alma e do espírito. Contudo, o Senhor é soberano e o fato de não sermos curados não significa que não temos fé ou que não estamos em obediência.

Sabemos que Jesus é poderoso para curar toda e qualquer enfermidade, contudo nem todos são curados. Por que algumas pessoas não são curadas? Não existe uma única resposta para tal questão. Porém, curados ou não, podemos ter a certeza de que Deus nos ama e um dia limpará de nossos olhos toda lágrima e estaremos no céu onde não haverá mais morte ou dores (Ap 21.4).

Em outra ocasião, Jesus curou dois cegos apenas tocando nos olhos deles (Mt 9.27-30). Em outro momento Jesus curou o empregado de um oficial romano com apenas uma palavra e à distância: “Então, disse Jesus ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E, naquela mesma hora, o seu criado sarou” (Mt 8.13). Já com a sogra de Pedro,

Jesus toca-lhe na mão e ela é imediatamente curada da febre e passa a servi-los com seu trabalho (Mt 8.14,15). Jesus não mudou, Ele continua a realizar milagres e a curar aqueles que lhe pedem ajuda, mesmo que muitos já não creem na cura divina e que outros afirmem que as curas e milagres foram somente para os tempos de Jesus e dos crentes do primeiro século.

CONCLUSÃO

Deus nos ama e jamais as doenças fizeram parte do seu plano para a humanidade. Elas são uma consequência da Queda. E foi para nos resgatar do pecado e dos seus efeitos maléficos que Jesus Cristo veio ao mundo, morreu na cruz em nosso lugar, e ao terceiro dia ressuscitou, ascendeu aos céus e de lá voltará novamente para nos buscar. Podemos afirmar que a cura divina é parte da nossa salvação e da obra redentora de Jesus Cristo. Todavia, precisamos deixar bem claro que, embora Jesus cure todas as enfermidades, em seu soberano amor, nem sempre curará todos os enfermos (1 Tm 5.23; 2 Tm 4.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. Adoração, Santidade e Serviço: Os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

Comentário Bíblico Moody. Vol 2. 2.ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular: São Paulo, 1985.

Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

Guia Cristão de Leitura da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

GOWER, Ralph. Novo Manual dos Usos & Costumes dos Tempos Bíblicos. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 154.

HAM, Ken. **Criacionismo: Verdade ou Mito?** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ZUCK, Roy B. (Ed.) **Teologia do Antigo Testamento.** 7.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

⁷⁶ HAM, Ken. **Criacionismo: Verdade ou mito?** Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p.343.

⁷⁷ GOWER, Ralph. **Novo Manual dos Usos & Costumes dos Tempos Bíblicos.** 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 154.

⁷⁸ HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 514.

⁷⁹ **Comentário Bíblico Moody.** Vol 2. 2.ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular: São Paulo, 1985, p. 179.

⁸⁰ **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, p. 72.

⁸¹ HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 514.

⁸² Ibid., p. 514.

⁸³ ANDRADE, Claudionor de. **Adoração, Santidade e Serviço: Os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 49.

CAPÍTULO 12

O Código de Ética de Jesus

Por Marcelo Oliveira de Oliveira

INTRODUÇÃO

Você sabe a diferença entre ética e moral? É comum haver uma confusão entre esses termos, pois o senso comum coloca essas duas palavras como sinônimas. Porém, quando estudamos Ética como uma área importante da Filosofia, uma das principais coisas que precisamos fazer é distinguir bem a diferença entre ela e a moral.

Enquanto a Moral refere-se ao comportamento estabelecido por um código legal, a Ética é a reflexão acerca da Moral. Nesse sentido, ela procura investigar a origem dos códigos morais, normas e comportamentos estabelecidos pela sociedade. Por que uma coisa é certa ou errada? Como decidir-se em relação a uma situação moral? Quais consequências tal comportamento terá para outras gerações? Quais os critérios usados para buscar-se um caminho correto e quais as consequências em relação ao descumprimento de um código moral? O filósofo cristão, Arthur F. Holmes, toma esse mesmo caminho ao abordar sobre o objeto da Ética:

A ética trata do bem (isso é, dos valores e virtudes que devemos cultivar) e do direito (isso é, de quais devem ser as nossas obrigações morais). Ela avalia pontos de vista alternativos do que é o bem e o direito; explora caminhos para

alcançarmos o conhecimento moral de que necessitamos; indaga por que devemos agir com correção e, a partir daí, conduz a problemas morais práticos, que estimulam a assim pensarmos prioritariamente.⁸⁴

Assim, se a Moral é o comportamento ou o próprio código, a Ética é a reflexão sobre esse comportamento ou código moral. Essa área do conhecimento filosófico ajuda-nos a refletir acerca do nosso agir. Se agimos como agimos, o que nos move a agir assim? O que tal reflexão tem a ver com a nossa condição de cristãos? Se obedecemos a Palavra de Deus, por que o fazemos?

Para os cristãos, a Bíblia é a base de todas as nossas obrigações morais no mundo. É por meio dela que conhecemos o propósito de Deus, o seu amor e a sua justiça. A Bíblia, mais especificamente o Sermão do Monte, é o código ético do Reino de Deus. O Sermão do Monte estabelece as bases para agirmos segundo o propósito de Deus de maneira consciente. Por exemplo, não basta somente não adulterar, mas é preciso não desejar executar essa prática (Mt 5.27,27). Ou seja, não basta só cumprir um mandamento; é preciso também saber o porquê de se estar cumprindo-o. A razão disso tem de ser nobre, justa e santa, tendo como o supremo fundamento o mandamento do amor (Rm 13.8-10).

Neste capítulo, tomaremos trechos do Sermão do Monte para refletir acerca de uma vida devocional vigorosa, que testemunhe a grandeza de Deus, a verdadeira piedade e devoção a Deus, deixando de lado qualquer fingimento ou aparência humana de falsa espiritualidade.

Veremos também que devemos juntar “tesouros no céu” e importar-se com o que reflete para o bem do Reino de Deus. É o desafio de viver-se uma vida voltada, não apenas para as coisas terrenas, como também para as coisas espirituais. Nossa herança está

no Céu. Aqui, não importa apenas o que “eu faço”, mas também o que “eu sou”.

I - ESMOLAS, ORAÇÃO E JEJUM

Por que oramos? Por que jejuamos? Por que somos instados a fazer obras de misericórdia? Essas três perguntas dizem respeito ao que está por trás de nossas ações. Elas podem revelar a intenção de nosso coração. É muito importante ressaltar que o código de ética ensinado por Jesus leva muito a sério a intenção, a nobreza e a pureza de nossa vida interior para realizar qualquer coisa. Quando o que fazemos não traz consigo a consciência verdadeira do Reino de Deus, trata-se, portanto, de hipocrisia. Por isso, essa palavra foi três vezes usada por Jesus no capítulo 6 de Mateus: (1) “Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os *hipócritas* nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens” (v. 2 – grifo meu); (2) “E, quando orares, não sejas como os *hipócritas*, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens” (v. 5 – grifo meu); e (3) “E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os *hipócritas*, porque desfiguram o rosto, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão” (v. 16 – grifo meu).

A hipocrisia mascara a sinceridade, dissimula os verdadeiros sentimentos e propaga a falsidade e o fingimento. A hipocrisia distorce a intenção pura, nobre e verdadeira. O pastor César Moisés Carvalho, na obra *O Sermão do Monte*, revela exatamente isso ao descrever a palavra hipocrisia, que aparece no capítulo 6 de Mateus:

O tríptico uso da expressão “hipócritas” [*hypokritēs*] (vv. 2,5,6), termo grego originalmente utilizado no teatro para os atores que representavam, denota a seriedade com que são encarados

os que fazem o bem com motivações escusas. É impossível não se lembrar de Mateus 25.31-46, quando as ovelhas forem separadas dos bodes, justamente por causa das boas obras executadas. Obras que, vale ressaltar, eram praticadas sem nenhum outro interesse por parte de quem praticava a não ser o bem da pessoa necessitada. Aliás, os benfeitores estavam fazendo ao próprio Filho de Deus, mas eles sequer sabiam disso! Nada fora feito para representar, pois eles sequer sabiam que estavam sendo observados e suas obras anotadas e contabilizadas.⁸⁵

Assim, se nossa vida de devoção a Deus não estiver amparada nos princípios claros expostos ali no Sermão do Monte, corremos o risco de cair na alcunha de “hipócritas”. Nossa vida devocional deve estar amparada em Deus, no desejo sincero de amá-lo de todo o coração, bem como amar nosso próximo para que nossas obras de piedade não se mostrem falsas.

Nossa vida devocional é para Deus

A vida devocional, conforme apresentada em Mateus 6, tem o seguinte tripé: esmola, oração e jejum. No sermão, Jesus afirma um princípio geral: os atos de piedade devem honrar a Deus e não colocar no centro a própria reputação. O que é criticado no sermão não são os atos piedosos, mas a exibição deles. Nesse sentido, os atos de piedade devem ser feitos sem ostentação.⁸⁶

1. *Esmolas (caridade)*. É importante ressaltar um ponto relevante aqui. Ajudar as pessoas, ou seja, atendê-las por meio de obras de caridade, é uma expressão do amor de Deus. Sim, aproximamo-nos mais de Deus quando fazemos isso. Esse entendimento estava muito presente na prática dos apóstolos. Reconhecemos o que Jesus ensina no capítulo 6 de Mateus, além de conformado em outros

Evangelhos, na prática ministerial dos apóstolos. Atente para estes versículos:

Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo (Lc 6.38).

Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade (At 2.45).

Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com diligência. (Gl 2.10)

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? (Tg 2.14-16).

Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade (1 Jo 3.17,18).

São textos bem contundentes. Não por acaso, desde os primeiros séculos até os séculos mais recentes, que marcaram os maiores avivamentos, os cristãos sempre se envolveram em obras de caridade no sentido de levar alívio ao sofrimento das pessoas. Isso foi feito por causa de uma consciência que predominava no Reino de Deus e que está assentada nos Evangelhos e no ministério apostólico.

Logo, o princípio bem claro para essa dimensão devocional é o da humildade, da discrição e do amor. Se o crente faz o bem para ser elogiado ou colher louros por tal ação, o que se revelará são motivos egoístas. Assim, ele será desmascarado como hipócrita. Isso ocorre porque, sob o disfarce de dar glória a Deus, o crente buscava a própria glória. Esse é um desafio grande para os que se esmeram em grandes associações cristãs, trabalhos de evangelização ou tudo o que despenda comunicação pública. O que pode estar por trás de

tudo isso é a competição por grandeza e a busca exagerada pelo sucesso, e não a glorificação a Deus e o amor ao próximo. O Sermão do Monte condena essa atitude.⁸⁷

2. *A oração.* No capítulo 6 de Mateus, não é a oração pública que é condenada, mas a sua exibição (v. 5). Ou seja, a oração genuína, e elevada a Deus com sinceridade, é a que Ele responderá. No capítulo 6, nos versículos 7 e 8, a oração é apresentada como algo que deve ser praticado com simplicidade e sinceridade, evitando as “vãs repetições”. Nos versículos 9-13, nosso Senhor apresenta um modelo de oração. Esse modelo indica as áreas de interesse que o crente em Jesus deve apresentar diante de Deus. Nessa oração, estão presentes ao menos seis petições: três que dizem respeito à santidade de Deus e à sua vontade e três que dizem respeito às nossas necessidades pessoais.⁸⁸ Em seguida, os versículos 14 e 15 dizem respeito ao perdão, que tem uma ligação estreita com a Oração que Jesus ensinou (Pai-Nosso), como explica o teólogo Daniel J. Harrington: “O dito sobre o perdão (vv. 14,15) está ligado ao Pai-nosso porque trata da mesma questão que a segunda das ‘súplicas sobre nós’ (6.12). Faz de nossa disposição de perdoar uns aos outros condição necessária para a disposição divina de perdoar-nos nossos pecados”.⁸⁹

A oração deve ser despida de qualquer exibicionismo pessoal. Não por acaso, nosso Senhor enfatizou a prática da oração em casa, no interior do quarto, fechando a porta. Aqui, não há espaço para exibicionismo ou dissimulação. O único espectador que interessa é Deus Pai. Assim, oramos em segredo. E o Pai, “que vê o que está oculto, [nos] recompensará” (Mt 6.6). Ora, o vigor de nossa devoção secreta determinará nossas ações públicas.

3. *O jejum.* O padrão para o jejum é o mesmo que foi apresentado pela caridade e oração. Requer-se descrição e recato. Ninguém precisa saber que o crente está jejuando, somente nosso Pai que está no Céu. Assim, o que é condenado é o exibicionismo do jejum.

A respeito da prática do jejum na Bíblia e no cotidiano, o que o teólogo James B. Shelton escreveu é esclarecedor:

O jejum é designado a melhorar a relação da pessoa com Deus, como também é tempo de purgação e refinamento de motivos. O jejum que Jesus fez no deserto demonstrou ser tempo de turbulência e prova. Os santos têm experimentado esse tipo de embate, mas eles também descrevem o jejum como tempo de purificação, limpeza, grande edificação espiritual e proximidade com Deus. A questão crucial é: “Atenção de quem estou tentando chamar com este jejum?”.⁹⁰

Em tempos de angústias, de necessidades espirituais e de muitas outras necessidades, temos no jejum uma arma poderosa para relacionarmos-nos com Deus intimamente, sermos edificados espiritualmente e fortalecermos-nos na sua presença.

Cada vez que nos aproximamos de Deus, distanciamos-nos de nosso ego e egoísmo. Nesse sentido, a disciplina piedosa da caridade, da oração e do jejum é um grande despertamento espiritual para voltarmos nossa atenção para o que realmente interessa na presença de Deus.

Cuidado para não sermos enganados pela maldade de nosso próprio coração

O pastor César Moisés Carvalho esclarece um princípio, que, se observado, não nos deixará enganados pela maldade de nosso próprio coração:

O feito de qualquer um, isto é, qualquer obra, jamais será “oculta” diante dos olhos de quem tudo vê e conhece. Inclusive as ações, não precisam ser necessariamente ocultas, escondidas, pois se não houver outra forma ou local, elas podem ser realizadas publicamente. A intenção com que elas irão acontecer não passará despercebida dos olhos do Pai. Portanto, o que se desaconselha aqui é a dramatização, o representar, o querer passar-se por piedoso, sendo hipócrita. Estes nada devem esperar por parte do Pai.⁹¹

O que fica claro nesse princípio é que nossa piedade deve ser sincera e verdadeira. Certamente, muitos de nós somos obreiros que têm acesso ao púlpito da igreja local, ou que estão diante de um departamento eclesiástico. Não podemos cair na armadilha de sermos performáticos diante das pessoas que nos ouvem. Se oramos em público, ou pregamos, ou conclamamos pessoas à oração e ao jejum, tudo isso deve revelar o desejo sincero de buscar a Deus, o seu poder, a sua graça e o seu amor. E, como vimos acima, se nossa vida devocional secreta não corresponder à sinceridade e à pureza de alma, nossa ação pública, principalmente no exercício espiritual, cairá no pecado da hipocrisia, da dissimulação e da falsa piedade. Então, de Deus jamais seremos recompensados (Mt 6.5).

Os riscos da “espetacularização” da fé

Ao estudar os princípios que regem os cristãos a partir do Sermão do Monte, não é possível deixar de olhar para a realidade e perguntar: Qual a linha tênue entre vivências espirituais como prática pública e a “espetacularização da fé”?

Mais uma vez, devemos ressaltar que nosso Senhor nunca falou contra a prática de piedade (caridade, oração e jejum), mas, sim, contra a intenção distorcida por trás do uso público da prática. Em

tempos de espetáculos da fé, o ensino de Jesus no Sermão do Monte é atual e necessário. Não são poucas as dissimulações espirituais em nome da fé. Falsos milagres, manipulação das pessoas e falsos movimentos que levam o nome de Jesus.

Nas redes sociais, ocorre a relação tênue entre evangelização e autopromoção. Tudo o que tenta usar o que é espiritual para autopromover-se não tem parte com Cristo Jesus. Por isso, é preciso compreender bem o que marca os princípios do Evangelho e o que Jesus espera de nós para viver nesse mundo. As marcas de Jesus passam pela discrição, verdade e sinceridade. Não nos iludamos com a glória desse mundo.

II - O TESOIRO NO CÉU

O texto bíblico de Mateus 6.19-21 diz: “Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no céu, onde as traças e a ferrugem não corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração”. Esse texto coloca ênfase na escolha que o discípulo de Jesus deve fazer entre Deus e as riquezas materiais. Trata-se de um contraste entre a fragilidade e a vaidade dos tesouros e riquezas terrenas, com a solidez do tesouro eterno. Se o tesouro terreno é o que faz pessoas buscarem os desejos egoístas e desenfreados, o tesouro eterno é a recompensa dos que fizeram caridade, oraram e jejuaram.

Esse trecho bíblico traz-nos a oportunidade de lembrar que há um tesouro no Céu. Nossa natureza é espiritual, nossa esperança não está nas riquezas deste mundo. Sim, a fé cristã é transcendental. A sua natureza é celestial, pois assim mesmo nosso Senhor afirmou: “Respondeu Jesus: O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse

entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui” (Jo 18.36). Essa perspectiva do Reino não significa escapismo em relação à vida no mundo. Pelo contrário, a História da Igreja Cristã mostra que quem mais influenciou a vida no mundo tinha a “mente no Céu”. Ou seja, viver a vida no mundo com a mente e o coração tomados pelas coisas de Deus trará efeitos concretos à nossa vida e à vida de quem nos rodeia: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” (Fp 4.8).

Que tesouro é esse?

Mas o que o texto de Mateus quer dizer com “tesouro”? Segundo o teólogo James Shelton, a palavra tesouro pode referir-se às riquezas materiais, como aparece em Mateus 2.11 e 13.44; porém, na maioria das vezes que aparece no Novo Testamento, ela remete a ideia de riquezas espirituais ou celestiais.⁹² Veja estes textos, onde a palavra tesouro traz essa conotação de riquezas celestiais ou espirituais: “O homem bom tira boas coisas do seu *bom tesouro*, e o homem mau do *mau tesouro* tira coisas más” (Mt 12.35 – grifo meu); “Por isso, todo escriba instruído acerca do Reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu *tesouro* coisas novas e velhas” (Mt 13.52 – grifo meu); “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um *tesouro no céu*; e vem e segue-me” (Mt 19.21 – grifo meu).

O Senhor Jesus usa a imagem de “ajuntar tesouros no céu” em contraste com “ajuntar tesouros na terra”. Este é perecível, vão, os ladrões roubam, a traça e a ferrugem consomem. Mas o tesouro que ajuntamos no Céu ninguém rouba ou consome. Aqui, de acordo com o contexto do Sermão do Monte, fica claro que a prioridade do seguidor de Jesus deve ser viver a ética do Reino de Deus neste

mundo. No lugar de apelo às riquezas ou quaisquer coisas materiais, nossa prioridade está centralizada nas coisas de Deus — amar a Deus, fazendo caridade para com o próximo, orando com fervor ao Senhor, jejuando e vivendo a piedade cristã com sinceridade e inteireza de coração, pois

uma vez que o coração se apega ao “tesouro”, àquilo que a pessoa mais valoriza, daí a importância de que esse tesouro, daquilo que lhe é mais caro, esteja nas coisas de Deus e seja mesmo o próprio Deus. Em se mantendo tal tesouro, o discípulo nunca perderá a esperança.⁹³

Onde juntar tesouros?

Tudo o que recebemos vem de Deus. Quando não temos essa perspectiva, achamo-nos donos de nossas vidas e abandonamos o Criador. É contra isso que a parábola do rico insensato insurge-se (Lc 12.). Nela, o fazendeiro acha-se muito afortunado, não se lembra de Deus e nem se importa com as pessoas necessitadas. A sua confiança está fundamentada nas riquezas que possui; por isso, ele “descansa, come, bebe e folga”. Isso ele faz dialogando com a alma dele (v. 19). Quando o interior é devorado pela cobiça, a mente é achacada pela concentração somente nos objetos terrenos, e o coração é tomado pelo desejo de possuir riquezas. A alma já não é alma mais, o transcendente desapareceu, e o espírito é como se não existisse. Não por acaso, explode a pergunta que acerta o âmago da questão: “Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será?” (v. 20). Ou seja, Deus disse que a vida daquele rico insensato extinguiria naquela noite. O insensato não tinha noção do que aconteceria com a própria alma. Nosso Senhor encerra a parábola dizendo que assim acontecerá com aqueles que ajuntam “tesouros para si” e não é rico para com Deus.

O que fica claro no texto é que viver a vida como se Deus não existisse é a consequência natural de quem prioriza a riqueza e os sucessos terrenos deste mundo. Por isso que o Senhor enquadra de maneira assertiva os ricos desse mundo: “Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus” (Lc 18.24,25). A questão aqui não é que a pessoa não entrará no Reino de Deus por causa da sua condição de rico, mas, sim, porque ela prioriza a suas riquezas e, conseqüentemente, distancia-se de Deus. Ou seja, a pessoa rica, com a cabeça integralmente voltada para as coisas terrenas, escolhe abraçar “Mamom” (o deus das riquezas e das coisas terrenas), pois de nada ela sente falta e, portanto, julga não precisar de Deus.

Entretanto, é importante ressaltar que quem foi materialmente abençoado por Deus e não pôs a sua confiança na incerteza das riquezas, mas nEle, e usa os seus bens para aliviar o sofrimento do outro e abundar em boas obras, poderão ter de Deus um grande favor: “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente e sejam comunicáveis; que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (1 Tm 6.17-19). Assim, creio estar claro que, aqui, não há nenhum incentivo à pobreza ou algo do gênero, mas uma palavra de bom senso. Graças a Deus temos, na sociedade, seguidores de Jesus que alcançaram altos postos. Muitos foram alçados por Deus em nobres posições. Outros ainda alçarão. Talvez você esteja entre eles, caro leitor. Mas a palavra divina para quem chega lá é: “não ponham a esperança na incerteza das riquezas”. Estas, por mais abundantes

que sejam, passam. O sopro de vida pode cessar a qualquer momento. No fim, o que sobrar?

Logo, percebemos com clareza que juntar tesouros no Céu é abundar em boas obras, não viver a vida só dirigida para o conforto financeiro, priorizando os empreendimentos terrenos. A vida vai além disso, pois nosso fundamento é Deus. Assim, devemos glorificá-lo em tudo. Nossa esperança não pode estar assentada na “incerteza das riquezas”, mas na “certeza de Deus”. As coisas terrenas são frívolas, mas as de Deus são eternas.

CONCLUSÃO

Só compreenderá a natureza da ética de Jesus quem nasceu de novo. Por isso, o Sermão do Monte foi dirigido aos discípulos de Cristo. Nele, não importa apenas “não fazer”, mas também o porquê de não fazer. Compreender a natureza de nossas práticas é fundamental para sermos parecidos com Jesus. Os princípios ensinados por Ele no sermão devem ser o fundamento de nossa prática piedosa e da forma como negociamos na vida.

Jesus não deve dominar só nossa vida espiritual, mas também nossa existência inteira. O que “somos” gira em torno de todas as esferas da vida em que nos encontramos. A vida espiritual deve ser dominada por Jesus, mas a material também. O que negociamos, o que prometemos, o que estudamos, o que empreendemos; enfim, tudo o que pensamos e fazemos deve ser dominado por Jesus. Isso, inevitavelmente, passa pela compreensão dos princípios expostos no Sermão do Monte, o código de ética do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. Comentário Bíblico. Vol. 3. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CARVALHO, César Moisés. O Sermão do Monte: *A Justiça sob a Ótica de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

HOLMES, Arthur F. Ética: *As decisões morais à luz da Bíblia*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

⁸⁴ HOLMES, Arthur F. *Ética: As decisões morais à luz da Bíblia*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p.10.

⁸⁵ CARVALHO, César Moisés. **O Sermão do Monte: *A Justiça sob a Ótica de Jesus***. ¹.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 102.

⁸⁶ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. **Comentário Bíblico. Vol. 3. 3.ed.** Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001, p. 19.

⁸⁷ **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1395.

⁸⁸ Ibid, 1995, p. 1396.

⁸⁹ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J., 2001, p. 20.

⁹⁰ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 56.

⁹¹ CARVALHO, César Moisés., 2017, p. 102.

⁹² ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 56.

⁹³ CARVALHO, César Moisés., 2017, p. 123.

CAPÍTULO 13

A SEGUNDA VINDA DO SENHOR JESUS CRISTO

Por Thiago Santos

INTRODUÇÃO

A Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo, certamente, é um dos assuntos mais claros da Bíblia. Antes de nos empenharmos a compreender o que as Escrituras Sagradas revelam sobre o assunto é importante entender o fundamento da Segunda Vinda de Cristo: sua ressurreição, o arrebatamento da igreja e a própria vida eterna.

A centralidade da fé cristã encontra-se no evento da ressurreição (1 Co 15.14). Tanto a vida presente quanto a eterna é possível graças ao evento da ressurreição de Jesus Cristo. Se Cristo não ressuscitasse dos mortos, todos os milagres realizados em seu ministério, o investimento em seus discípulos e, até mesmo, sua morte sobre a cruz, seriam em vão. A ressurreição de Cristo foi a culminância de um projeto eterno de Deus para restauração da sua comunhão com a humanidade.

Semelhantemente a promessa da Vinda do Senhor Jesus para buscar a sua igreja é mais um passo importante no cumprimento da profecia bíblica. O juízo de Deus está determinado sobre a humanidade. O arrebatamento da igreja é o escape determinado por

Deus para que o seu povo seja livre do sofrimento que há de vir sobre toda a terra.

E, como não poderia deixar de ser, a vida eterna é o resultado final de uma vida em comunhão com Deus e, respectivamente, com todos aqueles que creem e reconhecem a soberania do Senhor Jesus Cristo. Para os que se perdem, a vida eterna é a separação definitiva de Deus, mas para os que estão salvos, é a recompensa final após uma vida de fé e obediência aos preceitos da santa Palavra.

Por fim, vale dizer que estes são os três pilares da fé cristã que, inclusive, estão presentes no credo doutrinário das Assembleias de Deus. São neles que a igreja deve estar firmada a fim de que seja fortalecida e edificada doutrinariamente à espera do grande Dia da Vinda do Senhor.

I – SUA RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO

O evento da ressurreição de Cristo é a ratificação da obra de salvação anunciada pelos profetas no Antigo Testamento. Prestes a morrer na cruz, o Senhor Jesus disse: “Está consumado” (Jo 19.30). Nosso Mestre terminou a obra para a qual foi designado a cumprir.

A ressurreição de Jesus Cristo, no domingo pela manhã, foi a vitória mais importante, haja vista que se assim não ocorresse, toda a obra realizada pelo Mestre ao longo dos três anos de ministério, os milagres operados, a escolha dos discípulos e, até mesmo, a sua própria morte sobre a cruz, seriam insuficientes. A obra de Deus estaria incompleta se não houvesse a ressurreição.

Nas cartas paulinas é notório o destaque dado por Paulo à mensagem da ressurreição, de modo que a igreja considera este ponto como um dos principais pilares da fé. A obra da ressurreição não deve ser apenas considerada um marco, mas também, doutrinariamente, é o aperfeiçoamento da fé cristã.

Da mesma maneira a ascensão de Jesus ao céu é outro assunto que merece destaque. Este é o último ato público do ministério do Salvador (At 1.2-11). Aos seus discípulos, Ele deixou a promessa de que voltaria para buscá-los a fim de morarem eternamente em um lugar bem melhor (cf. Jo 14.2,3). Por fim, a sua ressurreição é a prova viva de que Ele é o Salvador do mundo e que veio para nos permitir alcançar a vida eterna.

A vitória mais importante

A ressurreição do Senhor Jesus Cristo é a vitória definitiva sobre o pecado e a morte. Tendo em vista que o salário pago aos pecadores por conta da desobediência aos preceitos da vontade de Deus é a morte (cf. Rm 6.23), a graça de Deus se fez presente, ratificando a vitória de Cristo por meio da ressurreição ao terceiro dia pela manhã (cf. Mt 28.1-10).

De acordo com a Declaração de Fé das Assembleias de Deus (2017, p. 62):

A morte e ressurreição de Jesus são os principais elementos que distinguem o cristianismo de todas as religiões da terra, pois Jesus, o seu fundador, vive para sempre: “havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre Ele” (Rm 6.9). A sua morte vicária seria destituída de significado teológico se ele tivesse permanecido na sepultura. Aquele corpo que foi crucificado não pôde ficar na sepultura. Essa ressurreição significa a glorificação e exaltação de Jesus, a vitória sobre Satanás, sobre o pecado, sobre a morte e sobre o inferno.

Não existiu antes, nem existirá depois, acontecimento tão relevante para a fé cristã como o fato de Jesus ter ressuscitado dos mortos. Tendo em vista que a morte é resultado do pecado, em

contrapartida, a vida é a ausência de pecado e a comunhão plena com Deus. Portanto, Cristo não poderia ficar retido na morte, pois Ele não havia pecado algum (cf. At 2.24).

A ressurreição como pilar da fé cristã

O evento da ressurreição de Jesus Cristo é o principal pilar da fé cristã. Paulo destaca a mensagem da ressurreição ao escrever para a igreja de Coríntios (1 Co 15). Diga-se de passagem, há muitos que tentam negar que a ressurreição de Cristo, de fato, tenha ocorrido. Acerca disso, o apóstolo Paulo comenta: “Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Co 15.16,17).

Nos dias de Paulo, alguns negavam a ressurreição corpórea de Cristo (v. 12). Respondendo, Paulo declara que se Cristo não ressuscitou, não há perdão, nem livramento do pecado. Fica claro que os que negam a realidade objetiva da ressurreição, estão negando totalmente a fé cristã. São falsas testemunhas que falam contra Deus e a sua Palavra. A fé que eles professam não tem valor, e, portanto, não são cristãos autênticos (STAMPS, 1995).

A temática da ressurreição não deve ser considerada apenas um fato de relevância espiritual, embora o seja de fato, mas também um importante aspecto doutrinário que serve de base para a pregação do evangelho. A mensagem da cruz não faria sentido se não houvesse a ressurreição e, portanto, este fato merece ocupar lugar de destaque no estudo da salvação.

De volta para casa

Após a ressurreição o assunto que finaliza a descrição sobre a estadia de Jesus aqui na terra é o momento da sua ascensão ao céu. A palavra ascensão, do latim, *ascensionem*, significa subida, elevação; é

a subida corpórea do Cristo ressurreto aos céus após haver cumprido o seu ministério terreno. O fato, testemunhado por mais de quinhentos irmãos, deu-se no quadragésimo dia após o seu sacrifício no Calvário (ler 1 Co 15) (ANDRADE, 1996).

A convicção de que vamos ser levados para morar eternamente no céu está associada a dois argumentos básicos que norteiam a Segunda Vinda de Cristo a este mundo. Em primeiro lugar, está a promessa de que Jesus voltaria para buscar a sua Igreja. Durante o momento da sua ascensão, os anjos anunciaram aos discípulos: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (At 1.11). Ele prometeu voltar para reencontrar os seus servos.

O Senhor prometeu que estava indo preparar um lugar especial para os seus servos. Em Jo 14.1-3, Jesus reafirma o seu compromisso de que voltaria para buscá-los e levá-los a um lugar onde eles estariam em comunhão plena com o Pai, um lugar de conforto e paz onde não haveria mais tristeza ou dor.

Em segundo lugar está a afirmativa de que a sua ressurreição é a prova cabal de que Ele é o Salvador do mundo e que veio para nos permitir alcançar a vida eterna. Ao ressurgir no terceiro dia pela manhã o Senhor estava ratificando a sua missão. A prova mais viva de que Jesus, verdadeiramente, ressuscitou é a transformação de vida de milhares de cristãos espalhados pelo mundo inteiro, que até hoje testemunham as verdades do Reino Celestial.

II – O ARREBATAMENTO DA IGREJA

A promessa da Vinda do Senhor para buscar a sua igreja é cumprimento da profecia bíblica. Deus já determinou um Dia em que há de julgar a humanidade, trazendo condenação para todos os que rejeitarem a salvação disponível mediante a fé no sacrifício de seu Filho. Entretanto, para os salvos, a vinda do Senhor será uma

ótima notícia, pois é o escape determinado por Deus para a sua Igreja a fim de que o seu povo seja livre do sofrimento que há de vir sobre toda a terra.

A compreensão de que Jesus virá buscar a sua igreja e livrá-la do sofrimento que há de vir sobre toda a terra é a nossa maior esperança. Nos Evangelhos, é possível encontrar uma série de discursos de Jesus que apontam os tempos do fim. Textos como Mateus 24.44; 25.13 e Marcos 13.32-37 registram o caráter repentino e imprevisível da Vinda do Senhor Jesus.

Da mesma forma, os textos paulinos também revelam aspectos importantes sobre como ocorrerá o arrebatamento da igreja, o encontro com o Senhor nos ares e o período da tribulação que há de vir sobre toda a terra. Os relatos de Paulo sobre o arrebatamento encontram-se registrados, principalmente, nas cartas aos Tessalonicenses (1 Ts 4.13-18; 2 Ts 2.1-12).

Vale ressaltar que estes eventos, embora relatados de forma explícita em o Novo Testamento, já estavam implícitos na mensagem de Deus no Antigo Testamento. Quando Deus anunciou o dilúvio, ao prover o cordeiro no lugar de Isaque, quando livrou o seu povo da escravidão no Egito e o colocou numa “terra que mana leite e mel” e, em outras ocasiões, é possível ver Deus presente, fazendo valer a sua Palavra, pré-anunciando que chegaria um dia em que Ele haveria de reunir o seu povo em um único lugar.

Os argumentos presentes nos Evangelhos em favor do arrebatamento

A palavra “arrebatamento”, do grego *harpagêsometha*, diz respeito à retirada brusca, inesperada e sobrenatural da Igreja deste mundo, a fim de que se encontre com o Senhor Jesus nos ares, por ocasião de sua Segunda Vinda. Este acontecimento, ao qual dedica o Novo Testamento dois capítulos (1 Co 15 e 1 Ts 4), constituir-se-á num dos

maiores milagres de todos os tempos, por abranger diversos fatos espantosos, inexplicáveis e incompreensíveis à lógica meramente humana (ANDRADE, 1996).

Nos Evangelhos, há registros que comprovam a iminência do arrebatamento da igreja. Jesus anunciou a sua Segunda Vinda por meio de parábolas, mas também foi claro e contundente no sermão profético. Em Mateus 24.44, o Senhor alerta os seus discípulos quanto à vigilância: “estai vós apercebidos também, porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis”. A advertência premente de Cristo no sentido de sempre estarmos espiritualmente prontos para sua vinda repentina, isto é, o arrebatamento, aplica-se a todos os crentes antes da tribulação (cf. Mt 24.15-29). É um motivo de perseverança na fé (STAMPS, 1995).

Em Marcos 13.32-37, Jesus conta a história de um homem que, partindo para fora da terra, deixou seus servos com a incumbência de realizar cada um a sua obra, e ordenou ao porteiro que vigiasse. Ao fim da história, o Mestre alerta: “Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã”. A palavra “estar alerta” exige vigilância. Durante o tempo que aguardamos o grande dia, nós crentes, semelhantes aos servos de uma casa do século I, temos a nossa “tarefa individual atribuída” (13.34). O fato é que nós não sabemos o momento em que o “quando” de Deus será transformado em “agora”. O quando de Deus pode ser hoje, amanhã, a qualquer momento. Mas essas opções não fazem diferença para nós, de modo algum. O importante é que esperemos ansiosamente, que vigiemos, usando cada dom e oportunidade para servir ao Senhor (RICHARDS, 2007).

Os pressupostos paulinos em favor do arrebatamento

Semelhanamente, encontramos nos textos paulinos, várias passagens que tratam a respeito do arrebatamento da igreja. Paulo aponta com clareza de que maneira ocorrerá o encontro da igreja com o Senhor nos ares e assinala para um período de tribulação que transcorrerá sobre a terra em concomitância com a atuação revelada do anticristo, o homem da iniquidade (1 Ts 4.13-17; 2 Ts 2.3-10).

Na Primeira Carta endereçada aos Tessalonicenses, Paulo anuncia que “o mesmo Senhor descera do céu” (v. 16). Esta passagem pode ser compreendida como uma palavra de ordem. De acordo com Lawrence O. Richards (2007, p. 460):

Keleusmati é um termo militar, e enfatiza a natureza da autoridade da palavra pela qual Jesus chamará os crentes mortos de volta à vida. Como João 5.25 diz, “Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão”. Naquela mesma hora a voz do arcanjo e o toque da trombeta de Deus servirão como um eco para a ordem de Cristo (Mt 24.31; Ap 11.15). E os mortos responderão. Paulo escreve que “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”, e, “depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados... a encontrar o Senhor nos ares” (4.16,17).

Da mesma maneira, Paulo anuncia em sua Segunda Carta que o evento do arrebatamento será sucedido pela manifestação do Anticristo, o homem da iniquidade que há de se levantar contra tudo o que está relacionado a Deus. Entretanto, Paulo ressalta que esta manifestação será marcada por sinais específicos que confirmam que o tempo de todas estas coisas se cumprirem está próximo. Um desses sinais marcantes é a apostasia. Certos expositores afirmam que o termo apostasia (gr. *apostasia*) se refere principalmente a uma

revolta de todos contra Deus e seu domínio no mundo em geral; outros dizem que é a apostasia dentro da igreja (BEACON, 2006).

III – VIDA ETERNA COM CRISTO

A vida eterna é o ponto mais elevado da vida cristã e o resultado final de uma vida de comunhão contínua com Deus neste mundo. Por seu amor e graça, todos os que creem podem ser salvos e desfrutar da alegria e paz eternas ao lado do Salvador. Ao contrário do que muitos pensam, a eternidade será um convívio eterno de celebração e gratidão a Deus por seu amor e graça, um estado de plenitude, fruto da restauração da comunhão plena que havia sido perdida no Éden.

A salvação é fruto do amor e graça divinos, e nunca foi resultado dos esforços humanos para fazer obras de caridade que justificassem a salvação. O objetivo central do Cristianismo é o desenvolvimento de um relacionamento contínuo e saudável com Jesus e, por consequência, com todos aqueles que reconhecem a soberania divina do Mestre.

A vida na eternidade não será inerte ou enfadonha como alguns podem pensar, muito pelo contrário, será dinâmica, haja vista que a alegria e paz se farão presentes. Serão momentos eternos de gratidão e celebração a Deus por tão maravilhosa salvação. A Escritura revela que viveremos conscientemente nos céus, sabendo quem é Jesus e nos lembraremos do que Ele fez por nós (cf. Mt 25.36-40).

Vale ressaltar que a eternidade é a recompensa final para as decisões que a pessoa fez aqui nesta esfera terrena. Para os que se perdem a vida eterna é a separação definitiva de Deus, no lago de fogo, mas para os que estão salvos é o galardão de uma vida de fé e obediência aos preceitos da santa Palavra. Viver pela fé com os olhos na eternidade é preservar a esperança da restauração completa da

comunhão antes perdida no Éden e a expectativa da liberdade completa ao lado de Deus.

Salvos pelo amor a Deus e não pelo medo do inferno

A salvação é a oferta de Deus à humanidade por intermédio do sacrifício de Jesus Cristo. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3.16). A Bíblia é contundente em afirmar que a salvação é um dom de Deus, não vem das obras para que ninguém se glorie (cf. Ef 2.8,9). Porque fomos criados por Deus para praticar as boas obras que Ele mesmo preparou para que as praticássemos (v. 10).

Outro aspecto importante no tocante à salvação é a motivação que nos leva a desejá-la. Há pessoas que desejam ir ao céu não porque entenderam o amor de Deus e desejam se arrepender de seus pecados. Antes, a única motivação é porque ouviram dizer que aqueles que não creem em Deus vão para o inferno. Quando a Bíblia se refere ao inferno, muitas vezes, diz respeito ao local que abriga as almas dos iníquos até que se instaure o Juízo Final. Pela escatologia bíblica, o inferno (gr. *hades*) é apenas um lugar intermediário. Dali, os ímpios hão de ressurgir para serem lançados no lago de fogo (Ap 20.14) (ANDRADE, 1996).

A Escritura revela que Deus esquadrinha o coração do homem e prova os pensamentos (cf. Jr 17.10). Não há nada ocultos aos olhos do Senhor, Ele sabe quais são as intenções do coração de cada ser humano. Portanto, o medo do inferno não é uma boa justificativa para ser salvo. É preciso crer e confessar Jesus Cristo como único e suficiente Salvador (cf. Rm 10.10). O que livra o pecador do inferno não é o medo, e sim a graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo (cf. Ef 2.8).

A celebração eterna

A vida na eternidade é uma verdadeira celebração a Deus como forma de agradecimento por sua maravilhosa graça que nos trouxe salvação. Será, finalmente, um tempo de paz e alegria que não terá fim. Aos que creem no sacrifício de Jesus, será possível desfrutar da plenitude da vida eterna ao lado do Criador.

Há muitos que pensam que a vida eterna será lugar onde viveremos num estado de plena inconsciência e inércia ou como se tudo o que somos hoje — memória, sentimentos, identidade — fossem completamente apagados da nossa memória. Muito pelo contrário, a Escritura revela que viveremos conscientemente nos céus, sabendo quem é Jesus e nos lembraremos do que Ele fez por nós.

Em Mateus 25.36-40, está escrito que o Senhor trará à nossa memória todas as vezes que agimos com benignidade e misericórdia em relação ao próximo, confirmando assim que haverá uma consciência das ações praticadas em vida. Os efeitos do pecado, tais como a tristeza, a dor, a mágoa e a morte (7.16,17; Gn 3; Rm 5.12; Is 35.10; 65.19), já se foram para sempre, porque as coisas más do primeiro céu e da primeira terra foram-se completamente. Os crentes apenas se lembrarão das coisas santas que valem a pena ter na memória; decerto não se lembrarão do que lhes causaria tristeza (Is 65.17) (STAMPS, 1995).

Certamente, não será um lugar de lembranças ruins, e sim de boas recordações para os salvos, por saberem que apesar de tantas lutas e dores enfrentadas neste mundo, tais sofrimentos não foram páreos o suficiente para roubar deles a esperança da vida eterna.

O regresso ao estado de plenitude

A eternidade terá início no momento em que a humanidade há de receber a recompensa final por todas as decisões tomadas nesta

esfera terrena. Para os que se perdem é a separação definitiva de Deus, no lago de fogo, mas para os salvos é apenas o início de uma nova vida ao lado do Criador.

Viver eternamente com Deus é o estado de plenitude planejado por Deus para o homem no jardim do Éden. O pecado fez com que a humanidade perdesse a comunhão plena com o seu Criador. A restauração dessa comunhão é possível graças a fé em Jesus Cristo, pelo qual é possível alcançar a justificação e, por fim, a paz com Deus (cf. Rm 5.1,2).

O plano de reconciliação arquitetado por Deus trouxe para a humanidade uma nova oportunidade de ter acesso a bênçãos superiores que o Senhor havia disponibilizado no jardim do Éden. Mas não para por aí, pois Deus não somente concedeu a oportunidade de renovação da comunhão, como também concedeu ao ser humano, a graça de tornar-se herdeiro das riquezas celestiais eternas (cf. Rm 8.17).

Como afirma Stanley Horton (1996, p. 645):

Nossa salvação traz-nos a um novo relacionamento que é muito melhor do que aquele que Adão e Eva desfrutavam antes da queda. A descrição da nova Jerusalém demonstra que Deus tem para nós um lugar melhor do que o jardim do Éden, com todas as bênçãos do Éden intensificadas. Deus é tão bom! Ele sempre nos restaura a algo melhor do que aquilo que perdemos. Desfrutamos da “comunhão intensificada com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e com todos os santos”. A vida na nova Jerusalém será emocionante. Nosso Deus infinito nunca ficará sem novas alegrias e bênçãos para oferecer aos redimidos.

Assim sendo, viver pela fé é alimentar a esperança de que não seremos confundidos quando o Senhor retornar para buscar a sua igreja, e desfrutaremos a liberdade completa ao lado de Deus. Por esse motivo, a igreja precisa guardar os preceitos da Palavra de Deus com temor e tremor, a fim de que aquele dia não seja um dia de surpresa, e sim um momento de alegria esperado pelos santos servos de Deus. Para tanto, a Bíblia orienta aos seus servos que ocupem a mente com as coisas que são de cima, isto é, dos céus, e não com as coisas pertinentes a esta terra (cf. Fp 4.8; Cl 3.1-4).

CONCLUSÃO

O mais importante no contexto da doutrina sobre a Segunda Vinda do Senhor é não esquecer que a centralidade da fé cristã encontra-se no ato da ressurreição de Jesus Cristo. Sua ressurreição é o ápice do projeto divino para a humanidade. Sem ela a salvação não seria possível, visto que o processo que se inicia na sua morte não estaria concluído. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1 Co 15.57). Ele venceu a morte e, por causa disso, pode da mesma maneira nos proporcionar a entrada na vida eterna.

Sendo assim, resta à sua igreja, aguardar esperançosamente o grande Dia da sua Vinda. Ele virá com o seu poder e arrebatará os salvos. Este será o grande livramento do Senhor aos seus servos. Com esta palavra a igreja deve estar consolada e confiante (cf. 1 Ts 4.18).

E, por fim, vale destacar que será um momento de muita celebração e alegria. Ali, não haverá mais dor, nem lágrima nem sofrimento algum para sua igreja. Será um lugar de recompensa para o salvo. Que a igreja preserve firme a confiança de que estará para sempre com o Senhor em um lugar muito melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor C. Dicionário Teológico. 13ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. (Eds.) Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. 4ª ed. v.1. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

GREATHOUSE, Wilian M.; METZ, Donald; CARVER, Frank. Comentário Bíblico Beacon. v. 8. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

HORTON, Stanley. Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

SILVA, Esequias S. (Org.) Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

RICHARDS, Lawrence O. Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.



Thiago Brazil



A Igreja do Arrebatamento

O Padrão dos Tessalonicenses
para estes Últimos Dias



A Igreja do Arrebatamento

Brazil, Thiago

9788526315747

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao escrever suas duas cartas à Igreja que se reunia na grande cidade de Tessalônica, Paulo não apenas abordou questões acerca da volta de Cristo. Ele foi além, tratando também da inspiração e autoridade das Escrituras, da salvação expiatória em Cristo e, principalmente, como viver uma vida frutífera, santa e amorosa até a volta de nosso Senhor. Tudo isto e muito mais você encontrará comentado neste livro de Tiago Brazil. Um Produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)



O GOVERNO DIVINO EM MÃOS HUMANAS

*Liderança do Povo de Deus
em 1º e 2º Samuel*



Osiel Gomes

O Governo divino em mãos humanas

Gomes, Osiel

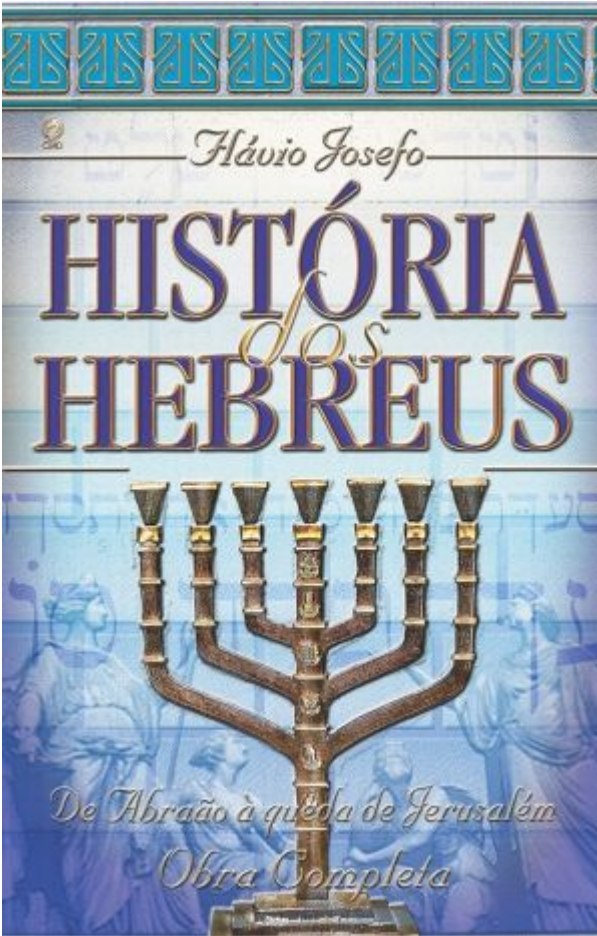
9788526319073

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A liderança de Davi e de Salomão, como descrito em 1 e 2 Samuel contrasta com a conflituosa e instável vivência no livro de Juízes e ressalta a significância de bons e verdadeiros líderes, que tenham compromisso com Deus e queiram, de fato, fazer a Sua vontade. Nesta obra, faremos um passeio pelos livros de 1 e 2 Samuel que compreendem 130 ou 140 anos, envolvendo os seguintes personagens: Samuel, Saul e Davi, cada um apresentando algo positivo e algo negativo.

[Compre agora e leia](#)



História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

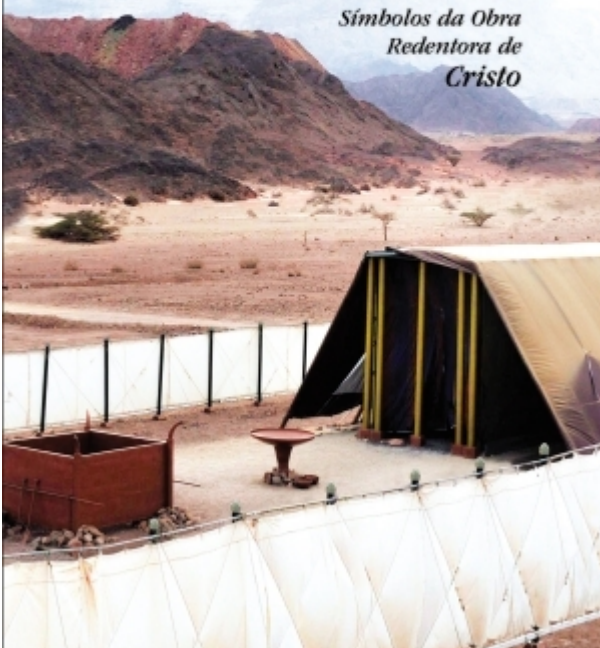
[Compre agora e leia](#)



Elienai Cabral

O TABERNÁCULO

*Símbolos da Obra
Redentora de
Cristo*



O Tabernáculo

Cabral, Elienai

9788526318687

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estudar o Tabernáculo leva a um profundo conhecimento bíblico que revela verdades espirituais para a vida e a uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que Deus sempre procurou com Seu povo. E ainda hoje Ele busca habitar em nosso meio, rompendo as barreiras do pecado que insistem em nos separar. O Tabernáculo era a presença física de Deus na terra para que os homens pudessem ver a manifestação da presença divina através de objetos que foram cuidadosamente escolhidos por Deus, entre eles a Arca da Aliança. Nesta obra estudaremos sobre o Tabernáculo e entenderemos que ele era um tipo perfeito de Jesus Cristo, pois Ele também foi a manifestação visível de Deus e habitou no meio do povo. Livro escrito como texto de apoio à revista Lições Bíblicas de Adultos do 2º trimestre de 2019 da Escola Dominical, comentadas também pelo autor do livro, pastor Elienai Cabral.

[Compre agora e leia](#)



HERÓIS DA FÉ

VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO

ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando

9788526311954

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre, amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de

peessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)